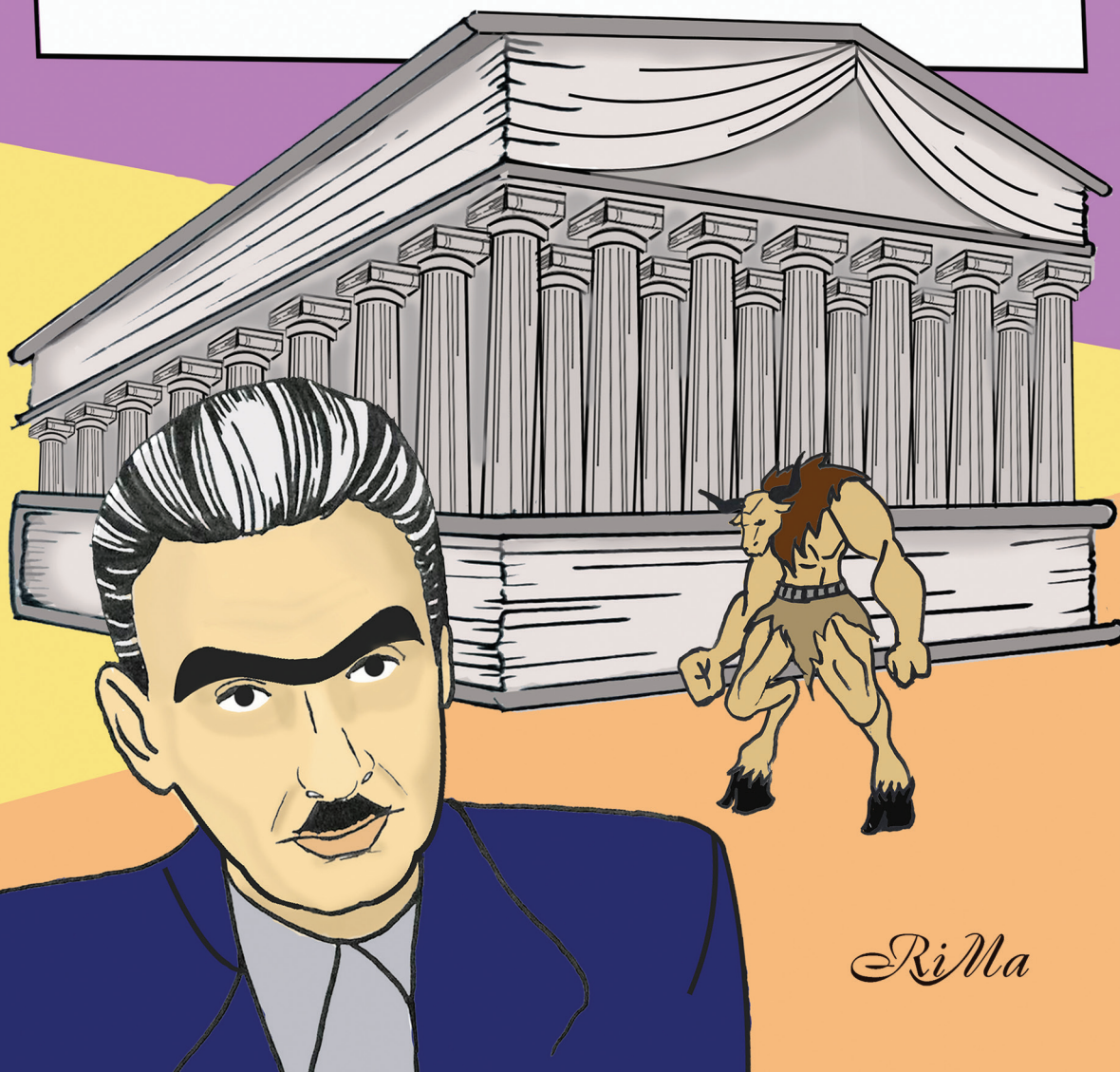


AS GRÉCIAS DE LOBATO

A RECONSTRUÇÃO DO MUNDO CLÁSSICO NA OBRA LOBATIANA

RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS



RiMa



Raquel Endalécio Martins,
Doutora em Letras pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie, Mestre em
Filosofia pelo Programa Culturas e
Identidades Brasileiras pelo Instituto
de Estudos Brasileiros da Universida-
de de São Paulo, pós-graduada em
Educação à Distância pela Universi-
dade Metropolitana de Santos e gra-
duada em Letras pela Universidade
Presbiteriana Mackenzie. Atualmente
é professora de Língua Portuguesa e
Literatura do curso de Educação do
Campo da Universidade Federal de
Roraima e líder do Grupo de Pesquisa
“Recepção da literatura infantojuve-
nil e práticas sociais de letramento li-
terário”.

ORCID: 0000-0002-9753-3334

AS GRÉCIAS DE LOBATO

A RECONSTRUÇÃO DO MUNDO
CLÁSSICO NA OBRA LOBATIANA

RAQUEL ENDALÉCIO MARTINS

RiMa

São carlos
2025

Copyright © 2025 da autora

Direitos reservados desta edição:
RiMa Editorial

Capa: Beatriz Diógenes Bezerra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386g Martins, Raquel Endalécio
 As Grécias de Lobato: A reconstrução do
 Mundo Clássico na obra Lobatiana / Raquel
 Endalécio Martins. – São Carlos, SP : RiMa
 Editorial, 2025.
 124 p. ; il.

Formato: eBook
ISBN: 978-65-84811-90-4

1. Literatura - análise e crítica. I. Título.

CDD 801.95

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura - análise e crítica 801.95

COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins (RiMa Editora)

Paulo de Tarso Martins (RiMa Editora)

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

Norma Valencio (UFSCar - SP)

Pedro Roberto Jacobi (USP - SP)

RiMa

Rua Virgílio Pozzi, 81 – Jardim Santa Paula

CEP 13564-040 – São Carlos-SP

Fone: (16) 991748888

AGRADECIMENTOS

Louvo a Deus, pelo seu amor e misericórdia comigo em toda minha vida, especialmente nestes últimos anos.

Agradeço o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que investiu na minha formação de pesquisadora e apoiou minha dissertação de mestrado, a partir da qual escrevi esta obra.

Agradeço aos meus pais, que me incentivam e me ensinaram a conquistar os meus sonhos.

Agradeço às amigas que se fizeram irmãs: Manuella, Rebeka e Jussara.

Muito obrigada às queridíssimas Jéssica e Piedade – vocês são joias que ganhei de presente.

Sou grata pelas valiosas contribuições dos professores Marisa Midori, Telê Ancona Lopez, Marisa Lajolo e Marcos Antonio de Moraes.

Agradeço muito aos queridos da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato pela excelente assistência e saborosas tardes de conversas: Oiran Antonini, Azilde Lina Andreotti e Kazue Matuda Miura – um trio excepcional!

Aos queridos do IEB que sempre me ajudaram muito! Aos professores e amigos do Mackenzie que acompanharam meu trabalho e me apoiaram o tempo todo.

À Universidade Federal de Roraima, muito obrigada por se tornar um lar para mim.

E, principalmente, agradeço aos meus três grandes amores: meu esposo, Luciano, e meus filhos, Murilo e Milena.

*Neste mundo, tudo está ligado a
tudo, sonho, criação, obra.
É o que nos vale, o trabalho¹
(José Saramago)*

1. SARAMAGO, J. História de uma flor. In: SARAMAGO, J. *Outros Cadernos de Saramago*. Blog: 25 mai 2009. Disponível em: <<http://caderno.josesaramago.org/2009/05/25/historia-de-uma-flor>>. Acesso em: 23 out. 2012. Não paginado.

PREFÁCIO

RAQUEL, LOBATO E DIMENSÕES DE UMA IMPORTANTE PESQUISA

No silêncio da tarde, debruço-me, mais uma vez, sobre *As Grécias de Lobato: reconstrução do mundo clássico na obra lobatiana*. Este livro de Raquel Endalécio Martins, gratificante aos admiradores de Lobato, atrai também a leitura daqueles que a Grécia encanta, no incessante diálogo dos seus mitos com a humanidade. Roberto Calasso, em *Núpcias de Cadmo e Harmonia* (1988), romance para Loredana Caprara ou rapsódia para mim, obra de indiscutível modernidade, recria enredos, narrador viajante nos tempos imemoriais. Arrebata-nos! No estudo da reconstrução ficcional da Grécia Antiga realizada por José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), Raquel, leitora atualizada, pesquisadora tenaz e **generosa**, prende e nos entusiasma no desvendamento de dois trajetos que se cruzam. Nas duas vertentes, a abordagem serve-se de consistente respaldo teórico.

O percurso no âmbito da biografia do escritor, no quadro da literatura e da vida cultural brasileira, conjuga-se ao trajeto da criação de obras transfiguradoras da Hélade “para crianças”. O segundo trajeto, ao escavar, à luz da crítica genética, a presença do tema clássico em escritos de Monteiro Lobato para adultos e para a meninada, descobre o possível primeiro momento em que ele se desenha, nesse âmbito – 1904. Está “Em casa de Fídias”, conto sob o pseudônimo Hélio Bruma, texto curiosamente cheio de palavras proparoxítonas, em *O Minarete*, jornal de Pindamonhangaba. Referenda uma época na qual o Brasil muito prezava a Grécia antiga e o jovem Lobato se correspondia com Coelho Neto, “o último Heleno”.

O livro advém da dissertação de mestrado *A reconstrução do mundo clássico na obra de Monteiro Lobato: fontes e procedimentos*,

concluída, em 2013, por Raquel Endalécio Martins, bolsista da FAPESP, no Curso de Pós-Graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, sob a orientação de Marcos Antonio de Moraes². Integra, como afluente, o pujante caudal dos estudos que brotam no projeto pioneiro de Marisa Lajolo, desenvolvido na Universidade Estadual de Campinas e na Universidade Presbiteriana Mackenzie, e focalizam tanto o criador do sítio do Picapau Amarelo quanto o de *Urupês*. Esse campo de estudos se afirma com a professora em publicações importantes e se expande em pesquisas de igual relevo orientadas por ela e por outros.

Atenta à dialética da presença da Grécia na literatura do Brasil, lucidamente trabalhada por Brito Broca, e respeitando o distanciamento histórico, sem se perder no anacronismo ou apoiar o bloqueio a figurações daquilo que, nos dias de hoje, o nosso compromisso ético condena no passado, Raquel ampara, na crítica genética, uma abordagem original. Interessou-lhe o diálogo da criação ficcional de Lobato com os gregos antigos, a partir das leituras perpetradas desde os primeiros passos do escritor, como, por exemplo, Heródoto, dando continuidade ao contato do filho ginasiário de dona Olympia com a cultura clássica. Vale dizer: o diálogo intertextual demarcador de fontes bibliográficas ou as matrizes do tema clássico que vivifica as criações de Lobato para adultos e crianças.

Nessa direção, a pesquisadora imerge nos estudos lobatianos e nos documentos em arquivos; recupera títulos de uma biblioteca particular dispersada; detém-se na correspondência com Coelho Neto, Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. Descortina o empenho do escritor-leitor, em 1933, de se embeber da Grécia antiga e de associar a expressão da arte do passado remoto a uma edificação

2. Em 2018, Raquel, bolsista da CAPES e orientada por Marisa Lajolo, defendeu a tese de doutoramento *Uma outra história de Monteiro Lobato nos recortes de Dona Purezinha*, na área de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

dela, no século XX. Toma da melhor chave. A que lhe convalida as marcas autógrafas desse singular leitor brasileiro nas páginas da matriz explícita dessa faceta de sua obra de romancista, *Child's History of World*, do educador V. M. Hillyer, editada em 1924. Em São Paulo, no exemplar resgatado do acervo que pertenceu ao inventor de Emília, na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, encontram-se anotações a grafite e a lápis vermelho, na terceira capa – “7/1/33” e “4/3/33” –, que datam o processo de apropriação/recriação. Coincidem com o ano de publicação da *História do Mundo para as Crianças*, de Monteiro Lobato, onde se lê:

Dona Benta era uma senhora de muita leitura; além de ter uma biblioteca de várias centenas de volumes, ainda recebia, dum livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento.

Uma tarde o correio trouxe-lhe a *Child's History of World*, de V. M. Hillyer, diretor da Calvet School, de Baltimore.³

Ao que se infere, essa leitura, explícita matriz, sanciona o período de 1926-1930, quando Lobato reside nos Estados Unidos como adido comercial consular. Sucede e se junta àquela, indelével, que legitima o historiador e filósofo Will Durant como mestre do ficcionista. Alinha-se, nos arquivos da criação, ao correspondente que, em 1930, conta a Anísio Teixeira sua descoberta de Will Durant e de outras ideias avançadas. E que enseja, à ensaísta, boas páginas de análise e interpretação, ao evidenciar o mestre de um artefazer literário renovador:

Poucas vezes se terá escrito sobre filósofos e filosofias com encanto de romancista bom, como o fez Durant. E tendo lido Durant pus-me a ler outras coisas e parece que estou curado da obsessão wall-streeteana (p. 51).

3. LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para as Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 3.

A exploração da presença dos estadunidenses Durant e Hillyer, bem como de fundamentais aspectos da Grécia de Péricles e do Minotauro na criação lobatiana, além de cativar os estudiosos, despertará, certamente, a releitura das peripécias de personagens que continuavam em nossa companhia; reativará divertidos neologismos, as interjeições de tia Anastácia e a deliciosa irreverência da boneca Emília.

Assim se deu comigo, agora. Acontece a cada vez que me reaproximo dessa palpitante literatura. Menina, chorei ao ler no jornal a morte do Monteiro Lobato, em 1948. Por causa dele, lemos, em nossa casa, *Deuses e Heróis da Grécia Antiga*, apesar das reticências da minha mãe quanto a “esses deuses um pouco *off side*”, respondidas pelo meu pai: “Deuses são deuses!”.

Telê Ancona Lopez
IEB-USP

APRESENTAÇÃO

PAISAGEM VISTA DO PARTENON

Meus primeiros passeios pela Grécia na companhia de Monteiro Lobato (1882-1948) começaram em 2006, durante a graduação em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, quando participei de um grupo de pesquisa que estudava a obra do autor. Depois de muitas leituras e conversas nas reuniões de trabalho, minha orientadora na época, a Profa. Dra. Marisa Lajolo, pediu que eu e os outros alunos do grupo apresentássemos questões que pudessem fundamentar nossas pesquisas futuras. Foi então que, ao ler *O Minotauro*, fiquei pensando: como teria sido possível um homem conhecer tantas coisas, com tamanha riqueza de detalhes, sobre uma época tão distante? Assim surgiu minha primeira questão de pesquisa: “De que fontes se valeu Lobato para a reconstrução do mundo clássico?” Eu não sabia, mas essa pergunta me acompanharia por muito tempo e me traria lindos frutos, como este livro que agora chega a você, caro leitor.

Essa pergunta rendeu uma primeira abordagem na iniciação científica “A (re)construção do mundo clássico em *O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*: fontes e procedimentos⁴”. Iniciação científica (IC) é uma pesquisa desenvolvida durante a graduação, sobre um tema de seu interesse, sob a orientação de um professor. Se você, caro leitor, está cursando ou pretende cursar uma faculdade, eu recomendo fortemente que participe de uma IC!

A questão foi aprofundada na minha dissertação de mestrado⁵, orientada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes no Instituto de

4 Pesquisa com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo n°. 2007/54001-7 (set 2007-ago 2009).

5 Dissertação de mestrado *A (re)construção do mundo na obra de Monteiro Lobato: fontes e procedimentos* (2010-2013), orientada pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, subsidiada pela Fapesp (processo n° 2010/04656-0).

Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). E dez anos depois da defesa, agora como professora de Língua Portuguesa e Literatura do curso de Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima, convido você a conhecer o mundo helênico criado pelo autor de *O Picapau Amarelo*.

Assim, para conhecer e, de certa forma, “mapear” a Grécia lobatiana, realizei nesta pesquisa a leitura da obra adulta, da literatura infantil e da correspondência de Monteiro Lobato, buscando identificar o que ele havia escrito sobre a Grécia. Por isso, no primeiro capítulo, “Grécia(s) de Monteiro Lobato”, você encontrará relatos testemunhais do autor sobre o tema, bem como algumas das formas pelas quais ele, em sua obra de ficção e correspondência⁶, se apropria de personagens, mitos e eventos ligados ao mundo helênico para relacioná-los com aspectos da realidade do século XX.

O capítulo seguinte, “Rastreando leituras”, retoma as pesquisas sobre Lobato e a Grécia, discute aspectos do processo de criação do escritor, além de recuperar a história de sua biblioteca e de seus arquivos pessoais.

No capítulo “Processo(s) de criação de Monteiro Lobato: leituras, diálogos e notas de trabalho”, busco reconstituir diálogos intertextuais entre “Monteiro Lobato & William Durant”, bem como entre “Monteiro Lobato & Virgil Mores Hillyer” e “Monteiro Lobato & Coelho Neto”. Esses autores podem ter servido de fonte para Lobato, e essas interlocuções mostram-se de grande importância não apenas na construção da Grécia lobatiana, como também na definição das preferências e concepções do autor brasileiro sobre literatura, história e suas relações com a educação.

Entre os Anexos, apresento documentação textual e iconográfica resultante da pesquisa, incluindo o conto “Em casa de Fídias”; o

6. Monteiro Lobato além de escrever obras de ficção para adultos e crianças, tem parte de sua correspondência publicada em títulos como: *A Barca de Gleyre* (1944), *Cartas Escolhidas* (1959), *Cartas de Amor* (1969) e *Quando o Carteiro Chegou* (2010).

“Prefácio para a Tradução Brasileira” de *Os Grandes Pensadores*, de Will Durant; uma carta de 1945 da Companhia Editora Nacional relacionando títulos traduzidos por Lobato; páginas de “O Leão de Neméia”, com anotações de Monteiro Lobato; a folha de rosto de *A Vida na Grécia*; e o termo de doação do Acervo Pessoal de Monteiro Lobato à Biblioteca Infantil que leva seu nome, na capital paulista. As citações em língua estrangeira são traduzidas nas notas de rodapé, facilitando a leitura.

Assim, caro leitor, convido você a explorar o mundo clássico de Monteiro Lobato, tão encantador quanto o canto das sereias na ilha de Capri.

SUMÁRIO

Capítulo 1

Grécia(s) de Lobato: um passeio pelo(s) tempo(s).....	19
---	----

Capítulo 2

Rastreando leituras	37
2.1 Olhares sobre a Grécia de Lobato.....	37
2.2 Biblioteca de escritores	41
2.3 Livros dispersos e formação da Biblioteca de Lobato	47

Capítulo 3

Processo(s) de criação de Monteiro Lobato:

leituras, diálogos e notas de trabalho	55
3.1 Monteiro Lobato & William Durant	55
3.2 Monteiro Lobato & Virgil Mores Hillyer	74
3.3 Monteiro Lobato & Coelho Neto	86

Capítulo 4

Minha Grécia de Monteiro Lobato: conclusão, reinício.....	95
---	----

Bibliografia	99
Obras de Monteiro Lobato	99
Literatura adulta	99
Literatura infantil	100
Obras sobre Monteiro Lobato	101
Will Durant	102
Virgil Mores Hillyer.....	103
Coelho Neto	103
Crítica genética e biblioteca de escritores.....	103
Teoria Literária e Leitura.....	104
Sites	104

Anexos

Anexo 1 – Conto Em Casa de Fídias	105
Anexo 2 – Carta da Companhia Editora Nacional relacionando títulos traduzidos por Monteiro Lobato (CEDAE, UNICAMP).	109
Anexo 3 – Páginas de <i>O Leão de Nemeia</i> com anotações de Monteiro Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato)	111
Anexo 4 – Termo de Doação do Acervo Pessoal de Monteiro Lobato à Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato)	114
Anexo 5 – Folha de rosto da 1ª ed. de <i>História da Civilização: Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia</i>	121
Anexo 6 – Prefácio de <i>Os Grandes Pensadores</i>	123

CAPÍTULO 1

GRÉCIA(S) DE LOBATO: UM PASSEIO PELO(S) TEMPO(S)

A Grécia foi a verdadeira juventude
da Imaginação Humana. Depois da Grécia
essa imaginação foi ficando
adulta e sem graça – lerda
(*O Picapau Amarelo*).⁷

Segundo Monteiro Lobato, seu contato com a cultura clássica começou cedo. Aos 16 anos, em carta à mãe, dona Olympia, menciona sua participação em um debate escolar sobre “qual o maior guerreiro Carlos Magno ou César”:

No dia 13, houve sessão magna no Grêmio A. de Azevedo (que funciona aqui mesmo no colégio) e eu, perante o colégio e o professorado todo, fiz um discurso sendo delirantemente aplaudido. // Agora, já não sou mais bobo como dantes, já faço discursos e até poesia! Vou defender tese no sábado: Qual o maior guerreiro Carlos Magno ou César?⁸

Ao que parece, esses primeiros contatos ocorreram durante as aulas de latim. O rapaz escreve à mãe:

Entro em Latim esta semana ou no começo da outra se Deus quiser e o compadre Freire não mandar o contrário.⁹

7. LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 66. Nesta dissertação, a transcrição de trechos da obra de Lobato seguiu a norma ortográfica vigente.

8. MONTEIRO LOBATO. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 48. Carta sem data, possivelmente de 1898. As citações apresentadas nesta dissertação seguem a ortografia vigente.

9. MONTEIRO LOBATO. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p.

// O Sr. Antônio dos Santos (que também é lente no Ginásio) é um dos diretores. É tão bom e manso, que na aula de Latim fazem dele o que querem. É a aula mais barulhenta. // Conteí a ele ontem que fora reprov. em Latim e ele pediu-me muitas desculpas, dizendo que não foi por causa dele.¹⁰

Mas, se a cultura clássica foi apresentada a Lobato ainda na juventude, ela nunca o abandonou, acompanhando-o em diversas fases de vida. Emoções e afetos como agressividade, amores platônicos e sexualidade são compartilhados em cartas por meio de símbolos gregos.

Dirigindo-se ao amigo Lino Moreira, em 1902, Lobato comenta a intempestiva carta que dele recebera. Na mensagem, refere-se a Hércules, semideus da mitologia grega, filho de Zeus e da mortal Alcmena:

Acabo de ler a tua carta – bárbara como uma Ode de Carducci – fascinante de vibração, de fogo, de selvageria, semelhante a uma pedra duríssima que, malhada por Hércules, desfaz-se num turbilhão de faíscas¹¹.

Em narrativa divulgada em *O Povo*, jornal de Caçapava, cidade do interior de São Paulo, o escritor propõe, em 1903, um ideal grego de beleza feminina, apresentando a deusa Diana:

Em vez desses Jeovás quasímodos que a suja humanidade tanto venera, Edel rende culto unicamente à Forma Impecável. // É a mulher no corpo, porém não como as mulheres que por aí existem, uns amontoados de carne grotescamente desproporcionais, pernas curtas, bundas enormes; é mulher como Diana pagã que é para mim a obra-prima da Hélade – alta, esguia de formas, nervosa,

55. Carta datada de 25 jan. (possivelmente no ano de 1899).

10. MONTEIRO LOBATO. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 59. Carta datada de 14 abr. 1899.

11. LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 63. Carta de 1902.

seios pequeninos em vez de úberes como têm em geral as mulheres; seios improdutivos, criados unicamente para a Beleza, sem nenhum fim imediato de utilidade que dispute às vacas o ofício de mamadeiras¹².

A percepção da mulher e da sexualidade aparece como tema recorrente em diferentes escritos do jovem Monteiro Lobato, tendo a Grécia como parâmetro em vários deles.

Outro conto, do mesmo ano, “Tão ingênua”, publicado no referido jornal paulista, apresenta Nisa, jovem ingênua e tentadora que se casa com um quarentão, sem ainda conhecer “os mistérios de Afrodite”:

No dia em que Leonardo, já quarentão, ligou-se pelos sagrados laços do himeneu com a tentadora Nisa, houve na vila muita gente prática que murmurou uma série de: hum! Hum! Muitíssimos significativos. Nisa era um prodígio de carnes entontecedoras, um perigo para o asceta mais rijo e o próprio Xenócrates talvez se sentisse envolvido pelo capitoso perfume – *odor di femina* – que Nisa sutilmente exalava. E o garbo do andar? com que sedução caminhava compondo um rastio harmonioso de movimentos sensuais e empolgantes! Ah, Nisa! ah, filha de Psique! Entretanto Nisa era a ingênua mais perfeita da vila; um anjinho puro e inocente, de nenhum modo culpada do estranho ardor da volúpia com que a mente de Leonardo, um quase velho; não via na união do homem com a mulher um meio de legalizar os mistérios de Afrodite, via uma união amiga com a de irmã com irmã¹³.

Em uma carta de 1904 ao amigo Godofredo Rangel, Lobato afirma que, apesar de seu interesse pela literatura, abriria mão de qualquer leitura, mesmo da “melhor tragédia” grega, pela companhia de uma moça:

12. *Ibidem*. p. 98-99. Carta de 9 jul. 1903.

13. MONTEIRO LOBATO. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 135. Carta datada de 17 set. 1903.

Perguntas quantas horas “literalizo”. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragédia de Eurípedes, porque por mais banal que seja, a moça é sempre mais humana que um livro – e o humano quer humano.¹⁴

Nesse mesmo ano, Lobato publica, sob o pseudônimo Hélio Bruma, a narrativa “Em casa de Fídias”¹⁵, em *O Minarete*, de Pindamonhangaba. Nela, discorre sobre o amor impossível do escultor grego Fídias por Aspásia – mulher do governante Péricles –, personagens que mais tarde reapareceriam em sua obra. No conto, Fídias se vê completamente encantado pela beleza da moça e sofre em silêncio ao testemunhar o amor que ela devota ao chefe de Estado.

Ainda no universo das figuras femininas, Lobato escreve, na mesma época de *O Minarete*, “Duas dançarinas”, texto no qual compara Felyne Verbist e Carmem Lídia¹⁶ a figuras da época de Péricles. Exalta as dançarinas:

E diz-se, é lá possível, a graça natural, espontânea, não aprendida em conservatórios, de uma Felyne. Flor moça de carne, requinte supremo da civilização que prende a alma latina à germânica e, debruçada sobre os séculos, dá as mãos e cochicha com a terra de Péricles? A terra banhada de um sol sem manchas em que Terpsícore, descida do Olimpo, vinha às margens do Iliso ensinar à juventude a arte do movimento harmônico, ponto de fusão de dois ritmos – música e escultura?¹⁷

14. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 25. Carta datada de 10 jan. 1904.

15. Apresento o conto nos Anexos.

16. Edgard Cavalheiro faz referência às duas bailarinas em *Monteiro Lobato: vida e obra*.

17. LOBATO, Monteiro. *Literatura de Minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 329.

Carmem Lúdia é um caso desses. Criança de Atenas, por estranha aberração desabrocha no Pátio dos Milagres deste povo feio e mazorro. Ela dança como lá se dançava – por injunção de uma *vis insita*. // Seus gestos, sua vidinha de 13 anos, suas ideias, seus caprichos de menina, seu andar, sua estesia inconsciente em via de cristalização, tudo nela se coa através do instinto heleno de beleza. // A euritmia – a perfeição do equilíbrio – é seu modo de ser. Ouvi-la, vê-la, é ter a sensação de que se nos defronta não uma criatura singular, porém uma época. E que época! A Grécia de Péricles¹⁸.

A Grécia se faz presente, sobretudo, nas leituras de Monteiro Lobato. Vale lembrar que, no início do século XX, época em que Lobato estudava, a cultura greco-latina tinha grande influência, incorporada por autores de destaque no meio literário, como Coelho Neto, conhecido como o “último heleno”.

Nos livros didáticos, de acordo com Lobato, era comum a apresentação de exemplos de heróis gregos. Em carta a Rangel, de 1904, ele menciona um prêmio recebido em um concurso de contos, a correção do título em francês dado à narrativa e os exemplos que encontrava nas obras escolares de língua francesa:

Dizes que progredi no francês e é verdade: aprendi uma coisa. E sabes como? O Sílvio de Almeida, um dos juízes do concurso de contos, votou no meu, mas com uma advertência: “Primeiro lugar, apesar do título”. Sabe qual era o título do meu conto? *Gens ennuyées!*... Alguém lá da casa do Sílvio me deu a informação. Corei como romã e fui ao meu velho Sevène (Lembra-te? *Calypso ne pouvait pas se consoler du départ d’Ulysse...* “*La rue du Savon*” – “*Pense-toi, Crillon, nous avons [vaincu] et tu n’y étais pas*”) e verifiquei que “*gens*” em francês é macho e não fêmea, como pus no título. Voei à tipografia para fazer a correção. Era tarde...¹⁹

18. LOBATO, Monteiro. *Literatura de Minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 330.

19. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 44. Carta datada de 3 nov. 1904.

As leituras de Lobato sobre os clássicos não se limitavam às aulas de latim e aos livros didáticos. Em 1908, recém-formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, na capital paulista, o então jovem promotor público escreve, de Areias, ao amigo Rangel, contando que havia começado a ler Homero. Na mesma carta, revela que estivera no Rio de Janeiro, cidade que considerava “contra-Grécia”, pois, segundo ele, o “mulatismo” causaria, no físico e no moral, “uma feiúra”. Trata-se de longa exposição ideológica, alinhada às teses eugenistas da época, divulgada na primeira edição de *A barca de Gleyre*, em 1944:

É provável que já me tenhas incluído entre os amigos de cruzinha na frente, e me supunhas lá pelo Lethes a disputar com Caronte. Erro. Estou mas é em Areias e a ler Homero. Só agora, neste interregno de 50 dias que me separam do casamento, e reentrado nesta calmaria absoluta de Areias, é que tive oportunidade e *mood* de enfrentar o incomparável Homero – e lavo a alma das ditas impressões do mundo moderno com este desfile sem fim de criaturas ‘belas como os deuses imortais’. // Que diferença de mundos! Na Grécia, a beleza; aqui a disformidade [sic]. Aquiles lá; Quasímodo aqui. Esteticamente, que desastre foi o cristianismo com a sua insistente cultura do feio! // Estive uns dias no Rio. Que contra-Grécia é o Rio! O mulatismo dizem que traz dessoramento de caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico que feiura! Num desfile, à tarde, pela horrível rua Marechal Floriano, de gente que volta para os subúrbios, perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro, trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português da maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde. E como vão apinhados como sardinhas e há um desastre por dia, metade daquela gente não tem braço ou não tem perna, ou falta-lhes um dedo, ou mostram uma terrível cicatriz na cara.

‘Que foi?’ ‘Desastre da Central’. // Como consertar essa gente? Como sermos gente, no concerto dos povos? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança!... // Talvez a salvação venha de S. Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio não existe. // Há tempos assisti em Taubaté a uma cena muito ilustrativa do que é essa defesa na América do Norte. Um americano desceu do trem e foi ao restaurante Pereira comer qualquer coisa. Sentou-se e pediu. Nisto entra um guarda-freio de boné na orelha, gaforinha, e senta-se-lhe ao pé. O americano ergue-se de impulso, atira a cadeira e some-se no trem. O país equiparava-o ao guarda-freio, mas ele não aceitava o presente. Filosoficamente me parece horrível isto – mas certo do ponto de vista racial. // A razão do meu silêncio está no meu andejismo. Em janeiro fiz mais de 2 mil quilômetros de trem, cavalo e navio. Andei mais que Telêmaco e se não encontrei Ulisses foi apenas porque não o procurei. O melhor desses passeios foi uma saída fora da barra a bordo do “Saturno”, no dia da partida da esquadra americana. Primeiro vimo-la sair, do “Saturno” parado perto da fortaleza de Vilegaignon; depois fomos atrás por umas trinta milhas. Tivemos mar calmo, mar grosso, ventania e chuva – uma bela exibição de amostras. // E o “avança” que houve a bordo, na hora do lanche? Coisa inconcebível. Toda aquela gente fora convidada, e claro que era como se chama aqui “gente fina”. Na hora de comer comportam-se como cães famintos que se atiram contra um montão de bofes. O carioca ri-se e diz: “É o avanço”... Isso de educação coletiva, só a vejo na pobre gente da roça. Na “gente fina” do Rio de Janeiro não existe nenhuma... // Sabe alguma tradução de Homero em português? Leio na de Lecomte.²⁰

20. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. 1. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 132-134. Carta de 3 fev.1908.

Cabe assinalar que as edições seguintes do livro suprimem um trecho da carta, a partir de “Estive alguns dias no Rio [...] a ponto de vista racial”. Desde a segunda edição, em 1946²¹ pela editora Brasiliense, a supressão é indicada por meio de uma linha pontilhada – o que pode sugerir que Lobato reconsiderou a inclusão desse trecho na publicação de sua obra completa.

Em *A Vida Literária no Brasil 1900*, Brito Broca discute como não só Monteiro Lobato, mas vários autores de sua geração, se refugiaram na Grécia como forma de reagir à “encrespação de mestiçagem”, em um país onde o cativo havia marcado com violência a contribuição do sangue negro. O autor cita ainda o movimento científico da escola de Recife que, sob influência germânica, via a mestiçagem como fator de decadência da nacionalidade. Sobre essa identificação com a cultura grega por parte de alguns autores, Broca comenta:

O próprio Tobias Barreto, já em 1862, declarava: “Sou grego, pequeno e forte”. Joaquim Nabuco, em carta a José Veríssimo, protestava contra o fato de se chamar Machado de Assis de mulato, dizendo: “A palavra não é literária, é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. De mais, o ser mulato em nada afetava sua caracterização caucásica. Eu pelo menos vi nele o grego”.²²

Cabe lembrar ainda que Ronald de Carvalho, em sua *Pequena História da Literatura Brasileira*²³, de 1919, procurou compreender a relação do “homem novo do Brasil” com a tradição clássica:

O homem novo do Brasil quer viver a realidade do momento. Ser moderno não é ser futurista nem esquecer

21. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Brasiliense, 1946, p. 207.

22. BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 158.

23. Sobre *Pequena História da Literatura Brasileira*, Monteiro Lobato escreve resenha crítica no nº 48 da *Revista do Brasil* em 1919, em que a qualifica como “uma história da literatura brasileira que satisfaz plenamente”. Artigo inserido em *Críticas e Outras Notas*. p. 36-37.

o passado. Ninguém pode esquecer o passado. Repeti-lo, entretanto, seria fracionar artificialmente a realidade, que é contínua e indivisível. // Quem não admira o gênio ou o gênio romano? Mas se algum diretamente greco-romano quisesse impor à sociedade moderna, além das odes pindáricas e dos hexâmetros virgilianos, as concepções que fizeram a grandeza política de Atenas ou Roma, quantos minutos viveria fora da penitenciária?²⁴

Retomando o fio dos interesses de Lobato pela cultura grega, testemunhados em suas leituras, registra-se que, em carta a Rangel, datada de 25 de fevereiro de 1908, o escritor deixa suas impressões sobre a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, destacando a presença dessa herança literária no cotidiano do Brasil no início do século XX:

Este mês de fevereiro foi o meu mês de Homero. Li a *Ilíada* e a *Odisseia*. Estou recheado de formas gregas, bêbado de beleza apolínea. Maravilhoso cinema, Homero! Gostei muito mais da *Odisseia*. A *Ilíada* peca pelo inevitável monótono do tema – a guerra ou, antes, o combate. De começo a fim, gregos e troianos morrerem como insetos, enquanto lá no Olimpo os divinos pândegos puxaram os cordéis e intrigam. Diodemes, Ajax, Aquiles, Heitor, Sarpedon racham crânios, estripam ventres, fendem ombros, decepam cabeças, rompem escudos, tomados duma horrível bebedeira de sangue. Aquiles é uma beleza. Páris, outra, mas de outro gênero. Já na *Odisseia* o assunto é caleidoscópio e sempre empolgante. Lê-se tudo aquilo como um romance de Maupassant. Penélope é ótima. Ulisses, um divino pirata. A descida aos “campos de asfódelos” deixa ver a origem da *Divina Comédia*. // Finda a leitura, pus-me a pensar no quanto Homero influenciou e influencia ainda hoje o pensamento ocidental. // Na linguagem corrente, quanto Homero, meu Deus! “Fulano é meu mentor”, “o teu calcanhar de Aquiles”, “astutos como Ulisses”, a “teia de Penélope”, “os encantos de Circe”, “entre Sila e

24. CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da Literatura Brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1929. p. 412.

Caribdes”. // Estou agora às voltas com a *Encida* – mas pelo que já li, Virgílio está para Homero como o jornalista está para o escritor.²⁵

Em anotações escritas possivelmente em 1902²⁶ e divulgadas em *O Mundo da Lua* (1923), o escritor lamenta a falta de traduções dos clássicos gregos para o português:

Toda a antiguidade greco-romana ainda nos está fechada. Não temos nossa tradução de Homero, de Sófocles, de Herótodo, de Plutarco, de Ésquilo. Como não temos Shakespeare, nem Goethe, nem Schiller, nem Molière, nem Rabelais, nem Ibsen. Falta-nos quase tudo, e isso por causa da vida inteligente que ainda é nossa. Sem enriquecimento material, sem desenvolvimento econômico, um povo não pode enriquecer-se espiritualmente.²⁷

Voltando a 1908, ano de produtivas leituras do jovem promotor da cidade de Areias, encontramos na folha de rosto de *Histoires d'Hérodote* e *Théâtre d'Aristophane*, traduzidos para o francês por André-Charles Brotier (1896) – obra que pertenceu a Monteiro Lobato e atualmente integra o acervo do CEDAE-Unicamp –, a anotação do escritor: “março 08” e “S. Paulo 08”. Esse registro sugere a relação entre suas leituras e as referências sobre o assunto em cartas e anotações.

Talvez pela necessidade do mercado editorial brasileiro de títulos clássicos traduzidos para o português, Monteiro Lobato tenha se dedicado tão intensamente às traduções. Em carta de 17 de setembro de 1945, a Editora Companhia Nacional relaciona,

25. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944. p. 134-135. Carta de 25 fev. 1908.

26. Segundo a “Justificativa” publicada em *O Mundo da Lua* [1923], os textos teriam sido escritos até a primeira década de 1900 – os vinte anos de Monteiro Lobato.

27. LOBATO, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948. p. 129.

a pedido do escritor, cerca de 70 títulos que ele traduziu²⁸. Nesse arrolamento, entre as obras ligadas ao mundo clássico, destacam-se *História da Literatura Mundial*, de John Macy, e a coleção *História das Civilizações*, de Will Durant.

A prática de leituras e traduções se refletiu grandemente em sua obra, tanto adulta quanto infantil. Em 1933, Lobato recupera a Grécia, a Guerra de Troia e Homero em *História do Mundo para as Crianças*. Na literatura infantil, no entanto, insere o assunto em diálogos entre as personagens, de forma didática, como o trecho em que “Dona Benta ensina” Homero a Emília:

— A história minuciosa da guerra entre gregos e troianos encontra-se em dois poemas de grande fama. Um deles chama-se *Ilíada*, nome que vem do segundo nome de Troia, Ílion. O outro chama-se *Odisseia*. Neste conta-se o que, depois de terminada a guerra, se passou com um dos heróis gregos, Ulisses ou Odisseu. Sabem qual foi o poeta que compôs estes poemas?

— Camões! Gritou a burrinha da Emília.

— Homero — ensinou dona Benta. — Homero era um rapsodo, quer dizer, um pobre diabo que andava pelas ruas cantando versos para viver, como fazem hoje os homens do realejo. Além do mais, cego, coitado – e por isso nunca escreveu os seus poemas. Foram escritos por outras pessoas que de tanto ouvi-los os guardaram de cor. Só depois da morte é que Homero ficou famoso. Nove cidades gregas passaram a disputar a honra de ter sido berço do cego, que em vida andava de porta em porta declamando seus poemas em troca de esmolas²⁹.

28. Carta em anexo. Disponível também em Monteiro Lobato (1882-1948) e Outros Modernismos Brasileiros: < http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/correspondencia_passiva.htm >. Acesso em: jan 2013.

29. LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. 1952. p. 42.

Segundo Lobato, a sua *História do Mundo para as Crianças* foi adaptada de *Child's History of The World*, publicada em 1924 por V. M. Hillyer³⁰. Na obra, Dona Benta traduz oralmente o livro para as crianças, dando grande destaque à história grega, referindo-se à mitologia, à Idade de Ouro (o chamado século de Péricles) e ao governo do “Grande Alexandre”.

Depois de tudo o que aprendeu com Dona Benta sobre a Grécia, Emília já demonstra familiaridade com a cultura clássica e, em *Aritmética da Emília*, obra de 1935, sai pelo sítio gritando:

— O Visconde achou! O Visconde achou! Corram todos! O Visconde achou!

A gritaria foi tamanha que Dona Benta, Narizinho e Pedrinho acudiram em atropelo.

— Que foi? Que aconteceu?

— O Visconde achou! — repetia a boneca entusiasmada.
— O danadinho achou!...

— Mas achou que coisa, Emília?

— Não sei. Achou, só. Quando entrei na sala, encontrei-o batendo na testa e exclamando: “Heureca!” Ora, heureca é uma palavra grega que quer dizer “achei”. Logo, ele achou³¹.

Em *Serões de Dona Benta*, de 1937, a avó conta histórias e mitos, entre os quais as lendas da “Grande Ursa” e da “Pequena Ursa”, a ninfa Calisto e seu filho Arcas, que foram transformados em constelações.

Calisto era linda e adorada por Zeus. Com ciúmes, a deusa Hera transformou a ninfa e seu filho em ursos para serem mortos por caçadores. Então, para protegê-los da esposa, o deus dos céus

30. HILLYER, V. M. *Child's History of The World*. New York: Century, s/d.

31. LOBATO, Monteiro. *Aritmética da Emília*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 14.

transformou-os em constelações. Depois de ouvir a história, um dos picapauzinhos já anuncia novas aventuras na Grécia:

— Interessante o mito, vovó. Um dia precisamos estudar a tal mitologia grega. Pelo que sei dela, é uma das coisas mais lindas que os poetas inventaram³².

Em *O Picapau Amarelo* (1939), Lobato introduz diversas personagens do mundo grego e, por meio da interação delas com os moradores do sítio, os leitores familiarizam-se com esse universo. Nessa mesma obra, ele “assanha” o leitor ao anunciar o próximo livro da série infantil que teria a Grécia como cenário:

Dona Benta gostava de contar aos meninos coisas interessantes do mundo maravilhoso dos gregos.

— A Grécia povoou o mundo de deuses, semideuses, heróis e monstros, gigantes, ninfas, sátiros, faunos, náíades e mil coisas mais — tudo lindo... Agora vamos lá apenas para um breve passeio — mas havemos de voltar para uma estadia longa. Ah, como vocês hão de apreciar a Grécia!...

O que Dona Benta ecoou foi o suficiente para assanhar os meninos. Emília só falava em morar lá toda a vida; Pedrinho fazia mil projetos; e Narizinho declarou que já de muito tempo seus sonhos eram só sobre a Grécia.

— Pois bem — declarou Dona Benta. — Nossa próxima viagem de aventuras será pela Grécia — e dará um livro.

— Que lindo livro vai ser! – exclamou Emília. — VIAGEM DO SÍTIO PELO OCEANO DA IMAGINAÇÃO GREGA.

— Comprido demais, Emília. Os títulos devem ser curtos, se não ninguém decora. Veja: *OS LUSÍADAS*, *A ILÍADA*, *A ODISSEIA*, *O INFERNO*, *A ENEIDA*...”³³

32. LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 74.

33. LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 135-136.

Talvez toda essa “preparação” para *O Minotauro*, obra tirada do prelo em 1939, explique o sucesso do livro e as inúmeras cartas enviadas por seus leitores³⁴, como a carta da pequena Edite:

Meu caro amigo Sr. Monteiro Lobato.

Escrevo-lhe para felicitá-lo por seu novo livro: “O Minotauro”. Apesar de não haver lido “O Picapau Amarelo” gostei tanto da viagem feita pela Grécia Antiga, que queria qualificá-la em uma só palavra: MARAVILHOSA!!!

Os ensinamentos ali contidos são inúmeros; as piadas, não só da Emília como dos outros, são muito engraçadas; os desenhos de Belmonte e de Rodolfo estão ótimos.

Enquanto não vi o “finis” do livro não sosseguei, pois que ele me deixava curiosíssima.

Agora vou pedir à livraria que mande vir “O Picapau Amarelo”, que deve ser tão bom quanto o seu sequente.³⁵

Quando Lobato trata da arquitetura em sua obra, a Antiguidade clássica se impõe como um paradigma estético. Em *América* – livro que publicou depois de sua residência nos Estados Unidos, entre 1927 e 1931 –, o protagonista da narrativa descreve o Memorial de Lincoln, enxergando na edificação “linhas [...] gregas”:

Ergue-se à margem do Potomac esse templo grego de mármore branco, a refletir suas 36 colunas jônicas (cada qual representando um estado da União como era ao templo da morte do sublime Abe) no espelho do grande lago que o defronta. As linhas são rigorosamente gregas. Henry Bacon, o arquiteto, achou – e todos concordaram com o achado – que só a majestade das linhas helênicas poderia afinar com a

34. As cartas encontram-se depositadas no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP e estão transcritas em anexo. Cf. SILVA, Raquel Afonso de. *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem. 2009. (Tese de Doutorado).

35. Carta de Edite Canto. IEB/ARAS. Cx.1 p. 2 doc. 15. Carta de Botucatu, 12 dez. 1939.

majestade das linhas morais daquele homem [...]. Há o lago, um perfeito espelho retangular com moldura de grama, e cerejeiras, as quais, na estação própria, japonizam de róseo o ambiente. Depois, a escadaria imensa com o templo grego no alto. Meus olhos poucas coisas ainda viram que emanasse maior beleza pura. Falharam na tentativa filósofos e estetas da mais subida acuidade. É sensação indefinível. Senti-a, porém, ali em toda plenitude.³⁶

O deslumbramento do personagem em *América* assemelha-se àquele vivenciado por outra figura lobatiana – agora em sua obra infantil. Ao visitar o Partenon, templo grego do século V a.C., Dona Benta fica igualmente entusiasmada:

Diante do Partenão todos pararam, Dona Benta sem fôlego por ter subido a pé uns cem metros da casa de Péricles até o alto da Acrópole. [...] Dona Benta ergueu os olhos e viu. Viu o que nenhuma criatura moderna jamais viu. Viu o Partenão fresquinho ainda, com andaimes internos, cisco e lascas de mármore pelo chão. Viu e extasiou-se, porque era uma senhora de apurada educação artística.³⁷

— Maravilha! — exclamou. — Que dó não ter tal obra chegado aos tempos modernos! Estou notando uma coisa: a leve curvatura de todas as linhas retas, ou que deviam ser retas. Estas colunas convergem imperceptivelmente como se fossem reunir-se nas nuvens, e também noto leve curva nas arquitravas, no frontão, em tudo.³⁸

É notável o conhecimento que Monteiro Lobato acumulou sobre a Grécia, mesmo sem nunca ter visitado suas ruínas. Interessou-se por diferentes períodos da história helênica: o mitológico, povoado por deuses e semideuses da Antiguidade; e o de Péricles, marcado pelo florescimento da arquitetura e das grandes construções gregas,

36. LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009. p. 49-50.

37. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 57.

38. *Ibidem*, p. 61.

como o Partenon. Curiosamente, fez Dona Benta estabelecer um contraste entre as “duas Grécias” – a “antiga” e a do século XX:

Há duas – a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada de Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saíote.³⁹

Lobato expressa em várias obras sua admiração por Péricles e seu governo, colocando essa visão na voz de Dona Benta:

“[...] e quem a lê [história de Péricles] admira-se de encontrar num mesmo homem tantos e tão grandes méritos. [...] era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica”⁴⁰.

“A inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, das que penetram no fundo das coisas e compreendem. Por isso foi o maior homem de seu tempo, o maior orador, o maior estrategista, o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo”⁴¹.

“Pois, apesar de tão longo tempo de ditadura – mas ditadura à moda grega, consentida pelo povo, anualmente renovada por vontade do povo...”⁴².

O escritor paulista parece tão imerso na cultura clássica que frequentemente traça paralelos entre a sociedade de seu tempo e o mundo grego. Ainda em *América*, durante a visita de seu personagem à Biblioteca do Congresso Americano, ao observar os deuses da Antiguidade desenhados por Mac Ewen, ele compara o americano a Hércules e a americana a Ônfale, rainha da Lídia:

39. *Ibidem*, p. 02-04.

40. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense: 1952. p. 13.

41. *Ibidem*, p. 15-16.

42. *Ibidem*, p. 16.

— Alegria... — murmurei, contente de vê-la afinal tomada em conta. E foi sorrindo que me dirigi para o Corredor Sul, onde vi os heróis gregos pintados por Mac Ewen. – Páris na corte de Menelau; Teseu abandonado; Ariadne adormecida; Prometeu prevenindo seu irmão contra a malícia de Pandora; Aquiles ao ser descoberto por Ulisses quando se disfarçou em rapariga; Minerva dando a Belerofonte o freio de Pégaso; Perseu com a cabeça de Górgora; Jasão mobilizando os argonautas para a conquista do toão de ouro; Orfeu assassinado pelas Bacantes; o pobre Hércules segurando a roca de Ônfale...

— Hello, Mister Slang! — exclamei nesse ponto, arregalando os olhos. – Isto aqui está o perfeito símbolo da América. O homem de cá, este Hércules, não faz outra coisa. Não acha a mulher americana uma perfeita Ônfale?⁴³

E se a temática grega já aparecia entre seus primeiros textos, sua última grande publicação infantil trouxe as façanhas de um de seus heróis preferidos: Hércules. Em carta ao amigo Antonio Annunziato, em 1944, Lobato compartilha a realização de um projeto editorial especial: “12 livrinhos novos para o Natal”.

Ainda desta vez falhou minha ida para aí. Acumulou-se neste fim de ano trabalho de mais: 12 livrinhos novos, infantis: os *Doze Trabalhos de Hércules*, que estou acabando de fazer, à razão de um em três dias, a tempo de apanhar o Natal. E revisões, e o diabo. Só depois de tudo isso liquidado poderei ter o gosto de aceitar o amabilíssimo convite do amigo para uma quinzena no Prata, hospedado no Pavilhão da Imprensa. E me será muito útil esse descanso, porque o trabalho de escrever 12 livrinhos de 96 páginas em 36 dias está-me parecendo que é o Décimo Terceiro Trabalho de Hércules⁴⁴.

43. LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009. p. 63.

44. LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 134. Carta de 31 ago. 1944.

Se a Grécia lhe serviu tantas vezes de parâmetro estético e referência cultural, Monteiro Lobato decidiu recriar esse mundo em sua obra, construído de diversas maneiras. Uma percepção idealizada da Grécia ganha contornos na fala de seus personagens mais famosos:

— Que coisa gostosa viver na Grécia daquele tempo! — exclamou Pedrinho com suspiro de nostalgia.

— Sim, meus filhos. A vida lá era um prazer – era o prazer dessa liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. Nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia – e o que ainda há de beleza no mundo moderno é pálida herança da vida de lá.

— Viva o sítio do Picapau Amarelo da antiguidade — berrou Emília. E as ondas do mar, como um eco repetiram: Viva! Viva!...⁴⁵

45. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 18.

CAPÍTULO 2

RASTREANDO LEITURAS

2.1 Olhares sobre a Grécia de Lobato

“A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país.”⁴⁶

A presença do mundo clássico na obra de Monteiro Lobato tem atraído a atenção de muitos pesquisadores. Cinco notáveis dissertações de mestrado se debruçaram sobre o assunto. *A mitologia grega na obra O Minotauro de Monteiro Lobato* (2006), de Ericka Sophie Bratsiotis,⁴⁷ sugere a intertextualidade entre *O Minotauro* e textos de mitologia grega escritos por outros autores, ressaltando a ausência da figura de Teseu na obra lobatiana. *Os doze trabalhos de Hércules: a estilização do mito na obra lobatiana* (2006), de Diva de Oliveira⁴⁸, realiza uma abordagem intertextual entre *Os Doze Trabalhos de Hércules*, de Lobato, *Héracles*, de Eurípedes, e *As Metamorfoses*, de Ovídio, apontando a dessacralização de Hércules na versão brasileira e a reconstrução do enredo helênico para aproximar o leitor do herói mitológico.

Já *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* (2006)⁴⁹, de Maria das Dores Soares Maziero, discute como os mitos gregos

46. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 103.

47. BRATSIOTIS, Ericka Sophie. *A mitologia grega na obra O Minotauro de Monteiro Lobato*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. Dissertação de mestrado orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Zélia Borges.

48. OLIVEIRA, Diva de. *Os doze trabalhos de Hércules: a estilização do mito na obra lobatiana*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006. Dissertação de mestrado orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Guarnieri Atik.

49. MAZIERO, Maria das Dores Soares. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, 2006. Dissertação de mestrado orientada pela Prof.^a Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

são apresentados na literatura infantil do século XX. Também compara versões atuais dos mitos clássicos, dedicando ao criador de Emília o capítulo “Monteiro Lobato e os mitos gregos”, e trata do processo de criação lobatiano, por meio das traduções e adaptações dos clássicos, detectando procedimentos de intertextualidade ou paródia.

O *Sítio do Pica-pau Amarelo da Antiguidade: singularidades das “Grécias” lobatianas* (2007), de Juliana de Souza Topan⁵⁰, aponta o historiador Will Durant como importante fonte grega de Lobato e também indica outras:

No CEDAE, foram encontrados alguns poucos volumes que apresentavam a história e a mitologia gregas, a maioria deles em línguas estrangeiras, como: *Histoire d’Hérodote* (1864), *Théâtre d’Aristophane* (1896), *Nueva Mitologia Ilustrada* (1927) e *História da Civilização – Nossa Herança Clássica: a vida na Grécia* (1943). Este último foi o que mais me chamou a atenção, pois se trata de um livro de história antiga de um autor estadunidense, Will Durant (1885-1981), traduzido por Gulnara Moraes Lobato, esposa de Edgard (filho mais velho de Monteiro Lobato), e revisado pelo próprio autor.⁵¹

A dissertação lança a hipótese de que, nos últimos anos de sua produção literária, Lobato teria abandonado figuras do imaginário brasileiro, como o Saci, e se voltado para temas europeus, possivelmente devido a uma decepção com as questões político-sociais do país, como a luta pela exploração do petróleo. No entanto, é importante notar que a Grécia esteve presente ao longo de toda a sua obra, e não apenas em seus últimos livros.

50. TOPAN, Juliana de Souza. *O “Sítio do Pica-pau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” lobatianas*. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, 2007. Dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior.

51. TOPAN, Juliana de Souza. *O “Sítio do Pica-pau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” lobatianas*. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, 2007. p. 43.

Juliana Topan elabora um quadro que recupera a presença da personagem Hércules em textos clássicos, como a *Teogonia*. A partir dessas referências, analisa o herói (re)criado por Lobato e compara possíveis adaptações feitas pelo autor de *Urupês* para o público infantil. Dessa forma, estabelece importante paralelo entre a Grécia reinventada por Monteiro Lobato e aquela apresentada pelos clássicos da literatura universal, tangenciando algumas de suas possíveis fontes, como o historiador americano Will Durant e o poeta francês Anatole France.

Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato (2008), de Vitor Amaro Lacerda⁵², estabelece a relação entre a obra de temática grega de Monteiro Lobato e os clássicos, como *Ilíada*, *Odisseia* e *Teogonia*. Lacerda destaca Will Durant e Nietzsche como fontes de leitura do autor brasileiro:

[...] talvez mais importante do que observar as fontes antigas conhecidas e lidas por Lobato seja nossa tentativa de enfatizar a importância de alguns autores que fazem a intermediação na sua relação com os gregos, destacando-se aí o filósofo alemão Friedrich Nietzsche e o historiador e professor de filosofia norte-americano Will Durant.⁵³

Will Durant, outro autor intermediário extremamente importante na compreensão da leitura que faz Lobato do mundo helênico (fato que também é reconhecido por Juliana Topan) e que, possivelmente, talvez também tenha intermediado suas leituras sobre o filósofo alemão.⁵⁴

52. LACERDA, Vitor Amaro. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Letras, 2008. Dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão.

53. LACERDA, Vitor Amaro. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFME, Faculdade de Letras, 2008. p. 11.

54. LACERDA, Vitor Amaro. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Belo Horizonte: UFME, Faculdade de Letras, 2008. p. 74.

Tanto Juliana Topan quanto Vitor Amaro sugerem, assim, a possível “presença” de Will Durant na obra lobatiana e nos indicam outras fontes das quais Lobato pode ter se valido. No entanto, devido à especificidade de seus temas, não se aprofundaram na análise do diálogo entre os autores e do processo de criação lobatiano – assuntos abordados nesta obra.

Além das dissertações mencionadas, cabe destacar artigos que buscam lançar luz sobre o tema. Em 2008, *O 13º Trabalho de Lobato*⁵⁵, estudo de Emerson Tin, analisa a formação e transformação de *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944), investigando as circunstâncias de elaboração dos 12 pequenos volumes (“livrinhos”), publicados separadamente, com cerca de 100 páginas cada, e como se deu a reescrita dessas histórias em interação com os leitores.

Já no artigo “A Paródia em Monteiro Lobato: adaptações clássicas”⁵⁶, de 2009, Adriana Paula observa que algumas figuras na obra do escritor paulista são recriações de personagens já existentes na literatura. Sobre Hércules, comenta que, “ao se retomar o mito clássico, é perceptível a avaliação pejorativa feita da personagem, uma vez que insinua que força e inteligência não sejam qualidades possíveis em um único indivíduo”. A autora afirma ainda que, apesar do resgate cultural ser marcado pelo humor, como em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, a paródia é uma forma de aproximar tradições e culturas distintas.

Roosevelt Araújo publicou, em 2009, dois artigos, “A Grécia pelos olhos de Emília: Lobato e sua leitura da Antiguidade Clássica”⁵⁷ e “A Grécia pelos olhos dos Picapaus: Lobato e sua leitura da Antiguidade Clássica”⁵⁸. Neles, o autor sugere que

55. LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

56. SILVA, Adriana Paula dos Santos. A paródia em Monteiro Lobato: adaptações clássicas. In: *CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. Maringá, 2009. p. 11-23.

57. Artigo apresentado no 17º Congresso de Leitura (COLE) da Universidade Estadual de Campinas em julho de 2009.

58. Artigo publicado na *Revista Letras*, Curitiba, n. 78, p. 85-95, maio/ago. 2009. Editora UFPR.

Lobato, assim como outros autores do século XX, via a Grécia pelas lentes do chamado “milagre grego”, segundo o qual “as realizações da Grécia Antiga não poderiam ser entendidas satisfatoriamente como uma simples sucessão de eventos históricos”. Dentro dessa perspectiva, Roosevelt aponta o diálogo de Lobato com Lecomte de Lisle, Ernest Renan, Anatole France e Will Durant.

Em 2011, Valter Pinheiro, no artigo “Arte grega clássica e arte moderna: aspectos axiológicos em *O Minotauro*”⁵⁹, avalia que, nessa narrativa infantil, a visão de Lobato sobre arte moderna é expressa por meio das falas de Dona Benta, do estadista Péricles e do escultor Fídias. A pesquisa compara essas percepções estéticas com aquelas presentes em *Ideias de Jeca Tatu*.

2.2 Biblioteca de escritores

É preciso remontar à Fonte – que não é a origem. A origem é, em tudo, imaginária. A fonte é o fato aquém do qual o imaginário se propõe. A água brota daí; embaixo, eu não sei o que acontece⁶⁰.

Na busca pelas possíveis fontes de Monteiro Lobato sobre a Grécia, os pressupostos da Crítica Genética, em especial a vertente de estudos da Biblioteca de Escritores, me valeram como importante instrumental teórico. Segundo Telê Ancona Lopez:

Dentro da intertextualidade inerente à escritura moderna, em qualquer área do conhecimento, a análise de cunho genético das obras pode ultrapassar a crítica das influências, a constatação das fontes, ao se empenhar na recuperação dos sinais de eclosão ou na verificação de amálgamas operados pelo ato criador, tangíveis na biblioteca, isto é, nas leituras de um escritor, de um filósofo, de um cientista, de um artista plástico ou de um cineasta. É hora, portanto, de focalizar as bibliotecas na complexa teia de obras (e de

⁵⁹ Texto publicado na *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 6, abril de 2011.

⁶⁰ Paul Valéry, *Cahiers*, Ed.fac-similé. CNRS, 1957-1961, t. XXIII, p. 592. apud. GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora UFGRS, 2007.

autores) “qui entoure et suscite l’acte de la création”, que se estende em muitas direções.⁶¹

Assim, a partir dessa nova vertente nos estudos da intertextualidade, pensamos o processo de criação para além da relação de “influenciador/influenciado” ou da ideia de que um determinado escritor, teoria ou vertente foi exclusivamente responsável pela formação de certa obra ou autor. Antes, entendemos a criação como um processo que, muitas vezes, se inicia nas leituras que o escritor faz, deixando, nos livros e periódicos consultados, rastros na forma de anotações, mais ou menos sumárias, nas margens das páginas ou em folhas apensas.

Por meio da análise do conjunto dessas notas – a *marginália* – podemos mapear ou ao menos “fazer um croqui” de como um escritor se apropriou de suas leituras: *de que forma interagiu com elas?, quais foram suas anotações?, o que ele acrescentou ou acrescentaria, efetivamente, ali? e como isso se reflete em sua obra?* Sabemos, pois, que, por meio das anotações marginais, o escritor – ainda na posição de leitor – interage com o texto impresso, deixa marcas de suas ideias a respeito do assunto e traz novas interpretações que lhe fazem sentido. Como observa J. H. Jackson:

As physical objects, books have changed in shape and texture over the years, but some features remain constant. As intellectual objects, they act upon – or rather interact with – the reader’s responses to books, expressed in the marginalia, I try to bear these complementary claims in mind [...].⁶²

61. LOPEZ, Telê Ancona. A Biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro de criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em Processo: Ensaios de Crítica Genética*. São Paulo, FAPESP/Iluminuras/ CAPES, 2002. p. 46.

62. JACKSON, H. J. Introduction. In: *Marginalia: Readers Writing in Books*. New Haven/Londres: Yale University, 2001. [Como objetos físicos, os livros mudaram de forma e textura ao longo dos anos, mas algumas características permanecem constantes. Como objetos intelectuais, eles agem – ou melhor, interagem com – as respostas do leitor aos livros, expressas na marginalia.]

Nesse sentido, tencionamos investigar a biblioteca lobatiana. No entanto, ao contrário do que acontece com o conjunto de livros reunidos por Mário de Andrade, preservado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o acervo de Lobato acabou se dispersando.

Em 1946, antes de se mudar para a Argentina, Lobato doou parte do seu arquivo para o então jovem escritor e amigo Edgard Cavalheiro, que, em 1955, a partir desses documentos, escreveria a biografia *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. Cavalheiro narra o episódio:

Por fim, esclareceu que ia mesmo de mudança para a Argentina. Talvez não voltasse. Tinha uma papelada imensa, que de nada lhe servia, mas que lamentava botar fora, pois talvez se prestasse para reconstituir certa época da vida literária brasileira. Todo movimento intelectual do país passara pelas saletas da Rua Boa Vista, entre os anos de 1918 e 1925. Possuía milhares de documentos. Mas perdera os dois filhos homens. As mulheres não se interessavam por essas coisas... Finalmente parou e, olhando-me firme, fez a pergunta que sem dúvida trouxera engatilhada:

— Quer ficar com o meu arquivo?

A pergunta, como é natural, deixou-me estatelado. Já havia visto parte desse material. [...] Não podia desconhecer o valor daqueles documentos nem a importância na vida mental do Brasil. Como responder, senão com um “Claro!” bem aberto, bem acolhedor?

Mas a conversa morreu aí. Lobato não falou mais do arquivo nem procurei forçá-lo a se lembrar do oferecimento. Um dia, porém, estaciona na porta um carro e dele começam a descarregar pacotes de papéis, acompanhados de curto bilhete: “Parto mesmo para a Argentina. Tudo arrumado. Estou desfazendo a casa. Aí vai a papelada... Haverá lugar?”⁶³

63. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 13-14.

Se boa parte da “papelada” de Lobato havia ficado com Edgard Cavalheiro, para onde foram os livros da biblioteca lobatiana?

Parcela significativa dos livros que pertenceram ao escritor encontra-se atualmente na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo, e no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (CEDAE), no Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp; outros volumes estão na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. No entanto, por não ter a totalidade da biblioteca do escritor, trabalharei aqui com a noção de “biblioteca virtual”, apresentada pela professora Telê Ancona Lopez, na qual se busca reconstituir o acervo bibliográfico do escritor por meio de suas indicações de leituras, referências em obras, exemplares de trabalho e outros documentos.

Dessa forma, esta pesquisa se debruça não apenas sobre as obras que pertenceram à biblioteca de Monteiro Lobato, preservadas em diferentes instituições, mas também procura recuperar “pistas” de suas leituras a partir das referências feitas em obras publicadas, correspondências e cadernos de notas que pertenceram ao escritor. Minha intenção é recompor, tanto quanto possível, a biblioteca lobatiana no que diz respeito ao mundo grego, bem como seu processo de recriação desse tema em sua obra.

Também levei em conta os “exemplares de trabalho” de Lobato⁶⁴, ou seja, as reelaborações (acréscimos, supressões, substituições, etc.) que o escritor realizou nas páginas impressas de suas obras⁶⁵, assim como suas cadernetas de endereços. Essas agendas possuem o estatuto de “diário”, pois nelas o escritor lançava, além de números

64. O termo, utilizado por Mário de Andrade, vem sendo estudado no *Projeto Temático Processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos do seu arquivo, em sua biblioteca, sua correspondência, sua marginália e suas leituras* (FAPESP), coordenado pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, no IEB-USP.

65. Encontram-se em anexo imagens de algumas páginas de “O Leão de Nemeia”, um dos *Doze Trabalhos de Hércules*, com anotações autógrafas e datiloscritas do autor.

de telefones e endereços, todo tipo de anotação, como nome de autores, data de viagens, citações de livros, pensamentos, etc.

Localizei nove cadernetas que estão no acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, todas digitalizadas pela instituição. Uma delas foi transcrita por Jéssica Silva de Andrade em sua pesquisa de iniciação científica “Documentação Primária e Processo de Escrita: a caderneta de endereços código 72 de Monteiro Lobato”, orientada pela Prof^a Dra. Marisa Lajolo, na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Sobre o hábito de Lobato de manter cadernetas de anotações, o biógrafo Edgard Cavalheiro testemunha:

Monteiro Lobato sempre tivera a mania do “diário”, das pequenas notas sobre sensações que os fatos e acontecimentos lhe provocavam. [...] Um “Diário” conserva a imagem do nosso “EU” no passado, fomenta-nos, portanto, os instintos do nosso egoísmo, desse modo redobrando a sensação dos “eus” passados, isto é, das nossas fases evolutivas. Se um espelho comum já nos dá prazer, que valor não é um espelho retrospectivo que nos dê a cara dia a dia, pelo espaço de anos! O “Diário” é esse retrospecto da nossa inteligência”.⁶⁶

Em 1923, cabe lembrar que o escritor paulista divulgou, em *O Mundo da Lua*, anotações várias feitas na juventude. Além dessa publicação e das cadernetas, Lobato deixou registros em diários de outros escritores, como em *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo* (1992)⁶⁷, de Oswald de Andrade. No diário coletivo, escrito na *garçonnière* do autor de *Memórias Sentimentais de João Miramar*, Lobato refere-se, de forma lúdica, ao escritor Léo Vaz:

66. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 541.

67. O livro foi publicado em 1987 em edição facsimilar pela editora Ex-Libris, com o apoio do Instituto Moreira Sales. Em 1992, a transcrição do diário foi editada pela editora Globo.

Ventania buritisa-se [sic]. Bravo! Nota com enfado o Anafolismo do Léo. O Léo ficou no século 19, acredita em Renan e lê Anatole. Fora o Léo. Saint Barthelemy em cima dele! Biruta, esse já foi queimado vivo na fogueira da Santa Crítica.

As suas cinzas misturam-se com as da defunta Sra. Panóplia, assassinado pelo trovador dos Campos Elíseos. Foguinho extinguiu-se numa labaredinha literária – Escalas!

Acrescento, aos livros e às cadernetas, outra fonte importante para a reconstituição da biblioteca lobatiana: a vasta correspondência do autor. Sobre suas cartas, Lobato escreve ao amigo Rangel em 1943:

Fui mexer na minha tremenda papelada epistolar e tonteei. É coisa demais. É um mundo. Pus a Ruth separando aquilo e classificando por ordem de data – é o primeiro passo. O segundo será separar certas cartas, como as tuas, que são as mais numerosas; e como por milagre tenho aqui as minhas, estou vendo que desse passo vai sair coisa grossa e talvez muito interessante. Desconfio, Rangel, que essa nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, história e mais coisas. [...] Bom. Esta vai apenas para te comunicar que meti mãos à mina. Quando estiver tudo datilografado, você vai se assombrar e verificar que éramos muito mais interessantes nos bastidores epistolares do que no palco – e juntos penetraremos na posteridade⁶⁸.

Lobato demonstra ter consciência de sua importância no sistema literário brasileiro, assim como do valor de preservar esses documentos para que se pudesse reconstruir aspectos da história de uma época.

68. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: Quarenta Anos de Correspondência Literária*. 8. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. Carta datada de 5 set. 1943.

Os ensaios *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo*, de Rangel de Suelli Cassal (2002)⁶⁹, e *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre* (2007), de Ana Luiza Bedê⁷⁰, são exemplos de pesquisas que se dedicam ao estudo das leituras de Monteiro Lobato a partir de sua epistolografia⁷¹.

2.3 Livros dispersos e formação da Biblioteca de Lobato

Apresento a você, querido leitor, esta pesquisa que buscou rastrear as leituras de Monteiro Lobato que possam ter inspirado suas percepções sobre o mundo clássico e suas recriações em sua obra. Para isso, recuperei anotações do escritor em livros e periódicos de sua biblioteca.

Sabe-se que Monteiro Lobato doou alguns de seus objetos para a formação do “Museu da Emília”, atualmente a Biblioteca Infantil que leva seu nome, em São Paulo. Na introdução de *Prefácios e Entrevistas*, Marina de Andrade Procópio de Carvalho refere-se ao “osso” da costela de Lobato, oferecido ao pequeno museu organizado por Lenyra Fracarolli, então diretora da biblioteca:

Calei-me, e ao ouvir a palavra “osso” lembrei-me duma costela, cortada pelo Dr. Alípio e hoje no museuzinho da Biblioteca Infantil de Dona Lenira.⁷²

Segundo Azilde Andreotti,

69. CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos Escritos: Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002. Cabe mencionar também o mestrado em processo de Camila Russo Spagnoli: *Conversa em mangas de camisa! Monteiro Lobato e a presença da leitura na formação do escritor* (Programa de pós-graduação em Estudos Brasileiros, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo; orientação da Profa. Dra. Telê Ancona Lopez).

70. BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A Barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

71. Na edição da *Barca de Gleyre* de 2010, pela editora Globo, Vladimir Sachetta, biógrafo de Lobato, organizou um índice onomástico, o que facilita a localização dos autores lidos por Lobato.

72. LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

com a morte de Monteiro Lobato, em 1948, a família doou alguns bens para a Biblioteca, que já havia iniciado um pequeno acervo do escritor, conhecido na época como *Museu da Emília*.⁷³

No entanto, há algumas divergências quanto à formação do acervo na Biblioteca Infantil. De acordo com Hilda Junqueira Vilela Merz, conhecida como Dona Hilda – leitora, amiga do escritor e funcionária da biblioteca entre 1982 e 1998 –, e com a pesquisadora Azilde Andreotti, o acervo pessoal de Monteiro Lobato teria sido incorporado à biblioteca logo após a morte dele:

Sobre o Acervo Monteiro Lobato é importante uma apresentação. Iniciado nos anos 30 com figuras de personagens infantis doados por Lobato e doações da família do escritor em 1948, esse acervo contém toda a obra de Lobato: as primeiras edições dos livros de literatura infantil, seus ilustradores, traduções, adaptações, documentos pessoais, farta correspondência, homenagens, artigos sobre o autor e sua obra, artigos escritos por Lobato em vários periódicos desde o início do século XX, livros e teses sobre Lobato, fotografias e alguns pertences seus em uma vitrine em exposição. São 3.028 documentos abrangendo os vários aspectos da vida do autor e de sua obra.⁷⁴

No entanto, em minhas pesquisas na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, encontrei apenas um termo de doação da família do escritor dirigido à Biblioteca, datado de 1985⁷⁵.

73. ANDREOTTI, Azilde Lina. *A formação de uma geração: educação para a promoção social e o progresso de país do jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004 (Tese de Doutorado), p. 4.

74. ANDREOTTI, Azilde Lina. *A formação de uma geração: educação para a promoção social e o progresso de país do jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004 (Tese de Doutorado), p. 10.

75. O termo de doação dos herdeiros de Monteiro Lobato à Biblioteca Infantil encontra-se em anexo.

Conforme o depoimento de Azilde Andreotti, o restante do acervo que estava em posse dos herdeiros não foi transferido para a biblioteca porque, na época, a instituição não possuía condições físicas para recebê-lo e que provavelmente esse material iria para uma universidade:

Na época do Projeto Memória (1995-1996), tive informações de que a família de Monteiro Lobato não se dispunha a doar para a Biblioteca o restante do material do escritor, por não achar esse espaço o mais adequado. Provavelmente, o material seria doado para uma Universidade. Em dezembro de 2001, a família do escritor doou em comodato para o Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, um acervo que ainda mantinha em seu poder.⁷⁶

O acervo do escritor na Biblioteca Infantil é composto de livros⁷⁷, cadernetas de anotações, cadernos de recortes organizados por sua esposa, Purezinha, cartas, artigos de jornais, além de objetos que pertenceram a Monteiro Lobato, como material de pintura, exame médico, móveis de escritório, etc.

No acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, localizei um volume significativo de material que indica possíveis fontes para a (re)criação do mundo clássico lobatiano:

Livros:

- ♦ DURUY, M. V. *Histoire Grecque*. s/ed. Paris: Hachette, s/d. (Com anotações de leitura de Monteiro Lobato).
- ♦ *Grand Dictionnaire Universel du XIXe. Siècle*. s/ed. Paris: Administration du Grand Dictionnaire Universal, 1878. (Com anotações).

⁷⁶ ANDREOTTI, Azilde Lina. Op. cit., p. 10.

⁷⁷ O termo que formaliza a doação dos pertences de Lobato para a Biblioteca Infantil Monteiro não especifica a quantidade ou os títulos doados.

Outros documentos:

- ♦ Conjunto de páginas impressas, avulsas, de “O Leão de Nemeia”, um dos *Doze Trabalhos de Hércules*, com anotações marginais de Lobato.

O acervo do escritor na Biblioteca Infantil, contudo, necessita de pesquisa rigorosa, que poderia ser facilitada pela digitalização de seus documentos e sua disponibilização *on-line*, como já acontece em diversas bibliotecas, incluindo a Unicamp, que abriga outra parte significativa da biblioteca do de Lobato. Quem sabe você, querido leitor, não dá continuidade a essa pesquisa?

As obras que deram início ao acervo lobatiano na Unicamp foram encontradas “por acaso”⁷⁸. Durante o mestrado, a pesquisadora Cilza Bignotto deparou-se com alguns exemplares raros e primeiras edições da obra do escritor sendo vendidos em um quiosque na banca de Luis Martins, em Santos, litoral paulista. Conversando com o livreiro, Cilza descobriu que ele havia adquirido uma grande quantidade de livros da família de Newton Nebel dos Santos, dedicado colecionador de Lobato. Com apoio da Fapesp, Cilza adquiriu esse acervo bibliográfico, que foi oficialmente incorporado ao CEDAE do IEL, passando a constituir a Biblioteca Lobatiana.

A professora Marisa Lajolo, orientadora de Cilza, convidou os herdeiros de Monteiro Lobato – Sra. Joyce Lobato Campos e Sr. Dr. Jorge Kornbluh – para o evento de incorporação da “Coleção Biblioteca Lobatiana” à Unicamp. Esse foi o primeiro passo para a negociação da transferência da documentação que ainda estava em posse da família para a universidade, processo concluído no segundo semestre de 2001. Em 5 de dezembro do mesmo ano, o acervo foi oficialmente incorporado ao CEDAE do IEL, passando a formar o Fundo Monteiro Lobato (FML), composto de livros,

78. Disponível em: <www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/abril2002/unihoe_ju173lobato_pag03.htm>. Acesso em: jul. 2011.

correspondências⁷⁹, documentos familiares originais, materiais de trabalho, itens visuais (fotografias, pinturas e desenhos), recortes de jornal e alguns objetos pessoais.⁸⁰

No FML, localizei os seguintes documentos, possíveis matrizes lobatianas do mundo clássico:

Livros⁸¹:

- ♦ *Histoires d'Hérodote* (1864), de Pierre Saliat, com anotações marginais.
- ♦ *Nueva Mitologia Ilustrada: documental, artística, literária* (1927), de M. Juan Richepan.
- ♦ *The Stream of History* (1929), de Geoffrey Parsens.
- ♦ *Théâtre D'Aristophane/ Traduction Français D'André-Charles Brotier*, revue et corrigée, précédée d' une introduction augmentée d'une notice sur chaque pièce por Louis Humbert (1896).
- ♦ DURANT, Will. *História da Civilização*. v. II. *A Vida na Grécia*. s/ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

Outros documentos:

- ♦ Carta de Monteiro Lobato a Jurandir Ubirajara Campos, solicitando um desenho para a capa de *Os Doze Trabalhos de Hércules*, edição de luxo da editora Acteon.

79. Cabe lembrar que um terceiro acervo, de grande importância para os estudos lobatianos, foi incorporado ao CEDAE em 2002: o Fundo Charles Franckie. Esse acervo reúne cartas de Charles Franckie, incluindo correspondências trocadas com Lobato na época em que ambos lutavam pela exploração do petróleo no Brasil. Cf. CHIARADIA, Kátia. *Ao amigo Franckie, do seu Lobato*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2008. Dissertação de Mestrado orientada pela Profa. Dra. Marisa Lajolo.

80. Parcela expressiva dos documentos do FML, assim como pesquisas resultantes da exploração dele, está disponibilizada por meio do site: <www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>, vinculado ao Projeto Temático *Monteiro Lobato (1882- 1948) e outros modernistas brasileiros*, coordenado pela Prof^a Dra. Marisa Lajolo.

81. No catálogo do CEDAE, não havia a referência completa de alguns livros, com ausência de informações como editora, cidade e edição.

- ♦ Manuscrito com o título atribuído “Depois daquela viagem à Grécia...” e data atesta.
- ♦ Manuscrito com o título atribuído ‘Revisão de tradução para o espanhol de *O Minotauro*’, realizada por Ramon Pietro.
- ♦ Manuscrito “As Ninfas de Emília” [1947] (10 páginas datilografadas com anotações autógrafas de Lobato).
- ♦ Manuscrito “Os 12 Trabalhos de Hércules” (1946) (1 página datilografada com anotações autógrafas de Lobato).

Depois de encontrar tantos exemplares sobre a obra e a biblioteca do escritor, dediquei-me a procurar os vestígios de seu processo de criação. No entanto, determinar com exatidão a ordem cronológica dos textos de Lobato não é tarefa fácil. Por um lado, isso se deve ao fato de seu material de trabalho não ter sido integralmente preservado em um acervo; por outro, porque os documentos – por mais cuidado que se tenha – são organizados por outras pessoas, em contextos distintos daqueles em que foram originalmente produzidos.

Como exemplo, temos o manuscrito *Depois daquela viagem à Grécia...* [1920], conservado no acervo do CEDAE, com título e data atribuídos pelos pesquisadores. O documento estava anexado a um exemplar de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, obra publicada em 1920 e que pertencera ao autor; por isso, estimou-se que o manuscrito fosse a mesma época. O conto, que narra a volta dos picapauzinhos à Grécia, foi publicado em diferentes edições de *Fábulas*, sob títulos variados, dentre os quais o escolhido. No entanto, o texto de *Fábulas* (1922) passou por diversas alterações e acréscimos nas edições posteriores. Só a partir da 8ª edição, de 1943,⁸² aparecem os comentários dos personagens do sítio,

82. SOUZA, Loide Nascimento de. “Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas”. In: LAJOLO, Marisa; Ceccantini, João Luis (Orgs.). *Monteiro Lobato Livro a Livro (obra infantil)*. São Paulo: Editora Unesp - Imprensa Oficial, 2008.

conforme registrados no manuscrito, o que sugere que sua data real seja posterior à atribuída inicialmente.

Em uma carta ao amigo Cesídio Ambrogi, com data provável de 1942⁸³, Lobato alude à preparação de uma nova edição de *Fábulas*, que seria, provavelmente, a 8ª, tirada do prelo em 1943, e que viria desbastada de “literatura”. Na mensagem, traz à baila o romance *Éramos Seis*, de Maria José Dupré, publicado nesse mesmo ano pela Editora Brasiliense, obra para a qual Lobato escreveu um prefácio, elogiando a expressão literária desataviada da autora:

Estou preparando o meu livro *Fábulas* para nova edição, e sabe em que consiste o preparo? Em tirar todas as “coisas lindas” que inconscientemente lá botei, isto é, a “literatura”. Estou raspando a literatura que há nessas fábulas. E como é doloroso! O mesmo que uma raspagem de osso! A gente fez aquilo com tanto amor, achou tão bonito, gostou tanto – e ainda acha tão bonito... E tem de votar fora, tem de raspar. Por quê? Por causa da tal Senhora Leandro Dupré. Esquisito, não? Passei a vida a lidar com a literatura, li todos os mestres – e afinal fui aprender com uma senhora que nem nome tem – assina o do marido.

Assim, a partir dessas considerações, darei continuidade à nossa busca pelas origens da Hélade construída por Monteiro Lobato.

83. TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007. Tese de Doutorado orientada pela Profa. Dra. Marisa Lajolo. p.370.

CAPÍTULO 3

PROCESSO(S) DE CRIAÇÃO DE MONTEIRO LOBATO: LEITURAS, DIÁLOGOS E NOTAS DE TRABALHO

O processo de criação de Monteiro Lobato era bastante dinâmico. Em algumas oportunidades, ele utilizava seu trabalho como editor, tradutor e revisor para dar forma às suas próprias obras. Será que nossos autores contemporâneos também fazem isso?

Aqui, propus algumas indicações de suas possíveis fontes sobre a “Grécia”: Will Durant e Virgil Hillyer, autores estadunidenses cujas obras Lobato traduziu e adaptou ao contexto brasileiro.

Além disso, considero importante destacar as cartas que Lobato trocava com o escritor carioca Coelho Neto, um dos responsáveis pela difusão do gosto pelos temas clássicos na literatura brasileira.

3.1 Monteiro Lobato & William Durant ⁸⁴

Acredito que as obras de William Durant (1885-1981) exerceram importante papel na reconstrução grega de Monteiro Lobato, principalmente *The Life of Greece*, obra publicada em 1939 (New York: Simon and Schuster). Lobato traduziu os seguintes títulos do historiador estadunidense: *The Story of Civilization*. v. I: Our Oriental Heritage. New York: Simon and Schuster, 1935; *The Story of Philosophy: The Lives and Opinions of the Greater Philosophers*. New York: Simon and Schuster, 1926; *The Story of Civilization*. v. II: The Life of Greece. New York: Simon and Schuster, 1939; *The Story of Civilization*. v. III: Caesar and Christ. New York: Simon and Schuster, 1944; *Great Men of Literature*. New York: Garden City

84. O capítulo “Monteiro Lobato & William Durant” foi desenvolvido durante a iniciação científica e depois ampliado na pesquisa de mestrado.

Publishing Co. Inc., 1936; *The Mansions of Philosophy: A Survey of Human Life and Destiny*. New York: Simon and Schuster, 1929.

Muito embora Lobato receba créditos pela versão brasileira de *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*, a obra não foi traduzida por ele, mas por sua sobrinha e nora, Gulnara de Moraes Lobato. Lobato revisou a tradução e, a partir dessa informação, foi possível manter a hipótese de que a obra de Durant tenha sido uma das fontes lobatianas para a apresentação do mundo grego em seus livros – principalmente *O Minotauro* (1939).

O fato de Lobato recorrer explicitamente a obras alheias para a construção de sua própria produção não surpreende, sobretudo em um autor para quem a *intertextualidade* constitui procedimento recorrente.

Durante parte de sua vida, Monteiro Lobato dedicou-se à tradução e “adaptação” de diversas obras, como *Peter Pan and Wendy* (1911), de J. M. Barrie, e *Child’s History of the World* (1927), de V. M. Hillyer, a partir das quais produziu *Peter Pan* (1930) e *História do Mundo para Crianças* (1933).

Nessas “traduções”, Lobato adapta as obras infantis para um contexto essencialmente brasileiro, como observa Edgard Cavalheiro:

Dando um balanço em sua própria produção, [Lobato] acha criminoso não aproveitar onda tão favorável para empreender de uma vez por todas a renovação da literatura infantil no Brasil. Examinando os livros existentes em português, apavora-se com as traduções em curso e toma a sério refazê-las, abasileirando-lhes a linguagem. Obras como *D. Quixote*, *Viagens de Gúliwer*, *Robinson* e outros contos de Andersen, Grimm ou Perrault e tantas outras que circulavam em adaptações ineptas e, o que lhe afigura mais grave, vazadas numa linguagem de difícil entendimento para as crianças brasileiras. Urgia consertá-las. E ao mesmo tempo surgem-lhe novas ideias de histórias originais.⁸⁵

85. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 330.

Além dessas “adaptações” mais explícitas, Lobato também recorria a informações de livros que traduzia e revisava como matéria-prima para suas próprias obras. Em carta a Rangel, em 1945, o escritor alude a Will Durant:

Estou com atraso, com 2 cartas tuas sem a resposta pronta de costume. Isso foi porque empreendi a tradução do último volume da *História da Civilização* do Will Durant, *César e Cristo*, e apaixonei-me tanto que suspendi todas as minhas atividades, inclusive a epistolar.

Hoje terminei – 700 pags![...]

Essa tradução é a última que faço, e fi-la porque já tinha traduzido os primeiros volumes. Uf!... Chega.

Mas vou ter saudades. Como é bom, como é absorvente, traduzir um bom livro! Vou agora escrever as coisas para a safra deste ano. D. Benta vai com o pessoalzinho para Roma. Vou fazê-los ver a História de Roma”.⁸⁶

Por isso, acredito que, assim como Lobato afirmou a seu amigo Rangel que usaria o material de sua tradução sobre Roma para escrever mais um de seus livros, ele pode ter adotado o mesmo procedimento em relação à Grécia ao revisar a tradução de *The Life of Greece*.

Com base nessa hipótese, organizei um quadro comparativo que apresenta, lado a lado, trechos de *O Minotauro*, de Monteiro Lobato; do original *The Life of Greece*, de Will Durant; e de *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*, a versão nacional da obra de Durant, para facilitar a comparação⁸⁷:

86. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: Quarenta Anos de Correspondência Literária*. 8. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. p. 365-366. Carta de São Paulo, 5 mar. 1945.

87. DURANT, William. *The Life of Greece*. 1. ed. New York: Simon and Schuster, 1939; DURANT, William. *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957 [1946]; LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. [1939].

	THE LIFE OF GREECE	HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO – NOSSA HERANÇA CLÁSSICA – A VIDA NA GRÉCIA	O MINOTAURO
1	He seems to have loved her sincerely, even uxoriously, never leaving his home or returning to it without kissing her [...] – p. 253	Parece que Péricles a amou [Aspásia] sincera e conjugalmente, nunca saindo de casa ou voltando da rua sem beijá-la. – p. 326	Nunca vi casal mais amoroso. Vivem num idílio eterno. Ele [Péricles] não é capaz de entrar ou sair sem primeiro beijá-la [Aspásia]. – p. 190
2	The conservatives were shocked at all this, and turned it to their purposes. [...] Not daring to bring any these matters to open trial, they attacked him through his friend. They indicted Pheidias for embezzling, as they alleged, some of the gold assigned in convicting him, [...] they brought against Aspasia a like writ of impiety [...] complaining that she had shown disrespect for the gods of Greece. – p.253-254	Os conservadores [...] atacavam-no [Péricles] por tabela – ferindo seus amigos. Acusaram Fídias de ter desviado parte do ouro destinado à sua creselefantina [...]; apresentaram contra Aspásia o mesmo libelo de impiedade [...], acusando-a de ter faltado ao respeito dos deuses da Grécia. – p. 327	Que falam mal dela, isso sei eu – confessou a escrava. A política em Atenas é brava. Péricles tem muitos amigos – e também muitos inimigos que não lhe perdoam um nadinha. E quando querem fazer mal, procuram ferir a honra de Aspásia. Sabem que isso lhe dói porque ele a adora. – p. 190
3	Aspasia became the uncrowned queen of Athens, setting fashion's tone, and giving to the women of the city an exciting example of moral freedom. – p. 253 Aristophanes, an unscrupulous political enemy of Pericles, describes her [Aspasia] as a Milesian courtesan who had established a luxurious brothel at Megara, and had now imported some of the girls into Athens [...] But Aristophanes was not an historian, and may be trusted only where he himself is not concerned. – p. 252-253	Aspásia transformou-se na rainha sem coroa de Atenas, lançando moda e dando às mulheres da cidade um excitante exemplo de liberdade mental e moral. – p. 327 Aristófanes, inescrupuloso inimigo político de Péricles, descreve-a como uma cortesã milésia que abria luxuoso bordel em Mégara e levava para Atenas algumas das suas mulheres [...]. Mas Aristófanes não era historiador, e nele só podemos confiar quando as suas paixões pessoais não entram em jogo. – p. 326	Dona Aspásia também se imortalizará como uma das glórias do sexo feminino – apesar de muito difamada. – p. 190

	THE LIFE OF GREECE	HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO – NOSSA HERANÇA CLÁSSICA – A VIDA NA GRÉCIA	O MINOTAURO
4	He [Pericles] was, so far as we know, the most complete man that Greece produced. – p. 248	[Péricles] Foi, ao que se conclui, o homem mais completo que a Grécia produziu. – p. 321	Este Senhor Péricles vai entrar na história como um dos maiores homens produzidos pela humanidade – um gênio dos mais altos, pela inteligência, pela eloquência, pela sabedoria e pelo amor à arte [...]. – p. 190
5	It showed the good sense of the Athenians in this generation that for almost thirty years, between 467 and 428, they elected and re-elected him [...]. Under him Athens, while enjoying all the privileges of the democracy, acquired also the advantages of aristocracy and dictatorship. – p. 249	O indiscutível bom senso de uma geração de atenienses elegeu-o [Péricles] e reelegeu-o durante quase trinta anos, entre 467 e 428 [...]. Sob sua política, Atenas, gozando todos os privilégios da democracia, adquiriu também as vantagens da aristocracia e da ditadura. – p. 321	[...] o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. [...] Pois, apesar de tão longo tempo de ditadura – mas ditadura à moda grega, consentida pelo povo, anualmente renovada por vontade do povo [...] – p. 16
6	[Pericles] devoted his energies now to beautification of Athens. Hoping to make his city the cultural center of Hellas, and rebuild the ancient shrines [...]. – p. 251	[...] preferiu [Péricles] dedicar-se com toda energia ao embelezamento de Atenas. Na esperança de fazer da sua cidade o centro da cultura da Hélade e reconstruir os antigos templos [...]. – p. 324	E, além de ter sido esse chefe ideal – prosseguiu Dona Benta –, foi o maior amigo das artes. Graças a Péricles, Atenas se transformou numa obra-prima de arquitetura e escultura. – p. 16
7	[...] in Athens the stimulus of growing wealth and democratic freedom was combined with wise and cultured leadership to produce the Golden Age. – p. 251	[...] em Atenas, o estímulo à crescente prosperidade e à liberdade democrática combinava-se com um governo sábio e culto para produzir a Idade de Ouro. – p. 323	– Mas uma coisa estou sem saber, vovó: a verdadeira causa desse povo ter chegado a essa altura. Deve existir um segredinho. – Liberdade, meu filho. Bom governo. – p. 16
8	Pericles – others reports perfectly formed only his head was somewhat longish and out of proportion; his critics were to have much fun with this very dilicocephalic head. – p. 248	Péricles – em outros pontos perfeitamente conformado, mas de cabeça desproporcionada; seus motejadores muito se divertiam com essa marcada dilicocefalia. – p. 320-321	Só no físico não foi perfeito, por falta de regularidade na forma do crânio. Péricles tinha uma cabeça como a do Totó Cupim, isto é, como uma bossa de coruto. – p.13

	THE LIFE OF GREECE	HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO – NOSSA HERANÇA CLÁSSICA – A VIDA NA GRÉCIA	O MINOTAURO
9	He was, so far as we know, the most complete man that Greece produced. – p. 248	Foi, ao que se concluiu, o homem mais completo que a Grécia produziu. – p. 319	[...] e quem a lê [história de Péricles] admira-se de encontrar num mesmo homem tantos e tão grandes méritos. [...] era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica. – p.13 A inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, das que penetram no fundo das coisas e compreendem. Por isso foi o maior homem de seu tempo, o maior orador, o maior estrategista, o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. – p. 15-16
10	It showed the good sense of the Athenians in this generation that for almost thirty years, between 467 and 428, they elected and re-elected him [Pericles], [...]. Under him Athens, while enjoyall the priveges of democracy, acquired also the advantages of aristocracy and dictatorship. – p. 249	O indiscutível bom senso de uma geração de ateniense elegeu-o [Péricles] e reelegeu-o durante quase trinta anos, entre 467 e 428 [a.C.]. [...] Sob sua política, Atenas, gozando todos os privilégios da democracia, adquiria também as vantagens da aristocracia e ditadura. – p. 319	Pois, apesar de tão longo tempo de ditadura – mas ditadura à moda grega, consentida pelo povo, anualmente renovada por vontade do povo... – p. 16.
11	From 447 to 438, Phedias and his aides were absorbed in carvins the statues and reliefs of the Parteon. [...] He was the son of the painter, and for a while under Polygnotos; [...], it may be, he acquired that "groud estyle" which made him the greast sculptor in Greece. – p. 324	De 447 a 438 [a.C.], Fídias e seus auxiliares absorveram-se no trabalho das estátuas e relevos do Partenon. [...] Era filho de um pintor e durante algum tempo estudou com Polignoto; [...] talvez Fídias tenha haurido de Polignoto aquele grande estilo "que lhe granjeou o título de maior escultor da Grécia". – p. 417-418	– Sim, e graças a Péricles estou (Fídias) dirigindo a construção do templo de Palas-Atena e de todos os mais monumentos da cidade. [...] – Será possível, meu Deus? Será possível que eu [Dona Benta] esteja diante de Fídias, o maior escultor de todos os tempos? O grego sorriu. – p. 27-28.

	THE LIFE OF GREECE	HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO – NOSSA HERANÇA CLÁSSICA – A VIDA NA GRÉCIA	O MINOTAURO
12		O Partenon, como o Eurecto e o Teseu, escaparam à destruição por terem sido aproveitados como igrejas cristãs; não foi necessária grande alteração de nome, visto que nos dois casos se tratava de um templo dedicado à Virgem. Após a ocupação turca em 1456, transformaram-no em mesquita e acrescentaram-lhe um minarete. Em 1687, quando os venezianos sitiaram Atenas, os turcos serviram-se do Partenon como depósito de pólvora. Informado disso, o general veneziano ordenou aos seus artilheiros que fizessem fogo contra o templo. Uma bomba atravessou o teto do edifício, fez explodir a pólvora e deixou em ruínas metade da construção. Depois de capturar a cidade, Morosini tentou apoderar-se das figuras do frontão, mas, ao retirarem as estátuas, seus homens deixaram-nas cair, o que as reduziu aos cacos. Em 1800, Lord Elgin, embaixador inglês na Turquia, obteve licença para enviar parte das esculturas ao Museu Britânico, sob a alegação de que lá ficariam mais seguras contra a ação do tempo e da guerra. – p. 431: nota de rodapé	– O maravilhoso Partenão, que o Senhor Fídias está construindo, será cruelmente maltratado. Um dos vossos sucessores na chefia do partido popular, Senhor Péricles, será o primeiro profanador desse templo, daqui a 140 anos, Laquerés, chamar-se-á ele. Péricles sorriu para Fídias, que se conservava muito atento. Dona Benta continuou: – Para acudir às despesas militares, Laquerés tirará todo o ouro que ornamentava a estátua de Atena. Mas a cidade de Atena será sitiada por Demétrio Poliorcete, um dos generais que sucederão Alexandre, o Grande – e será tomada. Laquerés fugirá. Demétrio instar-se-á no Partenão e transformará o santuário da deusa em teatro das suas orgias... A segurança com que a velhinha anunciava tais coisas provocou um certo mal-estar nos dois gregos. Dona Benta prosseguiu: – A estátua de marfim e ouro de Palas-Atena desaparecerá aos pedaços, perde-se-á para sempre. Durrá menos de século e meio a vossa obra-prima, senhor Fídias, mas a fama dessa escultura ficará eterna. [...] Atenas ficará nas mãos dos turcos, que por sua vez transformarão a igreja de Santa Sofia em mesquita mulçumana. [...] O chefe dos venezianos prosseguirá na obra da pólvora [...]. – p. 32-35

A primeira grande semelhança entre os textos de Lobato e de Durant é que ambos são narrativos, o que não é de se estranhar, já que um pertence a um livro de história e outro a uma obra de ficção. No entanto, embora sejam “narrativos”, rompem com a tradição. A narrativa histórica tradicional tende a se apoiar em maior precisão de datas, no uso de dados e fontes primárias e, no tempo de Durant, em certa desatenção a temas do cotidiano. Já a ficção permite maior liberdade ao autor, bem como menor compromisso com a veracidade, desde que a verossimilhança seja mantida.

Os fragmentos transcritos na linha 6 da tabela são bastante sugestivos para analisarmos alguns dos procedimentos narrativos adotados pelo historiador – trata-se de um narrador em terceira pessoa que relata os acontecimentos ao leitor, fornecendo detalhes históricos sobre fatos ocorridos no passado:

Péricles [...] preferiu dedicar-se com toda energia ao embelezamento de toda Atenas. Na esperança de fazer da sua cidade o centro de cultura da Hélade e reconstruir os antigos templos – destruídos pelos persas [...].⁸⁸

O narrador de Durant parece onisciente ao registrar *preferências* (“preferiu dedicar-se com toda energia ao embelezamento de Atenas”) e *expectativas* (“fazer da sua cidade o centro da cultura da Hélade e reconstruir os antigos templos”) de Péricles, abordando assim aspectos pessoais.

Na passagem equivalente de *O Minotauro*, que também enfoca a arte em Atenas e o papel de Péricles nesse contexto, a voz do narrador – agora representada por Dona Benta – não assume um papel central. A personagem situa os leitores em determinados momentos da narrativa, mas o que predomina é o discurso direto, ou seja, o narrador “fala” pela boca de Dona Benta:

88. DURANT, William. *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*. 1º Tomo. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. p. 324.

— E além de ter sido esse chefe de estado ideal [Péricles]
— prosseguiu Dona Benta —, foi o maior amigo das artes.
Graças a Péricles, Atenas se transformou numa obra-prima
de arquitetura e escultura.⁸⁹

A técnica narrativa distanciada, em terceira pessoa, não está presente em toda a obra de Durant. Em diversas passagens, o autor recorre ao narrador em primeira pessoa do plural:

Depois que, deixando o Atlântico atrás de nós, penetramos
a mais bela das águas, surge-nos a arena da história grega.⁹⁰

Percebo também que Durant, assim como Lobato, romanceia suas histórias. Mesmo sendo um livro que traz a palavra “história” em seu título, Durant narra situações que retratam a vida cotidiana e os sentimentos de “suas personagens”, envolvendo os leitores na narrativa.

Além disso, encontrei, na obra do historiador, passagens em que ele explicita suas opiniões e preferências:

Aristófanes, inescrupuloso inimigo político de Péricles, descreve-a como uma cortesã milésia que abrira luxuoso bordel em Mégara e levava para Atenas algumas das suas mulheres [...]. Mas Aristófanes não era historiador, e nele só podemos confiar quando as suas paixões pessoais não entram em jogo.

Não é curioso que Will Durant critique um escritor pelo uso de um recurso do qual ele próprio lança mão? Além disso, ele também recorre a outros procedimentos retóricos para envolver seus leitores na narrativa.

Por que motivo o segundo grupo das civilizações históricas tomou corpo no Mediterrâneo, do mesmo modo que o

89. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 16.

90. DURANT, William. *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*. 1º Tomo. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. p. 3.

primeiro grupo se desenvolveu ao longo dos rios do Egito, da Mesopotâmia e Índia, e o terceiro grupo floresceu no Atlântico – e o quarto começa a aparecer nas costas do Pacífico? Teriam excelência de clima as terras banhadas pelo Mediterrâneo?⁹¹

Como técnica narrativa, do mesmo modo que Lobato, Durant estabelece uma relação entre o tempo narrado e o tempo da narração, intensificando o diálogo com o leitor. Escreve o historiador norte-americano:

Naquele tempo, como hoje, as chuvas do inverno nutriam o solo, e o frio moderado estimulava o homem; durante quase o ano inteiro, uma criatura podia viver ao ar livre, sob um sol bem quente, mas de nenhum modo enervante.⁹²

No entanto, em vez de apenas um, a narrativa lobatiana opera simultaneamente com dois tempos narrados: a Antiguidade Grega, no século XV a.C. (para onde vão Pedrinho, Emília e o Visconde em busca de Tia Nastácia), e a Época de Péricles, no século V a.C. (onde permanecem Dona Benta e Narizinho). Além disso, há o tempo da narração, situado na década de 1930, quando o livro infantil foi publicado.

Desse modo, em *O Minotauro*, esses três eixos temporais se entrelaçam sem divisões rígidas; o “problema” da linearidade do tempo é resolvido pelo pó de pirlimpimpim. Por meio desse pozinho mágico, as personagens do Sítio chegam à Grécia e se separam: Pedrinho, Visconde e Emília exploram a Grécia Mitológica, enquanto Narizinho e Dona Benta permanecem na Grécia de Péricles. Graças ao recurso mágico, conseguem se comunicar, mesmo estando em épocas diferentes:

91. DURANT, William. *História da Civilização – Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*. 1º Tomo. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. p. 3.

92. *Ibidem*. p. 3

Pedrinho apressou os preparativos. Como a Argólia ficasse muito longe, iria recorrer à pitadinha do velho pó de pirlimpimpim, o qual servia para locomoção no espaço, isto é, dum ponto da Terra a outro. O pó número 2, que haviam aspirado no iate, era para a locomoção no tempo, isto é, dum século a outro.⁹³

O nosso ilustre Visconde de Sabugosa foi o descobridor de umas ondas sonoras, que receberam o nome de sabuguinas, por meio das quais podemos transmitir mensagens, cantos, músicas, etc., dum século a outro. Neste momento, meu neto Pedrinho, a Emília e o Visconde estão mergulhados no século XV a.C., em plena Grécia Heroica, e de lá enviaram ao receptor uma mensagem, que o Senhor Marquês de Rabicó, lá no iate, apanhou e fixou na cartinha que acaba de vir.⁹⁴

O tempo da narração vem à tona, por exemplo, quando Dona Benta fala às crianças sobre a Grécia de sua época:

A Grécia de hoje, meus filhos, é um dos pequenos países da Europa, com 116 mil quilômetros quadrados e menos de 5 milhões de habitantes.⁹⁵

Aparece também, de forma mais sutil, nas referências culturais familiares aos leitores brasileiros da época de Lobato. Um exemplo disso é a comparação do néctar dos deuses com o mel de abelhas e da ambrosia com o curau de milho verde, ou ainda quando Dona Benta compara Palas Atena a uma padroeira, incorporando à narrativa um elemento característico da tradição católica:

— Ah, era o que eu pensava! Mel dos Deuses — mas um mel mil vezes mais gostoso que o das abelhas. [...].

Pedrinho provou o néctar e estalou a língua. [...] Vejamos agora a Ambrosia [...].

93. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 133.

94. *Ibidem*. p. 148.

95. *Ibidem*. p. 4.

– Curau de milho verde, Pedrinho! Curau do bom, mas muito melhor do que o de Tia Nastácia.⁹⁶

Dona Benta parou, estarrecida. Dez majestosas colunas erguiam-se de cada lado, cercando, como sentinelas, a maravilhosa Palas-Atena, a mais rica obra-prima da escultura grega. [...] **A padroeira de Atenas** lá estava em atitude erecta, na sua túnica...⁹⁷. [grifo nosso]

Dona Benta desempenha um papel fundamental na narrativa. Ela funciona como uma espécie de porta-voz do narrador, conectando diferentes tempos históricos – época mitológica, o século de Péricles e os anos 1930 –, não só para seus netos, mas também, e principalmente, para os leitores de Monteiro Lobato. Na biografia do escritor, Edgard Cavalheiro generaliza essa função exercida por Dona Benta para o conjunto da obra lobatiana:

Dona Benta é o bom senso, a censura aos velhos métodos, o permanente acicate na inteligência e no espírito crítico dos netos. Sua moda de ler é “diferente”. [...] Dona Benta “lia traduzindo”. Onde estava, por exemplo, “lume” lia “fogo”; onde estava “lareira”, lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o”, ou “comeu-o”, lia “botou ele”, ou “comeu ele”, e ficavam, como achavam todos os ouvintes, o “dobro mais interessante”.

Pela boca de Dona Benta tudo lhes parecia mais fácil, agradável e pitoresco. Até Geologia, que é coisa muito complicada, aprendem facilmente. E o que dizer de História, Geografia, Gramática e Aritmética, Folclore, Mitologia, Química, Física ou Biologia? Tudo muito simples, despido de mistérios, de impenetrabilidade. [...] Dona Benta [...] troca tudo em miúdos, expõe os fatos e as consequências com absoluta clareza e sempre na ordem direta.⁹⁸

96. LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 124.

97. *Ibidem*, p. 71.

98. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 583-584.

É possível perceber a grande importância do historiador Will Durant na obra de Lobato, tanto na transmissão de informações históricas quanto no emprego de técnicas narrativas. Reconhecendo a relevância de Durant para a(s) “Grécia(s) de Lobato”, decidi buscar mais informações sobre o historiador norte-americano⁹⁹, a fim de entender melhor a relação entre os dois escritores.

William James Durant (1885-1981) nasceu em North Adams, Massachusetts. Estudou em uma escola paroquial católica, onde seus professores queriam que ele ingressasse na Ordem Jesuíta. No entanto, em 1903, ao ter acesso às obras de Darwin, Huxley, Spencer e Haeckel por meio da Biblioteca Pública de Jersey, começou a repensar suas crenças, abandonando posteriormente a fé em favor da ciência e da filosofia.

Durant prosseguiu seus estudos e leituras nas bibliotecas e, em 1909, passou a interpretar os ensinamentos de Tomás de Aquino à luz das ideias de Karl Marx. Leu também *Ethics Geometrically Demonstrated* (1677), de Spinoza, obra que o levou a aprofundar sua compreensão da filosofia e da sociedade de seu tempo.

Em 1911, Durant deixou o seminário e começou a dar aulas na Ferrer Modern School. Um colaborador da escola, Alden Freeman, proporcionou-lhe uma viagem à Europa. Ao retornar aos Estados Unidos, casou-se com uma de suas alunas, Ariel, que se tornou sua companheira de trabalho e colaboradora em muitos de seus livros. Continuou seus estudos na Universidade de Columbia, onde teve contato com intelectuais como Morgan, McGregor, Woodbridge e Jonh Dewey.

Em 1917, como requisito para o Doutorado em Filosofia, escreveu seu primeiro livro, *Philosophy and the Social Problem* (Filosofia e o Problema Social), no qual argumentava que a filosofia ignorava os problemas de sua sociedade.

99. As informações sobre a vida e obra de Will Durant foram obtidas no site de sua fundação e traduzidas por mim. Disponível em: www.willdurant.com. Acesso em: 10 fev. 2009.

Após obter o título de doutor, passou a lecionar na Universidade de Columbia. No entanto, com a Primeira Guerra Mundial, perdeu o emprego e começou a dar aulas em uma antiga igreja presbiteriana em Nova York, que mais tarde seria chamada de *Labor Temple*. Lá, ensinava história da filosofia, literatura, ciência, música e arte.

A maioria de seus alunos não estava formalmente matriculada em instituições de ensino, mas tinha grande interesse pelos temas abordados. Desse modo, Durant desenvolveu um método que valorizava o cotidiano dos estudantes como meio de introduzir novos conhecimentos. O sucesso de suas aulas foi tão significativo que, em 1921, ele organizou a *Labor Temple School*, dedicada à educação de adultos.

Numa tarde de domingo daquele ano, E. Haldeman-Julius, editor responsável pela publicação dos famosos Little Blue Books¹⁰⁰, decidiu passar na Labor Temple e soube que, às 17 horas, Durant falaria sobre Platão. O editor entrou, gostou da aula de Durant e o convidou para escrever alguns livros para sua coleção. Inicialmente, o filósofo recusou, por conta de seu outro trabalho, mas Julius insistiu, aumentando a oferta. O professor acabou aceitando a proposta e escreveu 11 livros de bolso, que deram início à sua *História da Filosofia*.

Com o sucesso dos livros, os editores Dick Simon e Max Schuster, da recém-criada editora *Simon & Schuster*, decidiram publicar os livros de Durant. Eles estimavam vender cerca de 1.100 cópias; sendo mais otimistas, 1.500. Em 1926, cada exemplar custava 5 dólares, estratégia pensada para atrair novos leitores. No entanto, um artigo de Henry Forman no *New York Times* deu grande notoriedade ao livro, que, em poucos anos, vendeu aproximadamente 2 milhões de cópias.

100. Coleção de livros de bolso que contemplava vários assuntos e autores. Sabe-se, inclusive, que alguns contos de Monteiro Lobato foram publicados nessa coleção.

Além do sucesso entre os leitores norte-americanos, o livro foi traduzido para diversas línguas, incluindo chinês, tcheco, dinamarquês, holandês, finlandês, alemão, francês, hebraico, húngaro, italiano, japonês, norueguês, polonês, português, servo-croata, espanhol e sueco.

Em carta de 1930, Lobato, morando nos Estados Unidos, escreve a Anísio Teixeira e revela seu entusiasmo ao ler *História da Filosofia*, de Will Durant:

[Estou] lendo de novo. Passei meses tão absorvido com a Wall Street que quase analfabetizei-me. Quem me salvou foi o Will Durant. Fui há dias ao drugstore vizinho comprar uma seringa para Miss Joyce e dei com uma nova edição da *História da Filosofia* por um dólar. Lembrei-me do que disseste do livro e comprei-o. E fiz mais: li-o, e com regalo e com assombro, por não achar ressaibo de sectarismo no expositor. Poucas vezes se terá escrito sobre filósofos e filosofias com encanto de romancista bom, como o fez Durant. E lido Durant pus-me a ler outras coisas e parece que estou curado da obsessão wall-streeteana.¹⁰¹

A primeira tradução brasileira de *Story of Philosophy* foi assinada por Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Em 6 de junho de 1934, Lobato propõe ao amigo dividir a tarefa:

Dividamos ao meio a *Story of Philosophy* do Will Durant e assinemos com iniciais os capítulos que traduzirmos. Juntos até na história da filosofia... Minha ideia é fazer um trabalho perfeito. O Octales¹⁰² não tem muita pressa. Durant merece todo carinho e nós temos responsabilidades¹⁰³.

101. LOBATO, Monteiro. Carta a Anísio Teixeira, Nova Iorque, 12 abr. 1930. Localização do documento: FGV/CPDOC - Arquivo Anísio Teixeira - ATc 28.06.22.3 Carta publicada no livro *Conversa entre Amigos: Correspondência Escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986. p. 51-53. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/cartas/lobato2.html>> Acesso em: 24 jun. 2009.

102. Editor da Companhia Editora Nacional.

103. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: Quarenta Anos de Correspondência*

Por ocasião da segunda edição de *Filosofia da Vida*, Lobato expressa o interesse renovado pela obra ao escrever ao amigo:

Eu apodreço no ferro, onde também só encontramos obstáculos (já estou no ferro há 10 anos!). E você apodrece nas traduções. Por falar: leia a *Filosofia da Vida* do Will Durant, a maravilha das maravilhas. Mas leia a 2ª edição, ainda no prelo. As segundas edições de coisas minhas são sempre melhores que as primeiras. Revi ontem as últimas provas. Maravilha, Rangel.¹⁰⁴

A relação entre Will Durant e Lobato pode ser confirmada também por uma carta datada de 31 de dezembro de 1937, na qual o escritor norte-americano agradece ao tradutor de *Mansions of Philosophy*:

I have received today the translation of my *Mansions of Philosophy* into Portuguese. I am happy to learn that I am to have the opportunity of making new friends in Brazil [...]¹⁰⁵

O vínculo amigável de Durant não se restringia apenas a Lobato, mas também se estendia aos brasileiros, como pode ser percebido no prefácio que escreveu para a tradução brasileira de *Great Men of Literature* (Os Grandes Pensadores¹⁰⁶), em 1939. Nele, o escritor americano discute o que considera “as grandes ideias” da humanidade, expressa seu desejo de conhecer o Brasil e menciona sua “semelhança” (sintonia) com os latinos¹⁰⁷.

O título de historiador atribuído a Will Durant pode ser questionado, devido ao tipo de “História” que ele produziu. Talvez

Literária. 8. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957. p. 365-366. Carta de São Paulo, 6 jun. 1934.

104. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre: Quarenta Anos de Correspondência Literária*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944, Carta de São Paulo, 1 jun. 1938.

105. CEDAE/IEL/UNICAMP, código MLb 3.2.00397cx8.

106. Tradução de Monteiro Lobato.

107. Ver em anexo o Prefácio para edição brasileira de *Os Grandes Pensadores*.

influenciado por sua formação filosófica ou por sua experiência como professor, Durant sempre propôs uma “história humanizada”. Escrevia às pessoas comuns, que não necessariamente faziam parte do meio acadêmico, como ele próprio explica no prefácio¹⁰⁸ da 2ª edição americana de *História da Filosofia*:

Não nos envergonhamos de ensinar o povo. Os ciosos que querem evitar que o grande público se aproveite dos seus conhecimentos e para isso escondem a ideia na maranha da terminologia bárbara, impedem o público ansioso de saber para todas as fontes claras. Não se abespinhem esses homens contra obras como a nossa, que vêm em socorro do público e para lhe facilitar a tarefa humanizam a filosofia.¹⁰⁹

O prefácio foi escrito em resposta às críticas que o livro recebeu de “especialistas”, cuja principal objeção era a suposta incompletude em sua “História” e a omissão de importantes filósofos, como, por exemplo, os da filosofia escolástica. Como resposta a essas críticas e para esclarecer o propósito de sua obra, Durant escreve:

Muitas dessas críticas eram desagradavelmente justas. A *História da Filosofia* está cheia de defeitos. O maior de todos reside em ser incompleta. A omissão total da filosofia escolástica unicamente perdoável para os que lhe padeceram o martírio nos seminários e ficaram desconfiados de que era apenas teologia disfarçada e de nenhum modo filosofia. É verdade que em alguns casos (Schopenhauer, Nietzsche, Spencer, Voltaire) a exposição da doutrina foi mais completa do que a maioria das histórias da filosofia. E é também verdade que já no início se declara francamente:

Este livro não é uma história completa de filosofia. É uma tentativa de humanizar conhecimentos concentrando a história do pensamento especulativo em redor de algumas

108. Prefácio encontrado na tradução de Lobato, p. 13.

109. DURANT, William. *História da Filosofia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, s/d. p. 13.

personalidades dominantes. Figuras menores foram omitidas para que as maiores tivessem suficiente espaço. [Prefácio].¹¹⁰

O trecho acima nos mostra que Durant “selecionava” o que escrevia em seus livros. Ele direcionava o leitor ao apresentar correntes filosóficas e autores que considerava mais relevantes, além de dar maior destaque a determinados fatos históricos em detrimento de outros. Também tomava posição diante dos acontecimentos e recorria a uma abordagem mais narrativa, como ocorre em *The Life of Greece*, em que defende Péricles – postura que Lobato, por sua vez, adota em *O Minotauro*.

Durant não considerava suas obras como um “manual completo” de filosofia ou história, mas sim como porta de entrada para a população ter acesso aos clássicos. No mesmo prefácio, ele manifesta sua satisfação ao saber que, depois da publicação de seu livro, as vendas dos clássicos da filosofia cresceram 200%:

É animador saber que, depois da publicação desta *História da Filosofia*, a venda das obras clássicas aumentou duzentos por cento. Muitos editores tiveram que reeditá-las, particularmente as de Platão, Spinoza, Voltaire, Schopenhauer e Nietzsche.¹¹¹

Lobato também desempenhou um papel fundamental na popularização do conhecimento e da leitura, especialmente entre o público infantojuvenil. Como editor, inovou ao criar novas capas e formatos para os livros brasileiros, publicou autores desconhecidos e expandiu a distribuição de livros, levando a literatura a praticamente todo o país. Afirma Lobato:

Dizem que o Brasil não lê! Uma ova! A questão é saber levar a edição até o nariz do leitor, aqui, ou em Mato Grosso, no Rio Grande do Sul, no Acre, na Paraíba, onde

110. DURANT, William. *História da Filosofia*. São Paulo: Cia Editora Nacional, s/d. p. 10.

111. *Ibidem*. p. 12-13.

quer que ele esteja sequioso por leituras... Livro cheirado é livro comprado, e quem compra lê. Se o Brasil não lia é porque os velhos editores, na maior parte da santa terrinha, limitavam-se a arrumar os volumes nas poeirentas prateleiras das suas próprias livrarias, e quem quisesse que tome o trem, ou o navio, e vá ao Rio comprá-los. Umas bestas! O Brasil está louco por leituras. Só os editores não sabiam disso!¹¹²

Lobato traduziu tanto obras de literatura adulta, como as de Durant, quanto de literatura infantil. Assim como o norte-americano, o escritor brasileiro acreditava que a obra deveria ser compreensível para seu público e, por isso, frequentemente adaptava suas traduções, postura que lhe rendeu muitas críticas. Sobre seu “método” de tradução, ele afirma:

O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois conta com palavras suas. Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor – e escritor decente.¹¹³

Percebi que ambos os escritores buscaram “adaptar” ou “facilitar” o acesso a um conhecimento considerado culto, ou erudito, para seus leitores. No caso de Durant, seu público era predominantemente composto por adultos sem alto grau de letramento; já Lobato voltava-se especialmente para crianças em formação.

112. Apud: CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e Obra*. São Paulo: Nacional, 1955. p. 242.

113. *Ibidem*. p. 537.

3.2 Monteiro Lobato & Virgil Mores Hillyer ¹¹⁴

“Alea jacta est! – que significa: A sorte está lançada!”¹¹⁵

Ainda na busca pelas fontes gregas de Lobato, nos deparamos com o educador Virgil Mores Hillyer (1875-1931), autor de *A Child's History of the World* (1924), obra que serviu de base para *História do Mundo para Crianças* (1933), de Monteiro Lobato – livro infantil repleto de referências à antiguidade clássica.

Em *História do Mundo para Crianças*, Dona Benta, a avó sempre bem informada, apresenta o livro de Hillyer à meninada do Sítio. Além de possuir uma grande biblioteca, a senhorinha está sempre por dentro das novidades do mundo editorial, como *A Child's History of World*:

Dona Benta era uma senhora de muita leitura; além de ter uma biblioteca de várias centenas de volumes, ainda recebia, dum livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento.

Uma tarde o correio trouxe-lhe *A Child's History of World*, de V. M. Hillyer, diretor da Calvet School, de Baltimore.¹¹⁶

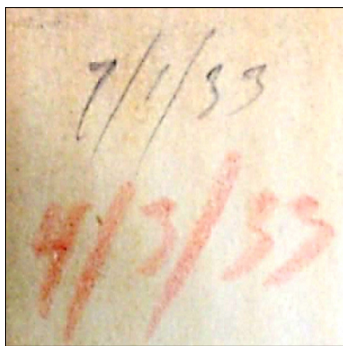
Depois de ler o livro, com “cara de quem estava gostando”, e folhear vários volumes de sua biblioteca, Dona Benta decidiu que a história do mundo devia, sim, ser assunto para crianças. A partir daí passou a narrar a “história universal” à sua maneira, começando pelo *Big Bang*, passando pelos homens das cavernas, Grécia, Índia, Roma, Idade Média e chegando a eventos do início do século XX.

114. Este item foi desenvolvido em parceria com Camila Russo de Almeida Spagnoli e apresentado parcialmente como comunicação sob o título “Livros, leituras e outros livros: um certo Monteiro Lobato leitor” no 2º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, realizado na Universidade Estadual de Maringá (PR).

115. LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 113.

116. LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 3.

No acervo que pertenceu a Monteiro Lobato, localizado na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo, encontrei um exemplar de *A Child's History of the World*. Nele, há duas anotações na terceira capa: “7/1/33” e “4/3/33”, que podem indicar o período em que o escritor leu a obra estrangeira.



Anotação das datas “7/1/33” e “4/3/33” a grafite e lápis azul
(Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo).

É curioso notar que a primeira edição de *História do Mundo para Crianças* é de 1933, mesma data mencionada na nota manuscrita no exemplar de *A Child's History of the World* que pertenceu a Monteiro Lobato.

Ao que tudo indica, Lobato lia e, imediatamente, transformava sua leitura em um novo produto para o público brasileiro. Essa hipótese se fortalece ao observarmos que, no exemplar de sua biblioteca pessoal, há anotações marginais e trechos recortados, evidenciando um processo de adaptação e recriação. Identifiquei algumas dessas intervenções feitas por Lobato, especialmente nos trechos que abordam a Grécia.

Na ilustração do Partenon presente na obra americana, há uma anotação escrita “+ feita” e um quadriculado sobre a imagem, o que sugere que a ilustração foi copiada mantendo suas proporções. Imagem semelhante também aparece na versão brasileira¹¹⁷.

117. As imagens de *História do Mundo para Crianças* foram reproduzidas a partir da edição de *Obras Completas*, de 1952.

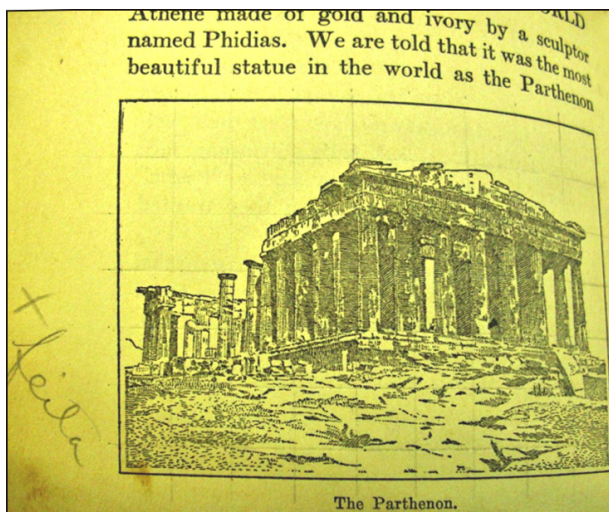


Imagem quadriculada e trecho destacado por anotação a grafite na leitura de Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo).

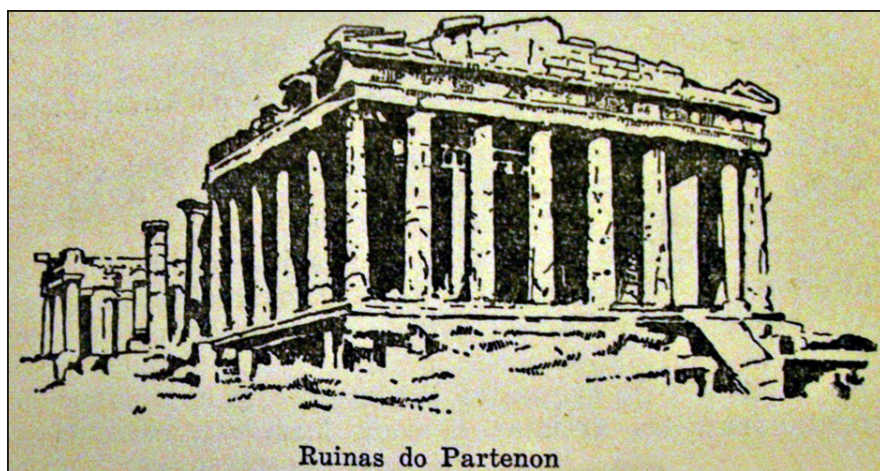
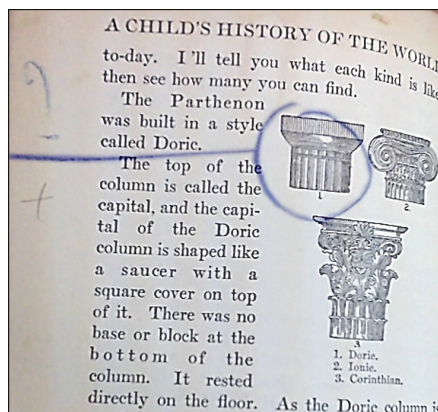


Ilustração presente em *História do Mundo para Crianças*.

Ainda sobre a arquitetura grega – um tema que despertava grande interesse em Monteiro Lobato –, o escritor destacou a imagem dos três principais estilos de colunas: dórica, jônica e coríntia, que também foram representadas em sua obra.

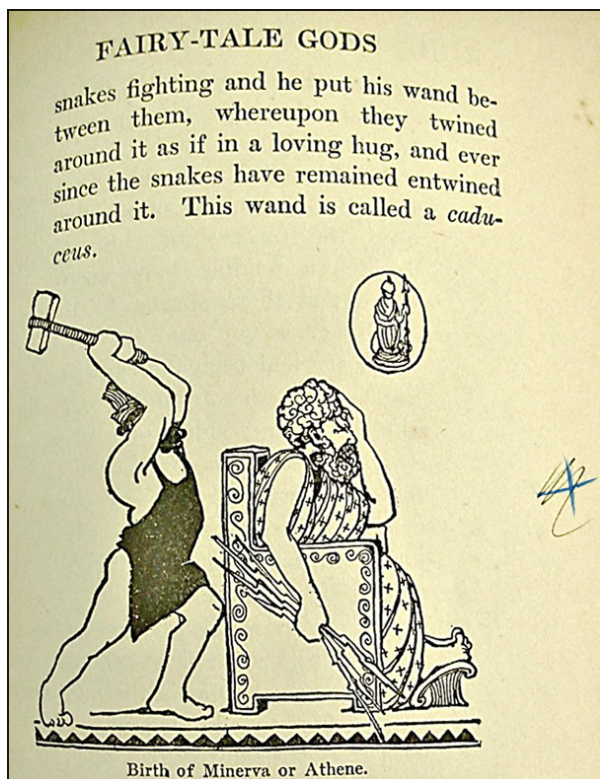


Trecho destacado por anotação a grafite azul na leitura de Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo).



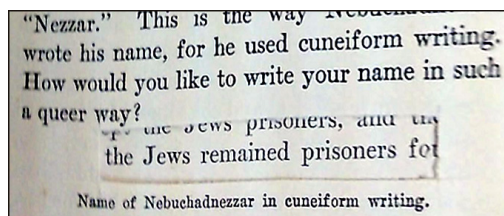
Reprodução da imagem em *História do Mundo para Crianças*.

Se, por um lado, as anotações marginais de Lobato revelam decisões sobre as imagens que seriam incluídas em sua obra, por outro, também indicam possíveis desistências quanto ao uso de certas ilustrações. Na imagem abaixo, que retrata o nascimento da deusa Minerva, observa-se a marcação de um “+” (cruzeta), posteriormente rasurada. É interessante notar que essa imagem não aparece na versão brasileira.



Cruzeta a grafite azul rasurada na leitura de Lobato
(Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo).

Outra interferência do autor de *Urupês* na obra americana é o recorte do que parece ser o nome de Nabucodonosor. A forma das letras chama tanto sua atenção que, no enredo de *História do Mundo para Crianças*, ele atribui a Pedrinho a tarefa de “copiar os garranchinhos” dos caracteres cuneiformes.



Lobato extrai de *A Child's History of the World* o fragmento que lhe interessa no texto (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo).

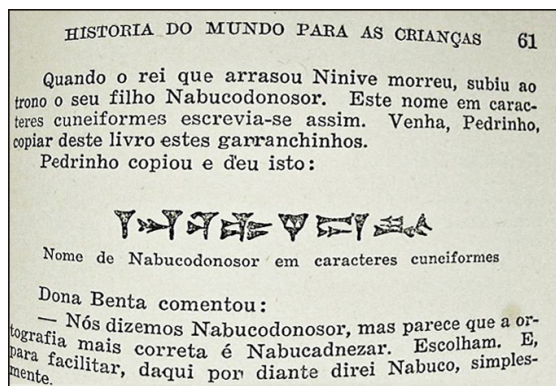


Imagem reproduzida em *História do Mundo para Crianças*.

Mas, se por um lado Lobato se apropria do material da leitura de Hillyer, por outro, acrescenta episódios históricos que considera importantes. Míriam Pallota, ao comparar algumas edições do livro, comenta:

A edição de 1943 [de *História do Mundo para Crianças*] foi acrescida de dois novos capítulos: um deles apresenta alguns dados sobre a formação étnica, política e linguística da Península Ibérica (Capítulo LXVII – *A Península Ibérica*) e o outro enfoca a atuação de Simón Bolívar no processo de independência de alguns países da América Latina (Capítulo LXXIX – *O Libertador*). [...]

Na 11ª edição, foram acrescentados dois novos capítulos, os últimos da obra: o LXXX – *A Segunda Guerra Mundial*, e o LXXXI, *Hiroshima*¹¹⁸.

Assim, o trabalho iniciado por Dona Benta – de contar a “história do mundo” a partir da leitura de Hillyer e de outros livros de história de sua biblioteca –, em certa medida e em outro nível de análise, é continuado por Lobato. Ele não apenas traduz a obra

118. PALLOTTA, Míriam Giberti Pátaro. *História do Mundo para Crianças*: uma obra inovadora. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Orgs.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro*. 1. ed. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial, 2008. p. 222-223.

norte-americana, mas a atualiza e a comenta à luz da realidade brasileira e latino-americana, (re)criando uma nova história.

Esses são alguns exemplos das marcas deixadas pelo escritor paulista em seu processo de criação de *História do Mundo para Crianças*. No entanto, sei que um processo semelhante ocorre em outras obras de Lobato.

Observando o processo de leitura e escrita de Monteiro Lobato na obra *A Child's History of the World*, decidi buscar mais informações sobre Hillyer para compreender melhor esse “diálogo” entre os autores.

Virgil Mores Hillyer nasceu em 2 de setembro de 1875, em Weymouth. Graduou-se em Harvard em 1897, com formação em Educação. Foi professor da Calvert School e tornou-se seu diretor em 1899, cargo que ocupou até sua morte, em 1931¹¹⁹.

A trajetória desse educador norte-americano se confunde com a história da escola onde dedicou grande parte de sua vida. Muitos de seus textos foram escritos como material de apoio para suas aulas. Para o ensino de História, Hillyer desenvolveu um método que valorizava o aspecto narrativo dos fatos históricos, chegando a desaconselhar o uso de livros didáticos nas séries iniciais. Ele defendia que o professor deveria comunicar oralmente os conteúdos, aproximando-os das crianças.

A produção de *A Child's History of the World* surgiu alinhada a essa proposta pedagógica, como uma tentativa de auxiliar crianças que não frequentavam a escola e estudavam pelo regime de ensino domiciliar. Assim, Hillyer criou um material fortemente marcado

119. Como principais fontes sobre a vida e obra de Virgil M. Hillyer temos as informações do site da Calvert School (disponível em: <http://homeschool.calvertschool.org/section-test/7/265-hillyers-vision>; acesso em: 01 ago. 2012) e o texto: PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro Pallota. *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para Crianças de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001. (Tese de Doutorado).

pela oralidade, buscando “simular” o diálogo do professor em sala de aula. Sobre essa técnica didática, Míriam Pallotta acrescenta:

Ele consegue aliar discurso científico com discurso literário, resultando numa obra que media ficção e realidade, ou ainda que, apesar de centralizada nos fatos históricos, não despreza fatos ficcionais que servem de estímulo para a compreensão e memorização dos primeiros¹²⁰.

No trecho abaixo, o narrador apresenta a Grécia a seus leitores e explica a expansão dos helenos no mapa, contando como uma vez ele deixou cair tinta na mesa e essa se espalhou rápido, o que facilitaria a compreensão das crianças:

There was once a man named Hellen – strange-sounding name for a man, is n’t it? He was not a Semite and not Hamite. He was an Aryan. He had a great many children and children’s, and they called themselves Hellenes. They lived in a little scrap of a country that juts out into the Mediterranean Sea, and they called their land Hellas. **I once upset a bottle of ink on my desk, and the ink ran out into a wriggly spot that looked exactly as Hellas does on the map.** Though Hellas is hardly any bigger than one of our States, its history is more famous than that of any other country of its size in the word. We call Hellas “Greece” and the people who lived there “Greeks”¹²¹. [grifo nosso]

120. PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro Pallota. *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para Crianças de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001. (Tese de Doutorado). p. 27.

121. HILLYER, V. M. *Child’s History of The World*. New York: Century, s/d. p. 56. [Ele teve muitos filhos e filhas, e eles se autodenominavam helenos. Eles viviam em um pequeno pedaço de país que se projeta para o mar Mediterrâneo e chamavam sua terra de Hellas. **Certa vez, derrubei um frasco de tinta na minha mesa e a tinta escorreu para um ponto tortuoso que parecia exatamente com Hellas no mapa.** Embora Hellas não seja maior do que um de nossos Estados, sua história é mais famosa do que a de qualquer outro país de seu tamanho no mundo. Chamamos Hellas de “Grécia” e as pessoas que viviam lá de “gregos”.]

Além da preocupação em aproximar o narrador do leitor, Hillyer escolhia cuidadosamente palavras, estruturas narrativas e estilos que considerava mais adequados para as crianças. Isso incluía o uso de títulos extravagantes, frases curtas, etc. No texto *Calvert and Hillyer*, são transcritas algumas sugestões de redação destinadas ao público infantil:

Faça as palavras escritas brilharem como num luminoso. Palavras gritam. Organize o tipo falar. Extravagante, doida, excêntrica, exclamações incomuns em inglês: Bubble and Squeak! Jerusalem Cricjet! Gee Hosaphat! Wollop Crollop! Jiggerywhiggery! Cricky! E Snoozes!

Evite expressões como “Pelos idos do ano 300... Se você olhar no mapa...”

Frases curtas o tempo todo. Frases acumulativas e repetitivas. Exclamações. Perguntas curtas. Comparações com os dias de hoje. Frases de duas palavras. Use como e tal qual frequentemente. Comece cada lição e cada parágrafo com uma frase significativa. Sempre use a voz ativa, nunca a voz passiva. Faça animadamente o início de cada capítulo. Faça brotar a curiosidade. Não diga o final na primeira frase. Para cada capítulo faça finais característicos e alegres¹²².

A escolha de títulos chamativos, como “*Fairy-tale Gods*” (*Conto de Fadas dos Deuses*), usado para introduzir o capítulo sobre a Grécia, é uma estratégia adotada por Hillyer para captar a atenção dos jovens leitores.

A discussão sobre títulos também é um tema recorrente em Monteiro Lobato. Seus próprios personagens, em diversos momentos, anunciam o assunto do próximo livro e até sugerem títulos para ele:

122. PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro Pallota. *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001. (Tese de Doutorado). p. 31-32.

— Que lindo livro vai ser! — exclamou Emília. — VIAGEM DO SÍTIO PELO OCEANO DA IMAGINAÇÃO GREGA.

— Comprido demais, Emília. Os títulos devem ser curtos, se não ninguém decora. Veja: *OS LUSÍADAS*, *A ILÍADA*, *A ODISSEIA*, *O INFERNO*, *A ENEIDA*...”¹²³

Assim, percebi que ambos os escritores demonstravam uma preocupação constante com seu público. Tanto Lobato quanto Hillyer valorizavam a opinião de seus leitores e levavam em consideração suas sugestões na produção de seus livros. Sobre a participação dos leitores no processo de criação de Hillyer, Míriam Pallota comenta:

[Enquanto Hillyer escrevia,] ouviu a opinião de todos os alunos de 11 anos da Calvert School, os quais votaram a favor ou contra cada história que, na verdade, era uma parábola. Este desejo em saber a opinião dos alunos e o cuidado em finalizar suas obras a partir deste *feedback* ocorria desde 1922. Assim, os manuscritos de *A Child's History of the World*, *A Child's Geograph of the World* e *A Child's History of Art* também foram lidos para os alunos do próprio Hillyer, para que pudessem avaliá-los e julgá-los¹²⁴.

Participação semelhante dos leitores também pode ser observada nas cartas enviadas a Lobato. A menina Sarah, por exemplo, escreveu ao autor pedindo um livro sobre a História do Brasil. Em sua carta, ela menciona que já existiam outros volumes sobre o tema na época, mas que não eram muito apreciados por leitores como ela:

123. LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 135-136.

124. PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro Pallota. *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001. (Tese de Doutorado). p. 39.

Estou estudando a História do Brasil e, como acho muito cacete, peço, por favor, que o senhor escreva um livro sobre este assunto.

Acho que o senhor não quer escrever porque o Viriato Corrêa¹²⁵ plagiou seus contos, escrevendo logo a História do Brasil.

Mas por mim pode escrever, porque certamente já o tinha imaginado e mesmo eu não gosto dos livros que o Viriato Corrêa faz. Prefiro os seus.

Já li quase todos os seus livros achando muita graça e gostando muito.¹²⁶

Outro leitor, Sylvio, escreveu a Lobato pedindo que ele escrevesse um livro sobre Ciências. Apesar de seu grande interesse pelo assunto, o menino confessava ter dificuldade em memorizar os nomes dos músculos e tecidos, mas acreditava que, com um “livro da Emília”, seria possível aprender tudo com mais facilidade:

Envio-lhe esta para pedir que escreva um livro tratando de ciências, incluindo nele a Emília e o Visconde, Narizinho, Pedrinho, tia Nastácia, D. Benta.

Estou no terceiro ano ginásial e gosto muito desta matéria.

Aí ocorreu-me a ideia de lhe escrever, porque com seus livros aprende-se brincando!

É duro decorar aqueles nomes de músculos, tecidos, etc.

Mas com um livro “da Emília”, quem não aprende?

Por exemplo, fiquei maravilhado ao ler “História do mundo para crianças”, “Geografia da D. Benta”, “Emília no país da gramática”, “Aritmética da Emília” e outros.¹²⁷

125. Escritor de livros infantis contemporâneo a Lobato.

126. Carta de Sarah Viegas da Motta Lima. IEB/ARAS.Cx.1 p2 doc23.

127. Carta de Sylvio. IEB/ ARAS. Cx. 2 p2 doc22.

Outro recurso frequentemente usado – tanto por Monteiro Lobato quanto por Virgil Hillyer – é a associação entre conhecimentos específicos, como fatos históricos e elementos do cotidiano infantil. Sobre o texto do norte-americano, Míriam escreve:

Um dos recursos mais utilizados pelo narrador no decorrer da obra *A Child's History of the World* é promover curiosas associações entre determinados dados históricos e elementos que fazem parte do provável contexto em que está inserido o destinatário da mesma. Tais associações também devem despertar o seu interesse e facilitar a compreensão do que está sendo apresentado pelo texto¹²⁸.

Para explicar a existência dos deuses cultuados pelos gregos, o narrador recorre à imagem de super-heróis – familiar às crianças – atribuindo-lhes um caráter fantasioso, em contraste com o Deus dos judeus.

The Greeks believe in many gods, not in one God as we do and as the Jews did, and their gods were more like people in fairy-tales than like divine beings. Many beautiful statues have been made of their different gods, and poems and stories have been written about them¹²⁹.

Em um trecho da obra de Lobato, percebo que o escritor brasileiro adota outra estratégia para apresentar os deuses gregos às crianças. Ele resgata o conhecimento sobre os babilônicos, que adoravam os astros:

128. PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro Pallota. *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*. Assis: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2001. (Tese de Doutorado). p. 80.

129. HILLYER, V. M. *A Child's History of The World*. New York: Century, s/d. p. 56. [Os gregos acreditam em muitos deuses, não em um Deus, como nós e os judeus, e seus deuses eram mais como pessoas de contos de fadas do que como seres divinos. Muitas belas estátuas foram feitas de seus diferentes deuses, e poemas e histórias foram escritos sobre eles.]

Os gregos não tinham um deus único, como os judeus, nem adoravam astros, como os babilônicos. Possuíam doze deuses principais e um certo número de deuses menores, que moravam no Monte Olimpo, a mais alta montanha da Grécia¹³⁰.

Dessa forma, percebemos que, embora Monteiro Lobato tenha se valido da obra de Hillyer para a criação de sua *História do Mundo para as Crianças* e que ambos compartilhassem algumas estratégias narrativas para alcançar seus leitores, cada um possuía concepções e projetos próprios de educação. Lobato apoiava a *Escola Nova*, ao lado de Anísio Teixeira, enquanto Hillyer esteve envolvido nas reformas de ensino da *Calvert School*.

O estudo comparando a versão brasileira de Lobato à obra de Virgil Hillyer é rico e tem sido explorado por pesquisadores como Míriam Pallota, em sua tese *Uma História ao Contrário: Um Estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*, defendida em 2001 na UNESP de Assis, e Camila Russo de Almeida Spagnoli, que desenvolveu dissertação no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, investigando o processo de criação e o estilo lobatiano.

Aqui, minha intenção foi apenas apontar mais uma das possíveis fontes de Monteiro Lobato para a criação de seu mundo helênico.

3.3 Monteiro Lobato & Coelho Neto

Coelho Neto (1864-1934) foi figura importante no cenário intelectual brasileiro na virada para o século XX. Fundador da Cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras, atuou como romancista, cronista, teatrólogo e crítico. Segundo Paulo Coelho Neto, filho e biógrafo do autor:

130. LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para as Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952. p. 34.

Coelho Neto escreveu 120 volumes, mas se lhe adicionassem todas as crônicas e artigos publicados nos jornais do país e do estrangeiro – aproximadamente 8.000 – aquele número oscilaria entre 280 e 300. Suas improvisações, que orçavam por 3.000, segundo cálculos do próprio escritor, dariam matéria para mais de 100 volumes contendo cada um dos 30 trabalhos. Ele deixou apenas 120 obras, quando poderia ter acumulado cerca de 400!¹³¹

Além de escritor consagrado, foi professor de História da Arte na Escola Nacional de Belas Artes e professor de História do Teatro e Literatura Dramática na Escola de Arte Dramática, onde também foi diretor.

Talvez essa biografia sumária¹³² do escritor maranhense nos dê uma ideia de sua importância na formação cultural do Brasil no início do século XX.

Coelho Neto serviu de referência para muitos jovens escritores, dentre os quais Monteiro Lobato. Além disso, era um dos incentivadores mais entusiasmados da cultura grega nessa época, como conta Brito Broca:

Era geralmente uma Grécia de cartolina, puramente decorativa, nada tendo em comum com o verdadeiro espírito helênico, que dominava por toda a parte. Dela usou e abusou, como todo mundo sabe, Coelho Neto, decerto um dos maiores propagadores dessa mania¹³³.

A presença de Neto é sensível na obra lobatiana, principalmente no que se refere à cultura clássica. Em seu artigo “Como se formam as lendas”, publicado em *Ideias de Jeca Tatu* (1919), o escritor

131. *Apud.* MORAES, Marcos Antonio de. Às quintas no tempo modernista. In: NETO, Coelho. *Às Quintas*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

132. Informações disponíveis no site da Academia Brasileira de Letras: <www.academia.org.br>. Acesso em: 01 out. 2012.

133. BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 154.

paulista apresenta figuras gregas que foram esboçadas por Coelho Neto para o cenário brasileiro:

Toda a arte antiga bebeu na fonte copiosa do riquíssimo “lendário” heleno, e de lá até nós nunca o velho tronco cessou de abrolhar vergônteas, viçosas nas Renascenças, bichadas nas Decadências, com o forte poder de sedução que leva Cellini a esculpir “Perseu”, quando podia esculpir um condottieri de seu tempo, e Coelho Neto a esboçar “Artemis”, quando tanta Artemísia¹³⁴ da cidade e do sertão anda ignorada a pedir pintura¹³⁵.

Para além da referência a Coelho Neto na obra de Lobato, sabe-se que os escritores mantiveram correspondência. Cartas do escritor maranhense encontram-se no acervo do Fundo Monteiro Lobato.¹³⁶

Em carta de 1918, Coelho Neto parabeniza seu “ilustre e poderoso confrade” pela “formidável impressão” de *Urupês* – publicado no mesmo ano:

Meu ilustre e poderoso confrade¹³⁷

Tendo de ir a S. Paulo realizar uma conferência na sede da Cultura Artística, deixei para dizer-lhe em palestra a impressão formidável que recebi do seu livro “Urupês”. É uma das mais robustas construções que tenho visto no campo das letras brasileiras e toda ela, dos alicerces à cúspide, feita com material da terra. Lá, em cavaco amigo, dir-lhe-ei a tristeza que me ficou da crueldade com que a sua pena alanceou o nosso mísero caboclo. Abonançada a Peste irei a S. Paulo com toda a minha turbulenta admiração

134. Nome de uma aldeia no oeste da montanha Taigeto em Messínia, na Grécia.

135. LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978. p. 108.

136. Disponível em: <www.unicamp.br/iel/monteirolobato>. Acesso em: 5 ago. 2012.

137. Carta do Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1918. Disponível sob o código: MLb 3.2.00221 cx4.

abraçá-lo e oferecer-lhe a amizade desvaliosa de quem é um dos maiores entusiastas do seu talento impiedoso

Coelho Netto

A preferência de Lobato por seu “confrade”, em relação a seus contemporâneos membros da Academia Brasileira de Letras, pode ser percebida no artigo “Redimidos”, publicado na *Revista do Brasil* em 1919:

Salvante alguns livros de Coelho Neto, de Afrânio Peixoto, de Lima Barreto, de Xavier Marques, de Veiga Miranda, de Canto e Melo, e um ou outro mais, a grande maioria dos volumes que aí surgem, quando não são obras didáticas, são obras poéticas. Esses os dois grandes mananciais literários no Brasil. Afastados, deixam minguidas porcentagens de obras em prosa de intenção meramente artística. Nem se compreenderia bem como, assim sendo, exista aí uma Academia de Letras de largo sodalício, cujas poltronas estejam sempre tomadas e a cujo liminar haja sempre uma turma de candidatos aos lugares por ventura vagos...¹³⁸

Em carta de 16 de julho de 1920, Coelho Neto comenta o contrato para a publicação de *O Mistério*, lançado no mesmo ano, e sugere a publicação de outro título seu pela *Revista do Brasil*:

Ilustre confrade Sr. Monteiro Lobato¹³⁹

A pedido do Afrânio assinei o contrato para a publicação d'*O Mistério*, moxinifada escrita *à la diable* (pelo menos por mim) e de muita má vontade. Que espera o meu amigo de tal balbúrdia? Não seria melhor que eu me inscrevesse na bibliografia da *Revista do Brasil* com alguma coisa mais decente, como, por exemplo, um volumete de contos do meu veranico, que tem por título *Vesperal*?

Confrade e admirador

Coelho Netto

138. LOBATO, Monteiro. *Críticas e Outras Notas*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 33.

139. Carta sob o código: MLb3.2.00251cx5.

A admiração entre os autores parece ser recíproca. Em seu artigo “Visão geral da literatura brasileira”, publicado na revista *Novela Semanal* em 1921, Lobato discute o que chama de “português bárbaro”, usado pelo povo brasileiro, distante do latim e do idioma lusitano. Além disso, ele critica a falta de apoio público a escritores como Coelho Neto, com quem compartilhava a preferência pela forma clássica:

Dia a dia se acentua mais este fenômeno: o povo só lê, só apoia, só populariza a quem escreve a língua que fala. O extremado apego ao velho idioma fez novelistas eminentíssimos e fecundos, como Coelho Neto, que não gozaram, porém, do apoio público a que tinham direito. E a vitalidade da atual literatura, sua expansão, sua penetração dependem cada dia mais da adoção do “português bárbaro”, que é idioma do povo brasileiro. O que aconteceu com o latim na Ibéria, dando origem ao idioma lusitano, está acontecendo no Brasil, no conflito daquele com o brasileiro nascente¹⁴⁰.

Mas as conversas entre os escritores iam além dos limites literários, abordando também a política brasileira. Em carta de fevereiro de 1921, Coelho Neto refere-se a uma “Contestação” com a qual teria impugnado a candidatura de Marcelino Machado em 1917, ano em que Neto se reelegeu deputado federal pelo Maranhão. Sugere ainda a publicação de outro texto, “Atthidas”, no qual discute a campanha política no Maranhão, levando ainda como prefácio uma carta de Ruy Barbosa:

Ilustre confrade Sr. Monteiro Lobato¹⁴¹

Pedem-me, de vários pontos, a “Contestação” com que, em 1917, perante a Comissão de Poderes da Câmara, impugnei a eleição do grande Marcelino Machado. Conhece-o? Nem

140. LOBATO, Monteiro. *Críticas e Outras Notas*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 31.

141. Carta do Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1921. Disponível sob o código: MLb3.2.00259cx5.

eu. É um tagante. Do número d'*A Política* em que apareceu não resta um exemplar. Apraz-lhe a ideia de fazermos uma tiragem de 2000 exemplares (150 a 180 páginas) de porte maneiro, que se traga no bolso, com os cigarros? Se formos felizes com a “Contestação”, publicaremos as “Atthidas”, campanha política no Maranhão (discursos e conferências), levando como prefácio a carta de Ruy Barbosa. Responda-me.

Amigo e confrade

Coelho Netto

Em carta intitulada “Confidencial”, Coelho Neto compartilha com seu amigo e correspondente dificuldades familiares e negocia com o editor o pagamento referente à segunda edição de *O Mistério*, publicada pela editora de Monteiro Lobato:

Lobato¹⁴²

O ano continua no mesmo rumo trágico. Agora é uma filha que vai ser operada. Ando a bater moeda para fazer face ao ror de calamidades. Se já fechaste o balanço manda-me a parte que me cabe na 2^a edição de *O Mistério*.

Pensei em polir *O arara*, a tal novela de Caliban cuja 1^a edição voou sem deixar um só exemplar. Para dá-la em edição nova, que negociarei sobre os originais, terei de copiá-la toda. Caso te convenha o negócio, escreve-me.

Amigo

Coelho Netto

Entre as cartas de Coelho Neto para Lobato, há também um bilhete¹⁴³ com um “Voilà... e obrigadíssimo!”, que vem aguçar nossa curiosidade.

142. Carta de 27 de dezembro de 1922. Disponível sob o código: MLb 3.2.00301 cx6.

143. Bilhete de 18 de janeiro de 1927. Disponível sob o código: MLb 3.2.00355 cx 7.

Na última carta a que tivemos acesso, o autor de *Vesperal* menciona, em tom melancólico, suas várias publicações e expressa seu desejo de ainda ver o amigo, que à época estava nos Estados Unidos, tornar-se “milhardário” – justamente no ano em que Lobato perderia todas suas economias com a Crise de 1929:

Meu caro Lobato¹⁴⁴

Louvado seja o Senhor que ainda mantém no coração dos que estimo lembrança de mim. Se, em vez de me mandares parabéns, me houvesse enviado um pouco do frio que aí reina mais me teria agradado a tua carta. Essas coisas, porém, só aparecem em lendas. Em uma delas (do Rheno, creio) citada por Saul de Saint Victor, certo ondino vingadeiro consegue meter todo um rio dentro de uma carta.

Parabéns, por quê? Conheces bem as nossas apoteoses. Nas de Roma havia apenas um escravo para lembrar ao triunfador a sua condição mortal. Aqui, há toda uma legião a cochichar maldades. Enfim...

Quisera mandar-te uns livrecos das últimas fornadas, contive-me, porém, receoso de importunar-te. Penso, meu caro Lobato, que todo o meu mal vem da minha fecundidade. Não fosse eu coelho! Publico demais.

Se eu limitasse a minha produção a um volume de 20 em 20 anos teria hoje, no máximo, 3 e, assim, talvez me tomassem a sério. O struggle porém, obriga-me a multiplicar-me a isso...

E você? Que faz por aí? Com o seu talento e a sua tenacidade tenho certeza de que vencerá e no dia da vitória... ahn! isso será um tal chover dólares que nem sei! Aqui é a pingadeira e, quanto mais se trabalha, menos se tem. Espero dos Lello o *Fogo fátuo*. Lá o terás. Abraço-te com o pensamento e espero ver-te ainda, milhardário, na casinha da rua do Rozo, hoje crismada com o meu nome. Tenho uma rua! Já é alguma coisa. Teu

Coelho Neto

144. Carta do Rio de Janeiro, dia de São Sebastião de 1929. Disponível sob o código: MLb 3.2.00362 cx7.

Alguns anos depois da morte do amigo e confrade, Lobato questiona a formação que recebera dos “mestres da arte”, sobretudo de Coelho Neto. A partir da leitura da senhora Leandro Dupré, repensa suas ideias de *literatura*, como revela em carta a seu amigo Cesídio¹⁴⁵:

E quanto ao romance acho que você, como eu, como todo mundo, anda pecando por excesso de literatura. Tive a revelação disso agora – agora que é tarde e já estou me preparando para ir pregar em outra freguesia. E essa revelação me veio por intermédio duma mulher, a Sr^a Leandro Dupré. Para que compreendas o meu pensamento, mando-te um romance dela que acaba de sair. Li-o em provas – e arregalei os olhos. Aprendi, afinal, a diferença entre “literatura” e literatura; entre literatura e vida. E sem que ela me pedisse, sem que sequer eu a conhecesse, escrevi dum jacto 12 páginas de prefácio. Isso, para pôr o dedo numa coisa que me parece muito séria: a diferença de literatura aspada e literatura sem aspas. Leia-o e estude o caso. Você está moço e ainda pode aproveitar-se da lição. O segredo do encanto dessa mulher parece-me estar na absoluta ausência de “literatura” – e nós não sabemos escrever sem literatura. Nossos mestres de arte (sobretudo Coelho Neto) nos inocularam uma noção errada de arte. Eles é que nos asparam literariamente. Machado de Assis foi uma reação – mas quem ainda compreende Machado de Assis¹⁴⁶?

Na carta, Lobato orienta o jovem escritor a tomar cuidado e não pecar pelo “excesso de literatura” ou por uma “noção errada de arte”, a qual aprenderam com os mestres, dentre os quais Coelho Neto. Além disso, aponta ainda a obra de Machado de Assis como uma reação àquilo que chama de “literatura aspada”, ou seja, colocada entre aspas.

145. Carta com data provável de 1942.

146. TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007 (Tese de Doutorado). p. 370.

CAPÍTULO 4

MINHA GRÉCIA DE MONTEIRO LOBATO: CONCLUSÃO, REINÍCIO

Os seus melhores retratos são *A Barca de Gleyre* e a Emília. Se perguntassem qual dos dois prefiro, eu responderia como as crianças quando se sentem em apuros: ‘Prefiro mais os dois!’ Assim como é difícil encontrar o coração de Monteiro Lobato, é difícil decidir se Emília tem ou não tem coração. Por muito tempo julguei que ela não tivesse nem isca de coração. Tinha, isso sim, um *cerebrozinho* tão atilado, tão acertadamente ativo, que agia, quando preciso, à guisa de coração. Mas agora, nos *Trabalhos de Hércules*, Emília apresentou ao mundo uma ‘ameaça de coração’. Quando depois da viagem à Grécia mostra as relíquias trazidas e Dona Benta lhe pergunta qual a que mais prezava, ela responde sem hesitação que eram as lágrimas de Hércules. Dona Benta quis saber onde as guardara e Emília, batendo no peito, responde: – Aqui, no meu coração” (Marina de A. Procópio de Carvalho)¹⁴⁷.

Olhando para as quase duas décadas de pesquisa sobre Monteiro Lobato, percebo que o autor me ensinou muito de História, Grécia, Literatura e Leitura. Mas, para além disso, descobri com ele que os textos são produzidos a partir de escolhas, construções, desconstruções e reconstruções do que aprendemos e vivemos. Percebi que não apenas o processo criativo de um autor é dinâmico, mas também sua formação como um todo. Pois, para estudar a “origem” da Grécia de Lobato, foi necessário buscar documentos do seu tempo de menino, época em que escreveu

147. Texto escrito por Marina de Andrada Procópio de Carvalho como abertura para os Prefácios e Entrevistas de Monteiro Lobato. p. XVI-XVIII.

bilhetinhos à mãe; reler mensagens¹⁴⁸ do jovem apaixonado que se sente o próprio Ulisses diante de Penélope; resgatar suas indicações de leituras – por vezes – entediadas; examinar suas traduções e recompor o registro do trabalho duro. Ofício de ser escritor.

Assim também é a pesquisa. Reconstruir a Grécia de Monteiro Lobato não é tarefa fácil. Ao investigar um extenso acervo de fontes primárias e uma obra vasta, com foco no estudo do processo de criação, tentei recompor um “quebra-cabeça”, sem ter certeza da quantidade de peças nem de sua disposição no jogo. Ou seja, ao recuperarmos as leituras do escritor e os indícios do seu processo de escrita, por maior que seja a quantidade de documentos reunidos e o esforço que empenhemos nesse processo, ainda assim é apenas uma possibilidade de “ordem de encaixe” dentre tantas outras. Afinal, como nos alerta Almuth Grésillon: “O traço conservado é apenas um distante e fugido testemunho de uma outra cena”.¹⁴⁹

Diante de tantas dúvidas e imprecisões, quais seriam, então, as razões para estudar o processo criativo de um escritor? Assim como é grande a quantidade de incertezas nesse caminho, há também uma infinidade de possíveis respostas.

Uma primeira sugestão de resposta é a tentativa de desmistificar o processo de criação dos autores, considerado por alguns fruto de pura inspiração. Trata-se de humanizar o criador, reconhecendo-o como um sujeito com vivências que muitas vezes transparecem em seus textos, vistos como resultado de experiências cotidianas e de leituras.

Outra possível razão é o desejo de conhecer uma forma de criação, de entender como se faz arte e de se aproximar desses grandes homens e mulheres – representantes da cultura brasileira – e talvez até aprender com eles. Sendo assim, vejo, também como

148. LOBATO, Monteiro. *Cartas de Amor*. São Paulo: Globo, 2011. p. 167-168.

149. GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: Ler os Manuscritos Modernos*. Porto Alegre: Editora UFGRS, 2007. p. 41.

professora, os estudos de crítica genética como uma importante ferramenta pedagógica, acolhendo, ainda, a sugestão de Grésillon:

Por acaso, nunca se pensou em mostrar aos alunos da escola primária com grandes dificuldades para dominar os movimentos físicos forçados da escrita manuscrita e que, um pouco mais tarde, devem aprender a redigir, por acaso nunca pensamos em mostrar-lhes a energia gasta pelos escritores sobre suas folhas de rascunhos?¹⁵⁰

Explicar os motivos ou justificativas desta pesquisa seria uma tarefa de Hércules, por isso optei por revelar apenas alguns dos caminhos que percorremos em seu desenvolvimento.

Passeando pelo universo criativo apresentado por Lobato, pudemos constatar de perto a quantidade de referências à Grécia que passam sua obra.

Encontrei uma Grécia que serve a Lobato como parâmetro e vai moldando as percepções do escritor. Hércules, uma das figuras mitológicas de maior destaque em sua obra, é apresentado em carta pelo jovem Lobato, já aos seus vinte anos, como “fascinante de vibração, de fogo, de selvageria”, em contraposição ao teor da mensagem¹⁵¹ do amigo Lino Moreira. Trinta anos depois, em *América*, já casado e com filhos, o escritor compara o homem americano¹⁵² a Hércules e a mulher a uma “perfeita Ônfale”, esposa a quem o semideus serviu. Mais tarde, em 1947, em *Os Doze Trabalhos de Hércules*, o herói é caracterizado como um “bruto” que, ao final de suas façanhas, reconhece que “a educação é que faz as criaturas¹⁵³”.

Podemos estabelecer uma relação semelhante com outras personagens que se transfiguram ao longo da vida e da obra de

150. GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de Crítica Genética: Ler os Manuscritos Modernos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007. p. 35.

151. LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 63. Carta de 1902.

152. LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009. p. 63.

153. LOBATO, Monteiro. *Os Doze Trabalhos de Hércules*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. 2º Tomo. p. 292.

Lobato, como a tríade Fídias, Péricles e Aspásia, que figura em *Literatura de Minarete*, *História do Mundo para as Crianças* e *O Minotauro*. Essas personalidades do mundo grego representam diferentes temas: o amor não correspondido, a política, a estética artística e o incentivo à cultura.

Ao relacionar Grécia e Monteiro Lobato, percebi que seu fascínio pela cultura clássica era muito mais antigo do que inicialmente supunha. Do jovem leitor ao escritor consagrado, encontrei inúmeras referências, acompanhei seus processos de leitura e estabeleci diálogos com três principais fontes: Will Durant, V. M. Hillyer e Coelho Neto. Em uma trajetória de intertextualidade, criação e recriação, mergulhei na Grécia de Lobato e lá encontrei capítulos, personagens e até obras inteiras dedicadas à cultura helênica, sempre com a preocupação de aproximá-las da cultura brasileira.

Da mesma forma que me apoiei nos estudos de outros pesquisadores para escrever este livro, espero que ele possa contribuir para novos trabalhos sobre a presença da Grécia na obra desse ilustre intelectual. Lobato, tão polemicamente amado e odiado, foi editor, tradutor, revisor, fazendeiro, empresário, adido comercial – e tantas outras coisas –, mas fez morada no coração das crianças por gerações inteiras (independentemente da idade delas).

BIBLIOGRAFIA

Obras de Monteiro Lobato

Literatura adulta

LOBATO, Monteiro. *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LOBATO, Monteiro. *Problema vital*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950.

LOBATO, Monteiro. *Onda verde*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. *O garimpeiro do Rio das Garças*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Mrs. Slang e o Brasil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. *América*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e do ferro*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LOBATO, Monteiro. *Georgismo e o comunismo*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

LOBATO, Monteiro. *Literatura do minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Cartas de amor*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2011.

Literatura infantil

- LOBATO, Monteiro. *A Menina do Narizinho Arrebitado*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1920.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *O Saci*. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatuzinho*. 14. ed. São Paulo: Instituto “Medicamenta” Fontoura & Serpe, 1946.
- LOBATO, Monteiro. *Aventuras de Hans Staden*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- LOBATO, Monteiro. *Peter Pan*. 21. ed. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- LOBATO, Monteiro. *História do Mundo para as Crianças*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. *História das Invenções*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- LOBATO, Monteiro. *Aritmética da Emília*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *Geografia da Dona Benta*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Picapau Amarelo*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *O Minotauro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *A Reforma da Natureza*. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- LOBATO, Monteiro. *A Chave do Tamanho*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LOBATO, Monteiro. *Os Doze Trabalhos de Hércules*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.

Obras sobre Monteiro Lobato

ABREU, Tâmara Costa e Silva. *O livro para crianças em tempos de Escola Nova: Monteiro Lobato & Paul Faucher*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ANDREOTTI, Azilde Lina. *A formação de uma geração: educação para a promoção social e o progresso de país do jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950)*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ARAÚJO, Roosevelt. *A Grécia pelos olhos de Emília: Lobato e sua leitura da Antiguidade Clássica*. In: CONGRESSO DE LEITURA (COLE), 17., 2009, Campinas. Anais [...]. Campinas: Unicamp, 2009.

ARAÚJO, Roosevelt. *A Grécia pelos olhos dos Picapaus: Lobato e sua leitura da Antiguidade Clássica*. *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 78, p. 85-95, maio/ago. 2009.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

BRATSIOTIS, Ericka Sophie. *A mitologia grega na obra O Minotauro de Monteiro Lobato*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.

ENDALÉCIO, Raquel Nunes. *A (re)construção do mundo clássico na obra de Monteiro Lobato: fontes e procedimentos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LACERDA, Vitor Amaro. *Um mergulho na Hélade: mitologia e civilização grega na literatura infantil de Monteiro Lobato*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2008.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luis (Orgs.). *Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. *Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?* 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NUNES, Cassiano (Org.). *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

OLIVEIRA, Diva de. *Os doze trabalhos de Hércules: a estilização do mito na obra Lobatiana*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

PALLOTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história ao contrário: um estudo sobre História do Mundo para as Crianças de Monteiro Lobato*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.

PINHEIRO, Valter. *Arte grega clássica e arte moderna: aspectos axiológicos em O Minotauro*. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 6, abril de 2011.

SILVA, Adriana Paula dos Santos. *A paródia em Monteiro Lobato: adaptações clássicas*. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS (CELLI), 3., 2007, Maringá. Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 11-23.

SILVA, Raquel Afonso de. *Entre livros e leituras: um estudo de cartas de leitores*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

TOPAN, Juliana de Souza. *O “Sítio do Pica-pau Amarelo da Antiguidade”: singularidades das “Grécias” lobatianas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Will Durant

DURANT, Will. *The Story of Civilization. Vol. I: Our Oriental Heritage*. New York: Simon and Schuster, 1935.

DURANT, Will. *The Story of Philosophy: The Lives and Opinions of the Greater Philosophers*. New York: Simon and Schuster, 1926.

DURANT, Will. *The Story of Civilization. Vol. II: The Life of Greece*. New York: Simon and Schuster, 1939.

DURANT, Will. *The Story of Civilization. Vol. III: Caesar and Christ*. New York: Simon and Schuster, 1944.

DURANT, Will. *Great Men of Literature*. New York: Garden City Publishing Co. Inc., 1936.

DURANT, Will. *Taken from Adventures in Genius. The Mansions of Philosophy: A Survey of Human Life and Destiny*. New York: Simon and Schuster, 1929.

DURANT, Will. *História da Civilização. Vol. II: A Vida na Grécia*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

DURANT, Will. *História da Filosofia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--].

Virgil Mores Hillyer

HILLYER, V. M. *Child's History of The World*. New York: Century, s/d.

Coelho Neto

NETO, Coelho. *Às Quintas*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Crítica genética e biblioteca de escritores

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JACKSON, H. J. *Marginalia: readers writing in books*. New Haven; Londres: Yale University Press, 2001.

LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro de criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: FAPESP/Illuminuras/CAPES, 2002.

MORAES, Marco Antonio. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SALLES, Cecília Almeida. Crítica genética e outros campos do conhecimento. In: PINO, Claudia Amigo (Org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas/Capes, 2007.

WILLEMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária*. São Paulo: Edusp, 1993.

Teoria Literária e Leitura

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1929. p. 412.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

Sites

Monteiro Lobato e outros modernistas brasileiros. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato>>.

Will Durant Foundation. Disponível em: <www.willdurant.com>.

Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato. Disponível em: <www.bvanisioteixeira.ufba.br/cartas/lobato2.html>.

Calvert School. Disponível em: <<http://homeschool.calvertschool.org/section-test/7/265-hillyers-vision>>.

ANEXOS

ANEXO I

Conto Em Casa de Fídias

— Por Afrodite! Aí está uma façanha tão difícil como um trabalho de Hércules por mãos de Tersito. Duvido que o consigas.

Isto dizia de Fídias escolhendo um cinzel dentre os cinzéis que em caixa de ébano um efebo lhe apresentava, e o dizia à mulher mais bela da época, à jônia formosíssima que naquele momento pousava para a figura de Nêmesis, no baixo-relevo de Helena e Lêda.

No grande relógio de sol a sombra do indicador marcara já o meio daquele dia de esplendores, todo azul e faíscas luminosas sobre a cândida florescência do mirtal copioso que aureolava de verde a branca vivenda do escultor, perfumando-a suavemente. Da alpendrada, onde Fídias trabalhava nos dias em que Aspásia era o modelo, a vista alcançava uma paisagem serena de horizontes calmos ao fundo e um derramado bando de filzinhas alvas que desciam, crescendo, pelos declives da Acrópole, até se fundirem nas magníficas vivendas de mármore circunjacentes à Ágora. E à esquerda do Júpiter Olímpico, quebrando a monocromia cegante, como um papagaio em meio dum bando de fuinhas brancas, avultava a mancha verde-escura do plácido retiro onde Tomilda se acolheu após o insucesso do seu amor perante o coração de Aspásia. (Este ambicionado coração era já todo de Péricles, se bem que inda às ocultas na penumbra de timidez que envolve um amor nascente.) Uma porta aberta junto à alpendrada deixava entreve a grande oficina – um caos de alvuras imortais, alvuras de gênio àquela hora obumbradas pela meia-sombra do aposento; e ali fora, bem batida de luz, também se via uma, repousando num soclo empoadado de esquirolas: pedra magnífica, tirada das carreiras do Pentélico, sem

um veio a lhe macular a névea candidez e na qual um escopro firme já esboçara a atitude de três figuras que o tempo imortalizaria. Ao lado desse bloco, sentada numa espécie de grabato, a grega famosa inclinava o corpo em lânguida postura, a cabeça apoiada no fuste da coluna, e os olhos de deusa pousados na figura do artista, que sorria prestes a reencetar o cinzelamento do rosto da Nêmesis. O peplo nitente caía em pregas moles, escondendo a meio o seu corpo tão belo que por ele se modelavam às estátuas de Afrodite, e tão famoso que de Mileto a Elêusis não havia lábio heleno que, ao evocá-lo, se cripasse na ânsia de um beijo.

— Vai agora a minha Afrodite, disse Fídias, pensar um pensamento amável, para me reter nos lábios um ar leve de felicidade calma. Assim!

Aspásia evocara talvez, a figura do homem amado, porque o artista a viu cerrar lentamente as pálpebras enquanto lhe descia a pousar nos lábios uma como luminosa borboleta de graça – o rito sutil das calmas felicidades.

Fídias embebeu nela um olhar demorado e quente, menos de artista, talvez, que de amante. Depois, sacudindo a cabeça poderosa, como a espantar a mosca de um pensamento triste, suspirou, e volvendo à pedra, mordeu-a com o cinzel.

Esquírolas gizaram de branco o ar sossegado, e o ritmo do macete se fez ouvir, cadenciado e firme. Caiu na alpendrada um silêncio de sombra adormecida. Fora, o mormaço parado, com andorinhas riscando curvas no azul, punha irisações na aresta das coisas.

A vida ambiente concentrara-se no ofêgo leve do seio de Aspásia e no fulgor vivíssimo dos olhos de Fídias. Tudo mais, parado e morno. Era o momento do *fiat* – instante supremo em que uma aura de vida transfiltra-se à pedra e vem construir uma alma debaixo de sua fria nudez. Cada golpe embute-lhe um átomo de vida. Fídias criava. Êmulo de Jove, era, naquele momento, deus.

A face de Nêmesis ia surgindo da pedra bruta em relevo claro, e da ponta do cinzel, que sobre ela dançava um minueto, um fio

de vitalização defluía, ajeitando-se numa expressão magnífica de graça. Na comissura dos lábios o cinzel mordeu o mármore com vivacidade nervosa e parou. Estava quebrado o encanto. Fídias volvía a ser homem. Riu-se.

Após um momento de êxtase no qual amorosamente contemplou sua obra, atirou com o cinzel para a caixa e retomou assunto da vida.

Falavam de Sócrates, que concebera violenta paixão pelo famoso pupilo de Péricles, Alcibíades, do qual Aspásia prometera ao filósofo vencer a desdenhosa insensibilidade.

— No íntimo eu os aborreço a todos, a essas feias máquinas de argumentar. Repele-os o meu temperamento. Quero a Forma, a Eurritmia, a Serenidade da Beleza pura e na Sofística só vejo maranhas e dissonâncias. Detesto a Sócrates.

Aspásia, sem descerrar os olhos, sofismou:

— A beleza moral não é também uma forma da Harmonia? Só o concreto é possível de ritmo?

— Bravos! exclamou Fídias, zombeteiramente. Quando a nova Targélia nos abre um curso de filosofia?

Aspásia descerrou os olhos e riu-se, cristalinamente, enquanto Fídias prosseguia,volvendo ao assunto:

— Alcibíades, um Apolo adolescente, poderá amar um sátiro como o tal inovador? Tem harmonias recônditas, dizes, mas que importa se não traduz instantaneamente num soberbo equilíbrio de plástica? Não, Aspásia; apesar de conhecer a força da felonía duvido que consigas vencer a repugnância dessa esplêndida criança.

— Verás. Juro-te por Afrodite que o pupilo de Péricles cairá nos braços do meu filósofo! afirmou com ar felino a pagã maravilhosa.

Houve um silêncio. Fídias retomou o cinzel e voltou à pedra. Seus olhos iam do mármore à carne e da carne ao mármore, roubando as formas de Aspásia para fixá-las no calcário. A grega semicerrou de novo os olhos; parecia dormir, sempre com a mesma expressão de amor e de vaidade saciada a desabrochar nos lábios em rito sutil.

Nesse momento ergueu-se da praça um rumor de passos. Aspásia, desperta, volveu para baixo um olhar de pressentimento. Um grupo de arcontes seguia em direção à Ágora. Passavam lentamente. Súbito, o rosto de Aspásia fulgurou, e de sua boca escapou um nome pronunciado com tal doçura que foi para Fídias uma ducha de gelo: – Péricles!...

— Péricles! murmurou também entre os dentes, com voz rancorosa o artista, atirando para o grupo um olhar vencido.

Péricles passava, no meio dos arcontes, esplendidamente belo na sua clâmide alva, caída em pregas perfeitas de correção e elegância.

Passava e, ao defrontar a vivenda do escultor, ergueu os olhos. Aspásia mandou-lhes ao encontro os seus... Trocaram, num relâmpago, poemas de amor.

E seguiu. A pagã irradiava. Saltou do grabato e espreguiçou-se felinamente, risonha, a rever pelo corpo inteiro uma aleluia d'alma. Fídias deixou cair o cinzel e correu a mão pela testa. Viu-a ajeitar o cabelo; viu-a consertar o peplo. E viu-a partir com a alma cheia do outro deixando após si um vazio imenso...

Lançou um derradeiro olhar à Nêmesis e sumiu-se pela oficina a dentro, de cabeça baixa, sombrio e torvo.

Porque também a amava..."

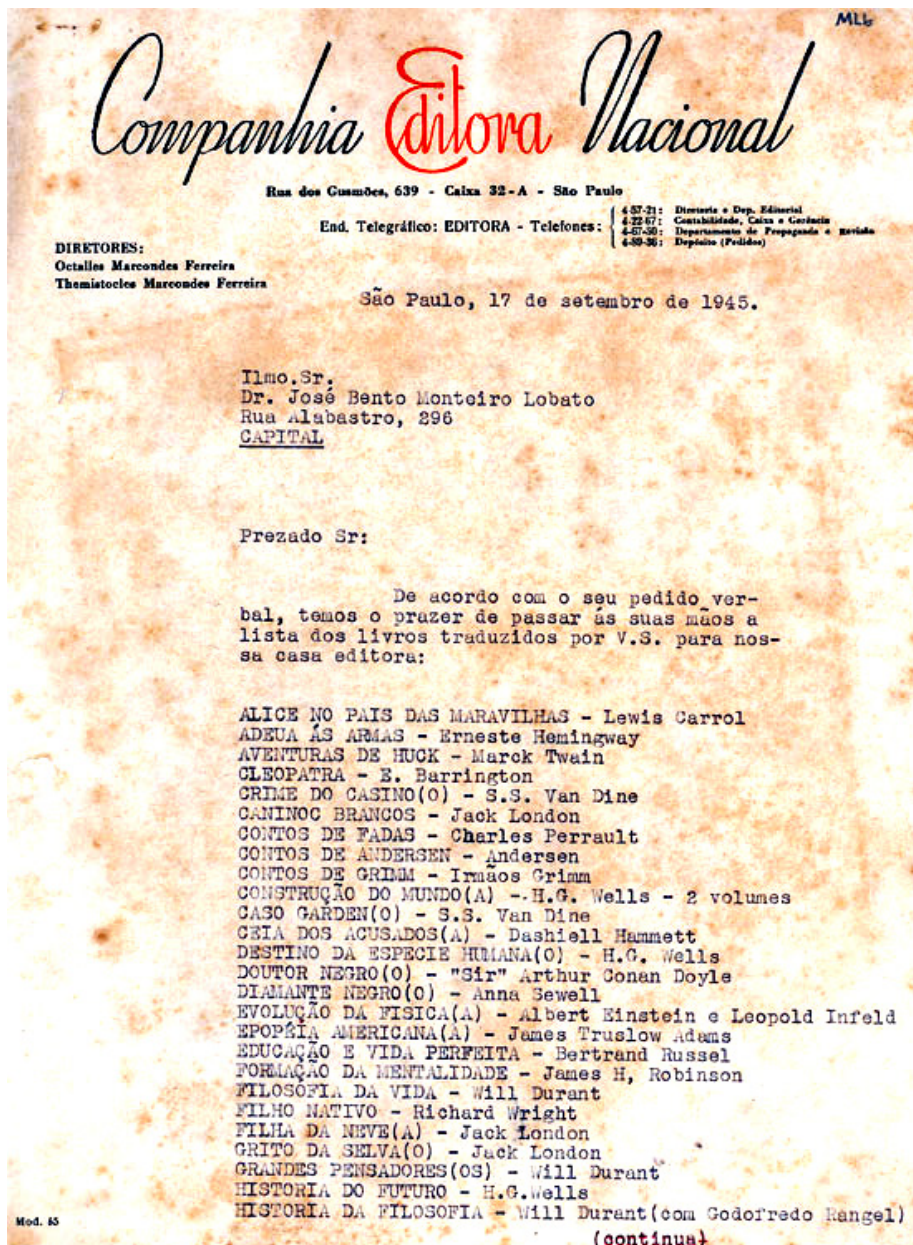
Hélio Bruma¹⁵⁴

[De *O Minarete*, em 12 maio 1904, p. 319-323]

154. Pseudônimo utilizado por Monteiro Lobato em sua juventude.

ANEXO 2

Carta da Companhia Editora Nacional relacionando títulos traduzidos por Monteiro Lobato (CEDAE, UNICAMP).



ANEXO 2
(continuação)

M.L.B.

Companhia Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 639 - Caixa 32-A - São Paulo

End. Teleférico: EDITORA - Telefones: (4-57-21: Diretoria e Dep. Editorial
4-22-67: Contabilidade, Caixa e Gerência
4-67-00: Departamento de Propaganda e Revistas
4-59-36: Depósito (Pós-Edição)

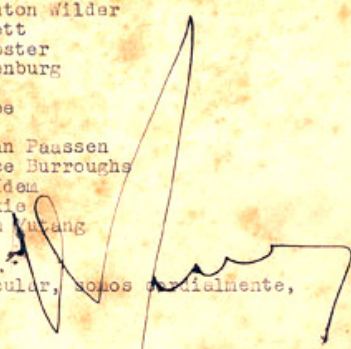
DIRETORES:
Octalles Marcondes Ferreira
Themistocles Marcondes Ferreira

(Continuação)

fl. 2

HISTORIA DA LITERATURA MUNDIAL - John Macy
HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO - Will Durant - 4 volumes -
HISTORIA DE UMA VIAGEM À TERRA DO BRASIL - Jean de Lery
HOJE E AMANHÃ - Henry Ford
HOMEM INVISIVEL(O) - H.G. Wells
HANS STADEN(Suas viagens e cativoiro entre os índios do Brasil)
ILHA DAS ALMAS SELVAGENS(A) - H.G. Wells
JACALÁ, O CROCODILO - Rudyard Kipling
KIM - Rudyard Kipling
LAGRIMAS DE HOMEM - Warwick Deeping
LIVRO DA JANGAL(O) - Rudyard Kipling
LOBO DO MAR(O) - Jack London
LINCOLN - Nathaniel Wright
MINHA VIDA E MINHA OBRA - Henry Ford
MOWGLI - O MENINO LOBO - Rudyard Kipling
MADAME CURIE - Eve Curie
MAQUINAS DA DEMOCRACIA - Roger Burlingame
MOMENTO EM PEKIM - Lin Yutang
MEMORIAS - André Maurois
MAGIAS EM CARREFA - Milton Silverman
NOITE SEM LUA - John Steinbeck
NAZARENO(O) - Sholem Asch
PORQUEM OS SINOS DOBRAM - Ernest Hemingway
POLLYANA - Eleanor Porter
POLLYANA, MOÇA - Eleanor Porter
PILOTO DE GUERRA - Antoine de Saint-Exupéry
PATTY - Jean Webster
PONTE DE SÃO LUIZ REY - Thornton Wilder
PEQUENO CESAR(O) - W.R. Burnett
QUERIDO INIMIGO(O) - Jean Webster
QUEDA DE PARIS(A) - Ilya Ehrenburg
RAYMOND - "Sir" Oliver Lodge
ROBINSON CRUSÓE - Daniel Defoe
SCARFACE - Armitage Trail
SOMENTE NESSE DIA - Pierre Van Paassen
TARZAN, O TERNIVEL - Edgar Rice Burroughs
TARZAN NO CENTRO DA TERRA - Idem
UM MUNDO SÓ - Wendell L. Wilkie
UMA FOLHA NA TEMPESTADE - Lin Yutang
VIAGENS DE GULIVER - Swift

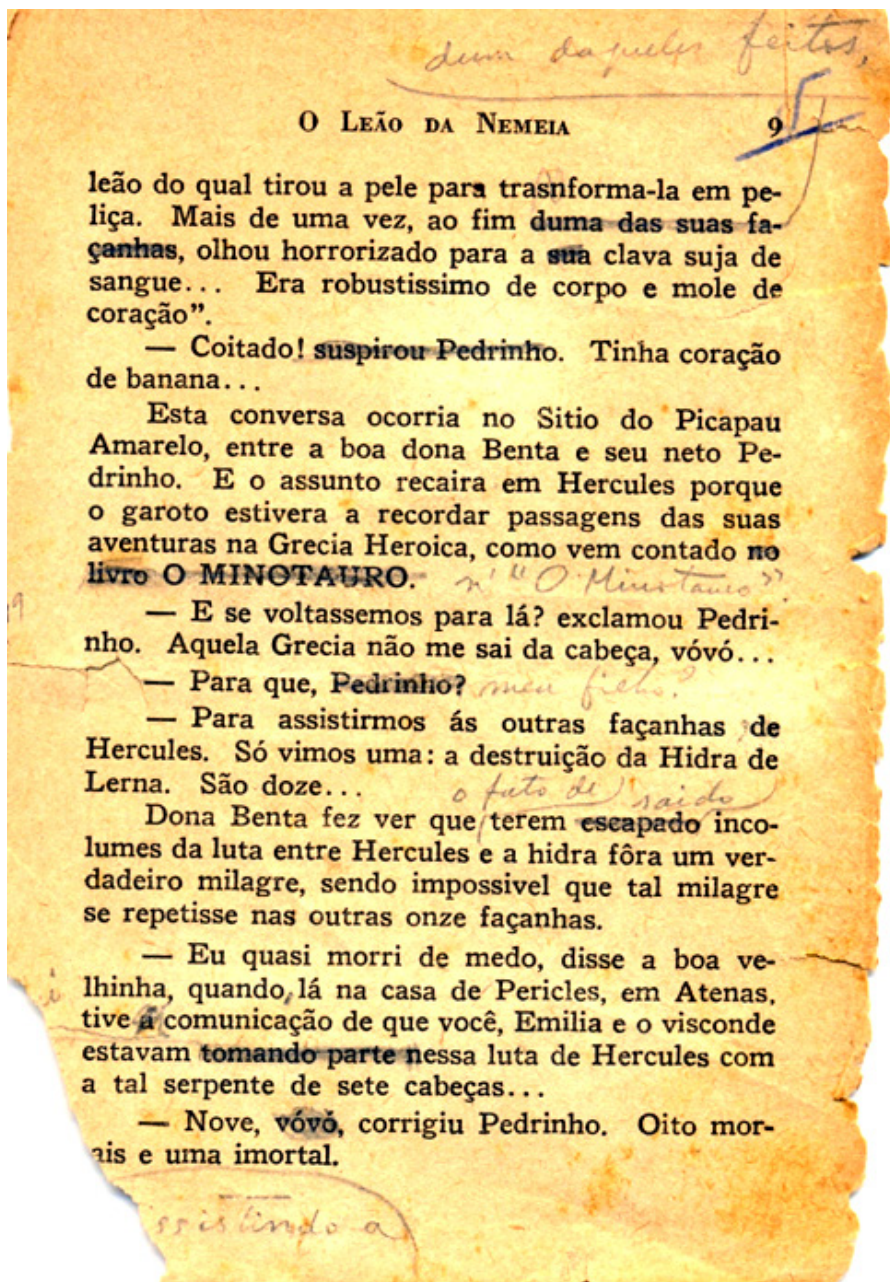
Sem outro particular, somos cordialmente,



Mod. 55
Rev. G. 66
62

ANEXO 3

Páginas de *O Leão de Nemeia* com anotações de Monteiro Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato).



ANEXO 3
(continuação)

10

MONTEIRO LOBATO

— Ou isso. Quasi morri de medo, porque bastava que uma simples gota do sangue da hidra espirrasse em vocês para irem todos para o belêléu...

Pedrinho danava com aqueles medos da vóvó. Sempre que ele sugeria alguma aventura nova, lá vinha ela com o tal medo e a tal pontada no coração. Resultado: ele metia-se nas aventuras do mesmo modo, mas escondido, sem licença dela. "Os velhos não entendem os novos", dizia Pedrinho. "Querem nos governar, querem nos obrigar a fazer exatinho o que eles fazem. Esquecem-se de que se fosse assim, o mundo parava — não havia nada novo... E note-se que vóvó não é como as outras velhas. No começo não quer, se opõe; mas se realizamos às escondidas alguma aventura, assim que vóvó sabe faz uma cara de espanto e de zanga, mas esquece logo da nossa desobediência e gosta, e às vezes ainda fica mais entusiasmada do que nós mesmos". E Narizinho acrescentou: "Vóvó diz que não só por dizer, porque o tal "não" sai da boca dos velhos por força do habito. Mas o "não" de vóvó quer quasi sempre dizer "sim"...

D. Benta opôs-se a que Pedrinho voltasse á Grecia para tomar parte nas onze façanhas do grande herói, mas opôs-se dum modo que era o mesmo que dizer: "Vá, mas escondido de mim..." e Pedrinho exultou.

— Falei com vóvó, foi ele correndo dizer a Narizinho, e ela veio com aquele "não" de sempre, que nós traduzimos por "sim". Vou mandar o viscond

AML-620

ANEXO 3
(continuação)

O LEÃO DA NEMEIA

15

— Nada, respondeu Emilia com a maior inocência. Só que tenho muitas coisas a guardar e a canastrinha velha já está cheia.

— Eu sei, eu sei... resmungou a preta. P'ra mim, é reinação nova. Onde é? Vá — diga...

Emilia começou a inventar uma mentira bem arranjada demais. Todas as mentiras da Emilia eram assim: tão bem arrumadinhas que todos logo desconfiavam. A negra não acreditou em coisa nenhuma; mas, para se ver livre da atropeladeira, disse:

— Está bom. Faço, sim. Que remedio? Você quando quer uma coisa fica peor que carrapato... e á noite, no serão, fez a canastra nova do tamanho que a atropeladeira queria. Dona Benta apareceu e viu a negra entretida naquilo.

— Hum!... Canastrinha nova... Isso é sinal de Grecia. Pedrinho está com saudades de mais aventuras por lá.

— E sinhá deixa? disse Nastacia, lembrando-se das aflições passadas no labirinto de Creta, quando andou ás voltas com o horrendo Minotauro.

— Eu já disse que não, respondeu a boa velha, mas Pedrinho não acredita nos meus "nãos". Eles querem acompanhar Hercules em seus outros trabalhos...

-Credo! exclamou a preta, sem saber que "trabalhos" eram aqueles - e Narizinho veio pedir á vóvó que falasse de Hercules.

Dona Benta falou.

ANEXO 4

Termo de Doação do Acervo Pessoal de Monteiro Lobato à Biblioteca Infantil Monteiro Lobato (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato).

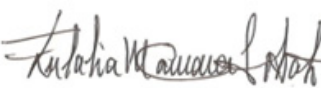
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO		MEMORANDO	
REMETENTE	REFERÊNCIA	DATA	
SEÇÃO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO - BIJ 114	027/99	26.11.99	
DESTINATÁRIO	ASSUNTO		
BIJ 11 - DIRETORIA	Incorporação de bens		

Sra. Diretora

Conforme entendimentos anteriores, solicitamos providências para que sejam incorporados aos bens patrimoniais da Prefeitura do Município de São Paulo, os móveis, documentos e objetos de uso pessoal que pertenceram ao escritor Monteiro Lobato e que foram doados por membros de sua família à Biblioteca Infanto-juvenil Monteiro Lobato, no ano de 1985, conforme consta em cópia do termo de doação - inclusive com a relação dos pertences doados - em anexo.

Pelo valor histórico que cada móvel, documento ou objeto possui e por sua peculiaridade, acreditamos ser necessário um tratamento diferenciado no que se refere à já citada incorporação.

Desde já, agradecemos,

 EULALIA M. CAMARA LOBATO
Bibliotecária-Chefe
Bibliografia e Documentação
BIJ MONTEIRO LOBATO

MO-022

ANEXO 4
(continuação)

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura

TERMO DE DOAÇÃO



PLANILHA
BIBLIOTECA
ACERVO
FOLHA Nº 1

Aos 16 de dezembro de 1985, no edifício da Rua Pires da Mota nº 838, da Cidade de São Paulo, presente o Senhor Gianfrancesco Guarnieri, representando a Secretaria Municipal de Cultura, doravante denominada a DONATÁRIA, compareceram os Senhores Rodrigo Monteiro Lobato, brasileiro (RG nº 2.131.271 e CPF nº 005664208-30), desquitado, "Marchand", residente e domiciliado nesta Capital, à Rua Padre João Manuel nº 1.039 - aptº 151 - CEP. 01411, Marlene Lintz Monteiro Lobato, brasileira (RG nº 2.993.133 e CPF nº 000842138-25), desquitada, Professora, residente e domiciliada nesta Capital, à Av. Padre Pereira de Andrade nº 545, Condomínio Ilha do Sul - Edifício Samburá - aptº 102 - CEP. 05469, Martha Lobato Campos, brasileira (RG nº 847.737 e CPF nº 006234748-91), viúva, do lar, residente e domiciliada nesta Capital, à Rua Taufik Casmamie nº 92 - CEP. 01440, Joyce Campos Kornbluh, brasileira (RG. nº 1.125.534 e CPF nº 052241988-79), casada, Arquiteta, residente e domiciliada nesta Capital, à Rua Taufik Casmamie nº 92 - CEP. 01440 de agora em diante designados os DOADORES. E pelos DOADORES foi dito que são Senhores e legítimos possuidores de objetos de uso pessoal, documentos e móveis que pertenceram ao escritor Monteiro Lobato, identificados na relação anexa, que passa a fazer parte integrante deste termo. E acrescentaram que, nessa qualidade doavam, como de fato doado tem, os mencionados bens à DONATÁRIA, livres de qualquer condição, ônus ou encargo. Pela DONATÁRIA foi dito que aceitava e agradece a doação, obrigando-se a fazer o imediato tombamento dos bens, que deverão integrar definitivamente o acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, do Departamento de Bibliotecas Infância Juvenil, da Secretaria Municipal de Cultura, que neste ato lhe são entregues. Para constar, lavrou-se este termo, o qual lido e achado conforme vai assinado pelas partes e pelas testemunhas abaixo indicadas, a tudo presentes.

ANEXO 4
(continuação)

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura

-2-

TERMO DE DOAÇÃO (continuação)

TESTEMUNHAS:

MARIA HELENA CINTRA DE OLIVEIRA

EDNA FONTANA

GIANFRANCESCO GUARNIERI

RODRIGO MONTEIRO LOBATO

MARLENE LINTZ MONTEIRO LOBATO

MARTHA LOBATO CAMPOS

JOYCE CAMPOS KORNBLUH

ANEXO 4
(continuação)

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura



-3-

RELAÇÃO DE OBJETOS, E DOCUMENTOS DE MONTEIRO LOBATO CEDIDOS À BIBLIOTECA INFANTIL MONTEIRO LOBATO, POR SUA FAMÍLIA.

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
- Pincéis de barba	02
- Navalha	01
- Aparelhos de gilete	03
- Sabão para barba	01
- Carteira de Identificação	04
- Acentador de fio de navalha	01
- Pedra de amolar OK!	01
- Pedra partida de amolar	01
- Calçadeira de sapato	02
- Seringa de injeção OK!	02
- Estojo de pintura aquarela	03
- Cortador de papel	01
- Carimbo	01
- Vidro de remédio homeopático	01
- Álbum de fotografias de formatura	01
- Quadro de fotografia de Monteiro Lobato	01
- Peçaço de costela de Lobato	01
- Título de Eleitor nº 56.994	01
- Disco com entrevista de Lobato	01
- Prato de porcelana com monograma de Lobato	01
- Chapéus	02
- Cachecóis	02
- Suspensórios	03
- Gravatas	07
- Liga para meias	01
- Guarda Chuvas	01
- Coletes	03
- Terno de vestir	01
- Calça	01
- Sobretudo	01
- Manta	01
- Chinelo	01 par
- Caderneta de caução de água	01

ANEXO 4
(continuação)

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura



DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
OK Talão de Cheque do Banco Itaú	01
- Jogo de Xadrez	01
- Atestado de antecedentes	01
- Atestado de saúde	01
- Autorização de viagem para a Argentina	01
- Eletrocardiograma	02
OK - Carteira de anotações de endereços	09
- Descanço de papéis	01
- Pena de bronze (OK)	01
- Quadros em aquarela de Voltolino para ilustrar o Saci	02
- Quadro da Fazenda Buquira feito em aquarela por Lobato	01
- Quadro em aquarela de Lobato de sua residência à Rua José Getúlio, datado de 1931	01
- Abotudadura de metal prateado	01
OK - Carteira da Associação Paulista de Imprensa	01
OK - Álbum com recortes da obra de Lobato publicada em outras línguas	01
OK - Álbum com recortes sobre Lobato e sua obra	03
- Escrivaninha em madeira 1,44 X 0,80	01
- Cadeira estofada com braço em madeira e encosto alto	01
- Banqueta em madeira para apoio dos pés	01
- Mesa console em madeira 1,20 X 0,64	01
- Poltrona em madeira com braço	02
- Banco baú em madeira 1,24 X 0,23	01
- Armário porta chapéu com duas portas 1,15 X 1,66	01
- Estante em madeira para livros com três portas em vidro	01
- Estante aberta com duas prateleiras 1,00 X 0,33	01
- Estante em madeira com duas portas de vidro e 4 prateleiras 1,64 X 0,90	01
- Puff estofado em couro 0,44 X 0,47	01
- Cadeira de balanço modelo austríaco com assento e encosto em palhinha	01
- Criado mudo em madeira fechado e com uma gaveta 0,50 X 0,42	01
- Busto em bronze de Monteiro Lobato do escultor J. Figueira	01
- Máscara mortuária em gesso	01

ANEXO 4
(continuação)

Prefeitura do Município de São Paulo
Secretaria Municipal de Cultura

DESCRIÇÃO



-5-

QUANTIDADE

- Caixa em madeira com tampo de vidro para máscara mortuária 0,27 X 0,31 01
- Máscara mortuária em bronze do escultor Victor Brecheret, com base em mármore 01
- Escultura em bronze de autor desconhecido, intitulada La Garçonne 01
- Fotografias e negativos diversos
- Correspondências diversa entre Lobato, seus editores, familiares e amigos
- Recortes de jornais sobre diversos assuntos
- Livros, revistas e folhetos que pertenceram a coleção particular de Lobato, alguns com anotações de próprio punho do autor, outros com dedicatória de amigos, parentes ou admiradores

postas?

[Handwritten signatures and initials]

ANEXO 4
(continuação)



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Folha de informação nº 07

O memo. nº 027/99 em 26 / 11 / 99 (a)

BIJ G.
Assistência Técnica
a/c. Sr. Nilton

Solicitamos análise e os seus préstimos quanto a essa incorporação, que se refere à doação ocorrida em 1985, quando SMC obrigou-se a fazer o imediato tombamento dos bens (não providenciado até o momento). Esclarecemos que os mesmos encontram-se nesta Biblioteca, sob a responsabilidade da Seção de Bibliografia e Documentação.

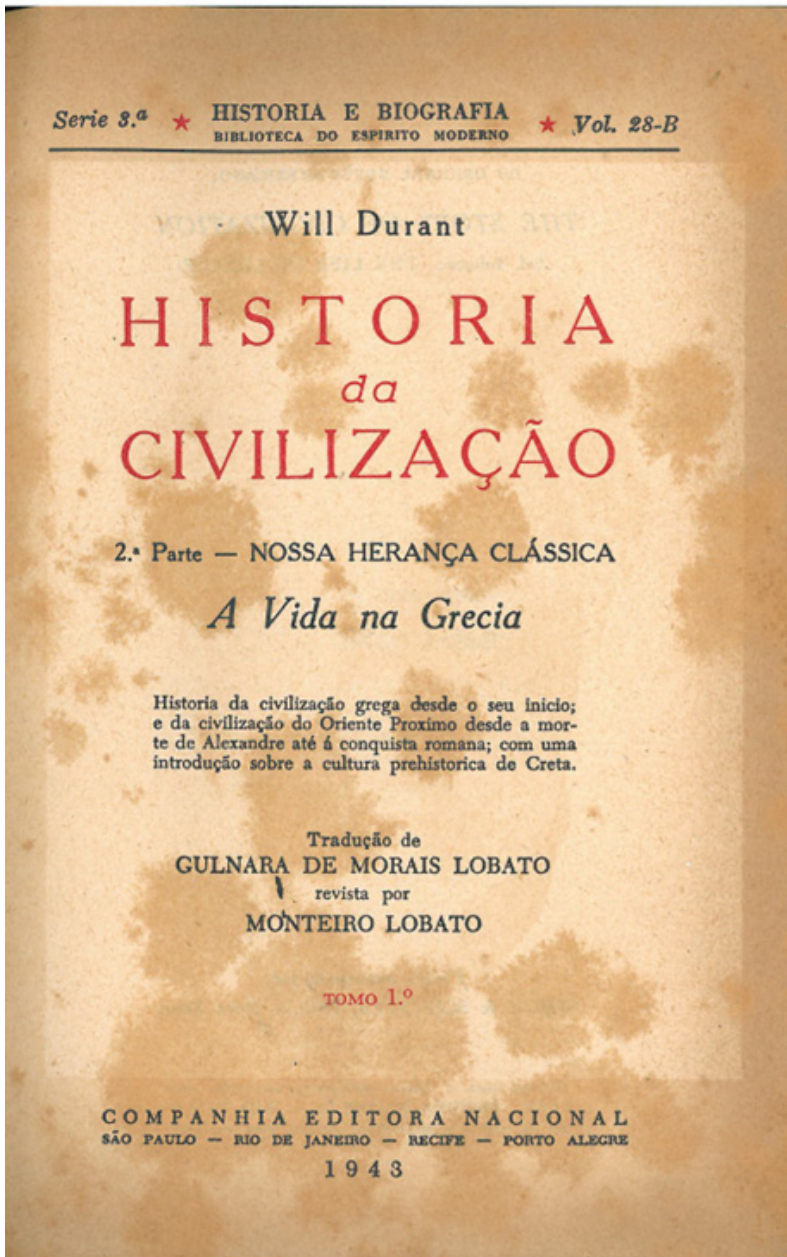
Sem mais para o momento.

S.P. 26/11/99

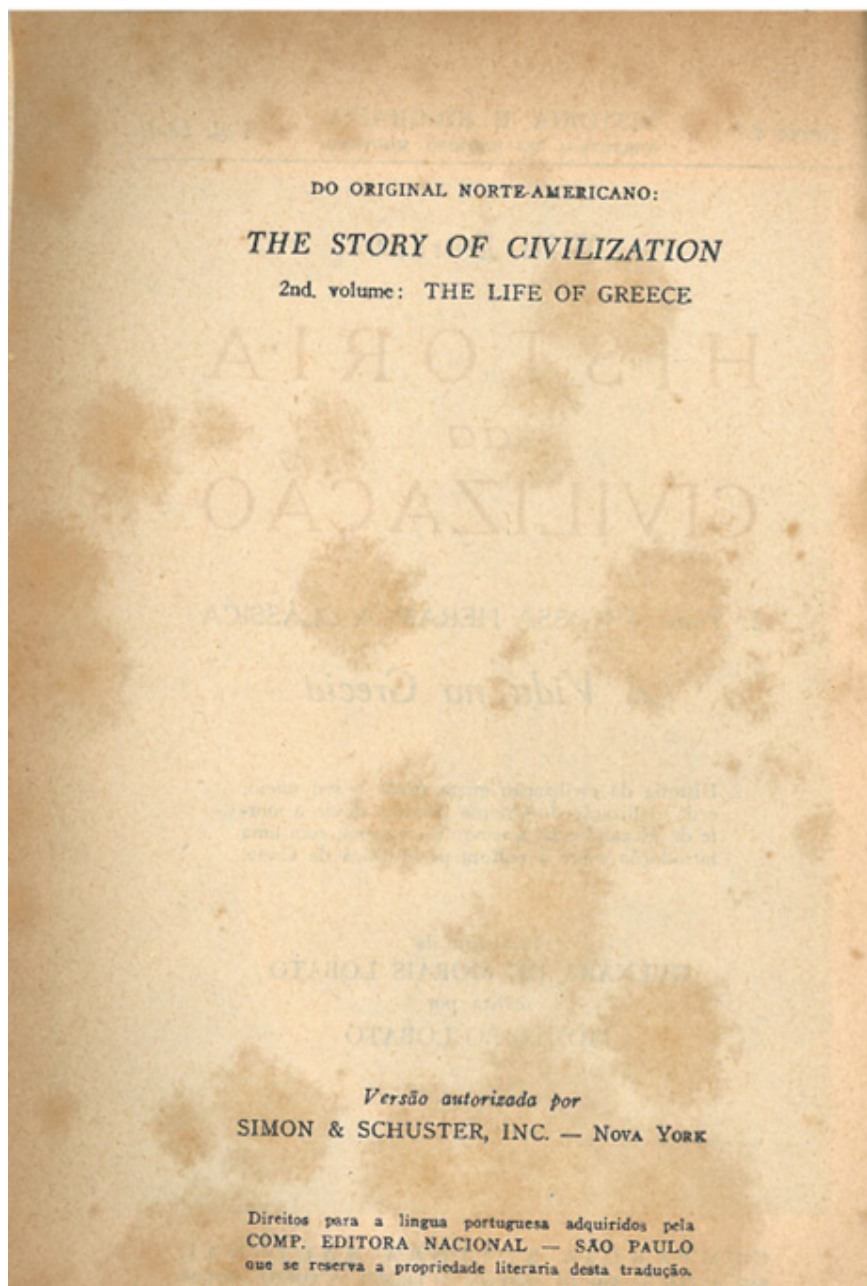

Durvalina Soares Silva
BIJ. Monteliro Lobato
Diretora - BIJ. 11

ANEXO 5

Folha de rosto da 1ª ed. de *História da Civilização: Nossa Herança Clássica – A Vida na Grécia*.



ANEXO 5
(*continuação*)



ANEXO 6

Prefácio de *Os Grandes Pensadores*

Prefácio para a Tradução Brasileira¹⁵⁵

É-me agradável saber que um novo livro meu vai ser dado a um público sul-americano, embora o prazer que eu sinto sofra de apesar de que até agora não ter podido conhecer a América do Sul. Bem informado estou das belezas naturais dos países que a compõem e sei que o panorama do Rio visto do mar, e vice-versa, é uma das sete maravilhas do mundo moderno. Mas o que mais me fascina é o temperamento latino.

Também sou latino, um torturado da sensibilidade e um consumido pela imaginação, em luta para controlar o sentimento romântico pelo estudo do pensamento clássico, com supressão do poeta que sou em proveito duma suspeitável e bem domesticada prosa. Não me sinto em casa no norte, entre hábeis homens de negócio ou sutis diplomatas, ou fleumáticos hiperbóreos; meu anseio é pelo sul da França, pela Itália, pela Espanha, pela América do Sul – por países com sol no sangue e que não matam a ganhar a vida, mas vivem.

E por isso invejo aos meus livros, e desejaria poder segui-los para além do equador e viver algum tempo próximo ao Rio ou a São Paulo, aprendo a Língua que aí se fala, estudando a literatura e (nas entrelinhas) observando as mulheres, que são, afinal de contas, muito mais interessantes que os nossos livros. Mas se o não posso fazer, muita honra sinto em que minhas palavras o possam, e que por meio delas eu fale através de mares e continentes aos sul-americanos amigos dos gênios, e que se deleitam em conversar e refletir sobre os grandes homens. Sei que o espírito latino jamais cometerá o erro setentrional de conceber a história de um modo

155. Apesar de Lobato assinar como tradutor desta obra, essa “autoria” pode ser questionada pelo “estilo” e pela “linguagem rebuscada”, que descaracterizam os textos lobatianos.

impessoal, como um movimento de massas, preços, salários e diagramas. É verdade que pequenas causas produzem grandes efeitos, mas essas causas operam sobre tudo através dos grandes homens e não há razão para que a história escrita não revele alguma coisa dos vícios da história vivida.

Os mais poderosos fatores da história são as ideias. Não necessitamos fazer muito esforço para compreender que, hoje são as ideias – invenções, religiões, filosofias, formas de pensamento falado ou escrito e formas de governo, ideias do indivíduo e da vida nacional – que movem o homem nas crises dos negócios internacionais. As ideias de Nietzsche, por exemplo, influenciaram profundamente Hitler e Mussolini; as ideias de Karl Marx transformaram a vida da Rússia; as de Spengler fazem que cada estadista ponderem sobre o futuro do seu povo e da sua civilização; as ideias de Flaubert influenciariam a metade da literatura da Europa e da América. Neste livro procurei interpretar algumas destas concepções básicas no campo da literatura e da filosofia. Estou convencido que as grandes coisas do nosso século não sairão dos campos de batalha, e sim dos nossos cérebros e dos nossos corações.

WILL DURANT

Great Neck, Nova York, 6 de maio de 1939¹⁵⁶.

156. DURANT, William. *Os Grandes Pensadores*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1946.

As Grécias de Monteiro Lobato: a reconstrução do mundo clássico na obra lobatiana apresenta um pouco do processo de criação do escritor paulista mais famoso da literatura infantil brasileira. Neste livro a autora investiga como Monteiro Lobato criou suas obras que tratam da Grécia como *O Minotauro* (1939) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944) e como o tema clássico atravessa as criações de Lobato para adultos e crianças. Que autores ele lia sobre a Grécia? Como era seu processo de escrita? Ele alterava suas publicações em cada edição? Essas são algumas questões que Raquel Endalécio Martins traz nesta obra. Essa publicação é fruto de um trabalho de pesquisa que começou na graduação, se desenvolveu em um mestrado e ganhou novo corpo como uma publicação universitária destinada a todos os públicos.

As Grécias de Monteiro Lobato: a reconstrução do mundo clássico na obra lobatiana apresenta um pouco do processo de criação do escritor paulista mais famoso da literatura infantil brasileira. Neste livro a autora investiga como Monteiro Lobato criou suas obras que tratam da Grécia como *O Minotauro* (1939) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944) e como o tema clássico atravessa as criações de Lobato para adultos e crianças. Que autores ele lia sobre a Grécia? Como era seu processo de escrita? Ele alterava suas publicações em cada edição? Essas são algumas questões que Raquel Endalécio Martins traz nesta obra. Com o objetivo de detectar fontes bibliográficas do autor, a autora recuperou títulos de livros de sua biblioteca particular, atualmente dispersa, bem como menções a obras focalizando a Hélade em sua correspondência e em outros documentos. Colocando em pauta os processos de criação literária, ela abordou as relações intertextuais entre obras de Lobato e títulos do historiador Will Durant (1885-1981) e do educador Virgil Hillyer (1875-1931), ambos estadunidenses. Explorou também o diálogo epistolar do criador de Urupês com o escritor maranhense Coelho Neto (1864-1934), reconhecido cultor da temática helênica. Essa publicação é fruto de um trabalho de pesquisa que começou na graduação, se desenvolveu em um mestrado e ganhou novo corpo como uma publicação universitária destinada a todos os públicos.

PiMa

